



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

LUANA RIBEIRO DE CARVALHO

Ensino de História: Os Lugares de Memória da antiga Sento-Sé

Universidade Estadual da Bahia
Julho / 2025

LUANA RIBEIRO DE CARVALHO

Ensino de História: Os Lugares de Memória da Antiga Sento-Sé

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado profissional em Ensino de História, Programa de Pós-Graduação Profhistória, da Universidade Estadual da Bahia- UNEB, Campus I como requisito para obtenção de título de Mestrado.

Orientadora: Profª. Drª. Sara Oliveira Farias

Banca examinadora

Profª. Drª. Sara Oliveira Farias-Universidade do Estado Da Bahia-UNEB-(Orientadora)

Profa. Dra. Marilécia Oliveira Santos- Universidade do Estado da Bahia-UNEB-(Examinadora Interna)

Profa. Dra Kênia Sousa Rios- Universidade Federal do Ceará-(Examinadora Externa)

Salvador - 2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pelo SISB/UNEB.
Dados fornecidos pelo próprio autor.

C331e

Carvalho, Luana Ribeiro de

Ensino de História: Os Lugares de Memória da Antiga Sento-Sé / Luana Ribeiro de Carvalho. Orientador(a): Profa.Dra Sara Oliveira Farias. Farias. Salvador, 2025.

132 p : il.

Dissertação (Mestrado Profissional). Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PROFHISTORIA, Salvador. 2025.

Contém referências, anexos e apêndices.

1.Ensino de História. 2.Memórias. 3.Sento-Sé. 4.Fotografias.
5.Espaço Digital. I. Farias,Profa.Dra Sara Oliveira. II. Universidade do Estado da Bahia. Salvador. III. Título.

CDD: 981

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, em especial à minha mãe, que se mostrou uma grande guerreira ao enfrentar situações delicadas neste período em que, por muitas vezes, precisei me ausentar. Dedico também a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para o percurso desta jornada.

Por fim, dedico esta pesquisa à memória do meu irmão, Antônio Ribeiro de Carvalho Filho, que já não está entre nós, mas sempre foi meu maior incentivador. Nas dificuldades, era nele que eu pensava, e espiritualmente sei que ele sempre está presente me acompanhando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por me dar forças para continuar essa caminhada, que foi longa e cheia de pedras pelos caminhos.

A minha tia Carmen por ter estado ao meu lado me dando forças e abrigo no período em que estive por Salvador.

A Maria Luíza a quem chamo carinhosamente de Lu. Uma mãe que ganhei de presente
De modo especial a minha orientadora Sara Oliveira Farias pela paciência e por acreditar
no meu trabalho, suas contribuições foram fundamentais.

A professora Marilécia pelo carinho, e por ter sempre sido muito atenciosa e
incentivadora do meu trabalho.

A professora Kênia Rios, pelas considerações e orientações.

A tio Cordeiro (In memória) com suas conversas e palavras de incentivos e pelo abrigo
em sua casa também.

A Alison, por sempre se mostrar disponível e presente para me ajudar no que fosse
necessário.

Aos meus colegas de Turma do professor 2023 vocês foram essenciais para tornar essa
caminhada menos penosa, o apoio, a parceria, o carinho, as trocas.

À equipe gestora do Colégio Municipal Custódio Sento-Sé, aos meus colegas
professores, aos funcionários pelo apoio.

A Mayumi pelo apoio e força no trabalho.

Aos meus queridos colaboradores que participaram das entrevistas e aos estudantes que
permitiram a pesquisa, pela confiança.

A Filipe por ter me ajudado com a construção do Instagram sem você meu estimado
amigo de todas as horas eu não conseguaria.

A Sandra e Elivanete, colegas de turma e presente do profhistória, que sempre estiveram
presentes, mesmo no momento mais distante, período da escrita.

A Maria Bonita por ter lembrado-me de fazer a inscrição no processo seletivo do
Profhistória, sem não estaria aqui.

O meu tio Dr. Ruy, professor que sempre foi inspiração para mim pela sua garra e força
de vontade.

À todos que cruzaram meu caminho nessa jornada, e me acalentaram com palavras de
incentivo.

Resumo

O presente trabalho, intitulado “Ensino de História: Os Lugares de Memória da Antiga Sento-Sé, insere-se na linha de Pesquisa Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória. Teve como objetivo investigar que memórias foram criadas entre os discentes, seus familiares e comunidade, partir da construção da barragem de Sobradinho na década de 1970. A pesquisa foi desenvolvida no Colégio Municipal Custódio Sento-Sé, com as turmas dos 8 anos (A, B e C). Por meio de formações com os alunos e entrevistas com pessoas da comunidade, tendo como principal base metodológica a história oral complementada com documentos, fotografias. A partir desse material se construiu um Espaço de Memória Digital na plataforma Instagram destinado a ser utilizado nas aulas de História e também acessado pela comunidade, que poderá contribuir com a ampliação do acervo e das discussões. A proposta é que o espaço seja interativo e possa contribuir para o Ensino de História por meio das memórias. Através das oficinas verificou-se que uma parcela dos alunos tem um conhecimento ainda que tímido da antiga cidade revelado através de desenhos enquanto a maioria, reproduziu a cidade nova e que modelo de aula é bastante dinâmico. As entrevistas evidenciaram memórias sobre a antiga Sento-Sé, o processo de deslocamento ocasionado pela construção da barragem e os lugares de memória que permanecem vivos no imaginário coletivo. As fotografias, obtidas por meio de uma colaboradora e de pesquisa própria, possibilitaram identificar e registrar esses espaços, contribuindo para a preservação das memórias.

Palavras-Chaves: Ensino de História; Memória; Fotografias e Espaço de Memória digital; Sento-Sé.

Abstract

This study, entitled “History Teaching: Places of Memory of the Old Sento-Sé,” falls within the research line Historical Knowledge in Different Memory Spaces. It aimed to investigate the memories constructed among students, their families, and the community following the construction of the Sobradinho Dam in the 1970s. The research was carried out at Colégio Municipal Custódio Sento-Sé with 8th-grade classes (A, B, and C), through educational workshops with students and interviews with community members, using oral history as the main methodological approach, complemented by documents and photographs. Based on this material, a Digital Memory Space was created on Instagram, designed to be used in History classes and accessed by the community, with the possibility of expanding the collection and fostering further discussions. The proposal is for this space to be interactive and contribute to History teaching through local memories. The workshops revealed that a portion of the students had some, albeit limited, knowledge of the old city, expressed through drawings, while most reproduced the new city, showing how dynamic this teaching model can be. The interviews highlighted memories of the old Sento-Sé, the displacement process caused by the dam’s construction, and the places of memory that remain alive in the community’s collective imagination. The photographs, obtained through a collaborator and additional research, made it possible to identify and document these spaces, contributing to the preservation of these memories.

Keywords: History Teaching; Memory; Photographs and Digital Memory Space, Sento-Sé

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I.....	15
1 Do vale a cidade submersa: o que contam sobre a história e sociedade de Sento-Sé	15
1.1 A Cidade Submersa	16
1. 2 O dilema da barragem.....	19
1.3 A Nova Sento-Sé	27
1.4 Ensino de história e memória	35
CAPÍTULO II.....	41
2 Nas Trilhas da Pesquisa: Saberes, Memórias e Documentos	41
2.1 Revirando o baú de Memória	42
2.2 Fontes Históricas	53
2.3 Memória e os Lugares de memória, o que são?	60
2.4 A Ditadura Militar e a Construção da Barragem de Sobradinho.....	64
2.5 História Oral: Entrevistas, como fazer	76
CAPÍTULO III	83
3 Espaço de Memória digital no Instagram: Memórias, Imagens e Narrativas.....	83
3.1 A imagem como fonte: O uso da fotografia na construção da memória	83
3.2 Entrevistas: Revirando o passado Submerso	87
3.3 Mídias Sociais e o Ensino de História: Potencialidades e desafios	104
3.4 O Espaço de Memória Digital: proposta, curadoria	108
Considerações Finais	119
REFERÊNCIAS.....	121
ANEXO 1 – Fotografias da antiga Sento-Sé.....	126

INTRODUÇÃO

Os professores travam diariamente, uma busca em tornar as aulas de história mais atrativas e próximas para nossos educandos. Este estudo, segue a linha de pesquisa: *Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória*. Além de buscar melhorias para aulas de História, traz em si um forte apelo sentimental, pois conta a história de um povo que teve suas memórias submersas pela construção da barragem de Sobradinho, localizada na região do Vale do São Francisco.

A pesquisa consiste em pensar o Ensino da História a partir das memórias, os lugares de memórias da antiga cidade de Sento-Sé (BA). Para isso iremos investigar que memórias foram criadas entre os discentes dos 8º e 9º anos matutino do Colégio Municipal Custódio Sento-Sé, juntos a comunidade a partir da construção da barragem de Sobradinho. Alguns dos objetivos são trabalhar quais eram os lugares de memórias da antiga Sento-Sé e como era essa cidade antes da construção da barragem.

Sou nascida em Sento-Sé e no período do Ensino Fundamental lembro que não gostava das aulas de História, na época a professora ainda usava aquele método bem tradicional de decorar datas, isso com certeza era um dos motivos da minha aversão à disciplina. No Ensino Médio começou meu interesse pela História, ao findar o Ensino Fundamental II, me mudei junto com meu irmão e alguns primos para Juazeiro (BA), a fim de cursar o Ensino Médio, pois na minha cidade só tinha magistério e na época eu não cogitava a possibilidade de ser educadora. Assim que ingressei no Ensino Médio, conheci uma professora de História chamada Janes, que posso afirmar ser a responsável por hoje eu estar aqui. Recordo-me de suas aulas pois, foi nesse momento que eu comecei a gostar de História, digamos que passou a ser minha disciplina predileta. Chegando ao fim do Ensino Médio, estava decidida a cursar Direito, mas não passei no vestibular na época, nesse mesmo período também fiz o vestibular para o curso de Licenciatura em História, na UPE - Universidade Estadual de Pernambuco - Petrolina, fui aprovada, e iniciei a jornada acadêmica.

Após terminar o curso, iniciei minha carreira como professora no município de Sento-Sé, lá se vão mais de 12 anos de sala de aula, e cada vez mais tenho percebido um desinteresse por parte dos discentes pelas aulas de História, quase tudo é mais interessante que as aulas, os joguinhos, o TikTok , etc. E percebi uma oportunidade de pesquisar sobre as memórias do meu lugar. Desde muito nova, sempre senti que algo me faltava, sentia falta dos casarões, das casas com arquitetura colonial, que contam histórias. Em Sento-Sé, devido à construção da barragem,

estes patrimônios foram destruídos, restando apenas as ruínas, que emergem no período de estiagem do rio.

Além do interesse como professora, e, agora, depois do ProfHistória, como professora-pesquisadora, carrego também um interesse de cunho pessoal e afetivo. Nasci em Sento-Sé (Nova cidade) e, embora não tenha vivido na antiga cidade, sempre tive a sensação de que algo me faltava, uma ausência que não era apenas da cidade física, mas que também se refletia, como uma lacuna de identidade e uma nostalgia.

Tenho paixão por casarões antigos e adoro viajar para cidades que ainda preservam esses patrimônios, mas, como minha cidade foi inundada pelas águas do rio São Francisco, tais patrimônios ficaram submersos. Algo que sempre me inquietou foi a ausência de um museu ou memorial na cidade que mantivesse essa história viva, para que as gerações futuras possam ter conhecimento de toda essa trajetória, esses lugares de memórias que já não mais existem fisicamente, permanecendo apenas nas lembranças das pessoas que lá viveram e nas fotografias.

Quando cheguei no ProfHistória, minha ideia inicial era a construção de um museu como solução mediadora da aprendizagem. O sonho era que fosse físico, mas o virtual já seria um bom começo. No decorrer das aulas, fui compreendendo melhor o processo. Nas conversas, nas aulas junto aos professores e aos colegas, percebi que, para o momento, a ideia não era viável.

Sendo assim, mudei a rota no que diz respeito à solução mediadora da aprendizagem, que será a construção de um Espaço de Memória Digital, com fotografias e depoimentos dos ribeirinhos que residiam na antiga cidade. Investigaremos, junto aos alunos e seus familiares, moradores da velha Sento-Sé, como era essa antiga cidade, como eram os lugares de memórias, quais recordações eles trazem consigo. Também abordaremos como foi o processo de mudança, que, para alguns, foi bastante doloroso, enquanto para outros, sobressaiu a esperança de uma vida melhor.

Na busca por trabalhos no repositório de dissertações do ProfHistória, encontrei duas dissertações que dialogam com a proposta da minha pesquisa. A primeira é a da egressa Neta Dulcirene Valente, também segue a linha de pesquisa: *Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória*. Sua investigação consiste em explorar os “lugares de recordação” da cidade de Jacundá, antes e depois da construção da Hidrelétrica de Tucuruí, abordando, ainda, as identidades que se desenvolvem especificamente na Vila Arraias. Assim como em Sento-Sé, a população teve que ser relocada, devido à construção da usina hidrelétrica de Tucuruí, vivenciando dilemas semelhantes.

Valente (2022) trabalhou o Ensino de História na perspectiva da memória, investigando os lugares de recordação da antiga Jacundá. Já a pesquisa do egresso Adalbério dos Santos Freitas, intitulada “Ensino de História e Mundo do Trabalho: desenvolvimento de memorial digital acerca das relações de trabalho na produção de artefatos de couro em Ipirá-Ba”, produz um memorial digital no Instagram, o Memorial do Couro, que servirá de inspiração para minha solução mediadora da aprendizagem. A pesquisa foi realizada no Colégio Municipal Custódio Sento-Sé, com a turma do 8º e 9º ano do turno matutino do Ensino Fundamental. Esse nível de ensino, de matrícula obrigatória para crianças a partir dos seis anos de idade, é dividido em duas fases sequenciais com características próprias: Os anos iniciais, com cinco anos de duração, voltados para estudantes de seis a dez anos, e os Anos Finais, com quatro anos de duração, destinados a alunos de 11 a 14 anos. O colégio em questão atende exclusivamente aos anos finais.

Como parte integrante da pesquisa, foram realizadas formações ou aulas-oficinas com os discentes. Nelas, investigamos, através de desenhos, quais memórias os alunos construíram junto à comunidade sobre a antiga Sento-Sé, antes da construção da barragem de Sobradinho. Buscou-se, nesses momentos, destacar pontos importantes que vão da compreensão das memórias até o contexto sociopolítico em que foram criadas.

Com isso, as oficinas assumiram papel central não apenas como recurso metodológico da pesquisa, mas também como ação formativa fortalecendo o uso da História Oral e da Memória como fortes aliados no Ensino de História.

Nas aulas de História são constantes os questionamentos dos discentes, quanto a relevância do estudo da disciplina. Muitos fazem perguntas como: Para que estudar História? Para que serve estudar História? ou afirmam: “Quem vive de passado é museu”. “História é coisa do passado”.

Nos deparamos constantemente com essas questões em sala de aula, que não são somente questões atuais, Marc Bloch um dos fundadores da Escola de Annales já apresentava esses questionamentos em seu livro o Ofício do Historiador,

"Papai, então me explica para que serve a história." Assim um garoto, de quem gosto muito, interrogava há poucos anos um pai historiador. Sobre o livro que se vai ler, gostaria de poder dizer que é minha resposta. Pois não imagino, para um escritor, elogio mais belo do que saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares. Mas simplicidade tão apurada é privilégio de alguns raros eleitos. Pelo menos conservarei aqui de bom grado essa pergunta como epígrafe, pergunta de uma criança cuja sede de saber eu talvez não tenha, naquele momento, conseguido satisfazer muito bem. Alguns, provavelmente, julgarão sua formulação ingênua. Parece-me, ao contrário, mais que pertinente. O problema que ela coloca, com a incisiva objetividade dessa

idade implacável, não é nada menos do que o da legitimidade da história. (Bloch, 2002, p. 41)

Le Goff, em seu livro, também analisa as dificuldades de entendimento em relação a História como ciência e os desafios que envolvem falar sobre ela:

Estamos quase todos convencidos de que história não é uma ciência como as outras, sem contar com aqueles que não a consideram uma ciência. Falar de História não é fácil, mas estas dificuldades de linguagem introduzem-nos no próprio âmago das ambiguidades da história. (Le Goff, 1990, p.17)

Partindo dessas considerações dos teóricos citados, ensinar história não é tarefa fácil. Não se trata apenas de transmitir ou narrar fatos dispostos nos livros didáticos, mas sim problematizar, de levar os alunos a refletirem de forma crítica sobre o que lhes é apresentado.

Segundo Verena Alberti, essa aprendizagem histórica que buscamos promover nas aulas de história, só acontece quando o aluno, provocado pelo docente, é capaz de buscar possíveis respostas para determinados problemas. Para isso, é necessário que o professor seja também pesquisador, e que seus alunos, trabalhem com questões problemas, que os conduzam à construção do seu próprio entendimento sobre o passado, tal como faz o historiador. Assim,

“...a pergunta problema deve levar a possíveis respostas, e é dessa forma aprendendo a sistematizar seu conhecimento e a comunicar sobre o passado, que o aluno aprende a pensar historicamente.” (Alberti, 2017, p.63).

Bloch (2001, p.55) afirma ainda que a “história é a ciência dos homens no tempo”, partindo dessa concepção, compreendemos que a história não está restrita apenas aos fatos do passado, mas também se relaciona aos acontecimentos do presente.

Nesse sentido, o Ensino de História enfrenta grandes desafios, entre eles, o de formar cidadãos críticos e participativos. Mas será que estamos, de fato, formando esses cidadãos? Como formar um cidadão crítico, com uma carga horária tão reduzida? No ensino fundamental, por exemplo, a carga horária varia de 60 a 120 horas por série.

Mas ainda, como é formado o docente que irá ensinar História? Erinaldo Cavalcanti (2022), em um dos seus estudos faz uma análise de 27 Projetos Políticos- Pedagógicos (PPPs) dos cursos de licenciatura ofertados por universidades federais. Nessa pesquisa, o autor percebeu que há uma grande variação na quantidade de disciplinas voltadas ao Ensino de História e em suas respectivas cargas horárias. Ele infere que prevalecem arranjos diferenciados, em que cada universidade, de acordo com seus interesses, determinam a

quantidade de disciplinas, a carga horária e, que ainda seguem o modelo tradicional quadripartite eurocêntrico (antiga, medieval, moderna e contemporânea),

A análise colocada até o momento deu conta de refletir sobre a configuração dos PPPs em termos de quantidade de disciplinas, carga horária e distribuição dos componentes curriculares voltados a tematizar o Ensino de História. Pelos registros catalogados, percebemos a prevalência de uma configuração diversa sobre como é representado o lugar ocupado pelo ensino de História nas disciplinas que se encarregam desse debate. Prevalecem arranjos variados que indicam uma quantidade diferente de componentes voltados para o tema aqui analisado. Também não há consenso quanto à carga horária, os referidos componentes, e não encontramos um padrão na forma como as discussões são entendidas e alocadas nos percursos curriculares. Encontramos PPPs que definem disciplinas específicas para o debate, e outros que sinalizam que as reflexões são diluídas durante o percurso formativo, inserindo as considerações sobre o ensino de História nos componentes julgados clássicos (entre os conteúdos historiográficos), como História Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea e do Brasil. (Cavalcanti, 2022, p.260)

Refletir sobre o Ensino de História exige repensar a formação docente, como apontam Monteiro (2013) e Cavalcante (2022), ao problematizarem a permanência de paradigmas tradicionais nos cursos de licenciatura e defenderem a necessidade de novas práticas que atendam às demandas contemporâneas.

Reconheço que, durante minha graduação, nutria grande interesse pelas disciplinas teóricas, mas não valorizava as pedagógicas. Somente na vivência da docência comprehendi sua real importância — compreensão que se aprofundou com minha entrada no ProfHistória.

A proposta do ProfHistória, voltada à formação continuada e à valorização do cotidiano escolar como campo de pesquisa e reflexão, inspirou-me a desenvolver uma abordagem didática baseada nas memórias da antiga Sento-Sé e em seus lugares de memória.

Acreditamos que trabalhar o Ensino de História a partir das memórias é um caminho potente para a construção do conhecimento histórico. Por meio da reconstrução dessas memórias, é possível associar o passado à vivência presente e ressignificar a própria História. O espaço escolar, nesse contexto, revela-se o ambiente ideal para essa prática, uma vez que os alunos carregam saberes herdados de seus familiares, muitos dos quais vivenciaram a antiga cidade.

Nossos alunos, ao chegarem à escola são portadores de saberes, referências construídas nos grupos familiares que cultivam suas memórias: sejam memórias de trabalhadores, migrantes nordestinos, desempregados, de lutas e combates diários pela sobrevivência, referências étnicas, religiosas que oferecem explicações do mundo e de seu devenir. (Monteiro, 2007, p.12).

A pesquisa propõe-se a seguir uma abordagem de natureza qualitativa, voltada à exploração de aspectos subjetivos do fenômeno social estudado, sem recorrer à quantificação de comportamentos humanos.

A perspectiva qualitativa na pesquisa possibilita ao pesquisador desvelar e interpretar a fala dos entrevistados (...) A análise qualitativa é essencial para o entendimento da realidade humana, das dificuldades vivenciadas, das atitudes e dos comportamentos dos sujeitos envolvidos, constituindo-se um suporte teórico essencial. (Ferreira, 2015, p.17).

Com o objetivo de investigar, por meio de documentos (como fotografias) e entrevistas, como as memórias sobre a cidade de Sento-Sé, antes da construção da barragem de Sobradinho, no início da década de 1970, foram construídas pelos discentes, seus familiares e demais moradores, seguimos a trilha da História Oral como método procedural, segundo Meihy:

A história Oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definições de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais, transcrição e estabelecimento de texto; conferência do produto escrito; autorização para uso..." (Meihy, 2023, p.15).

A história Oral, como aponta Thompson (1992), é uma narrativa centrada nas pessoas. Ela coloca no cerne da história as vidas de sujeitos considerados comuns, permitindo que heróis do povo, em geral anônimos, sejam reconhecidos. Esse método aproxima alunos e professores no processo investigativo e promove o diálogo entre gerações e diferentes classes sociais. Como afirma o autor: "Em suma contribui para formar seres humanos mais completos paralelamente a história oral propõem um desafio aos mitos consagrados da história ao juiz autoritário inerente à sua tradição e oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história". (Thompson, 1992, p.44).

A pesquisa contou com a contribuição de moradores da comunidade de Sento-Sé que vivenciaram a cidade antiga, antes da construção da barragem de Sobradinho. Por meio de entrevistas semiestruturadas, foi possível acessar memórias que resistem ao tempo e ao apagamento causado pelo deslocamento da comunidade. Ao todo, participaram cinco colaboradores: três entrevistas foram feitas na escola, com a participação dos estudantes, e duas foram conduzidas individualmente pela pesquisadora.

A dissertação está estruturada em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. O Capítulo I, intitulado "Do Vale a cidade submersa: o que contam sobre a história e sociedade de Sento-Sé", contextualiza historicamente o município, destacando aspectos sociais,

culturais, políticos e econômicos que marcaram a sua trajetória. Além de resgatar características da antiga cidade, busca-se situar o leitor no território que serve de base para a pesquisa, evidenciando os processos históricos que atravessaram essa comunidade e que, até hoje, reverberam na construção de sua identidade. Nesse contexto, cidades como Sento-Sé, Casa Nova, Pilão Arcado e Remanso foram submersas com a construção da barragem de Sobradinho na década de 1970, exigindo a reorganização de suas populações em novos espaços.

Este capítulo está organizado em quatro subseções: "A cidade submersa", que aborda questões relacionadas à antiga Sento-Sé, uma cidade que não existe mais; "Os dilemas das barragens", que discutem brevemente a construção da barragem e seus impactos na sociedade; "A nova cidade", que apresenta características da nova Sento-Sé; e Ensino de História e Memória, que discute a articulação entre memória e prática docente.

O Capítulo II, "Nas Trilhas da Pesquisa: Saberes, Memórias e Documentos", apresenta a formação realizada com os alunos dos 8º anos do turno matutino do Colégio Municipal Custódio Sento-Sé, com a participação voluntária de alguns estudantes do 9º ano. O capítulo detalha o preparo dos alunos para a investigação, considerando que eles ocupam simultaneamente, os papéis de agentes ativos da pesquisa e participantes do processo investigativo.

Memórias, Imagens e Narrativa", apresenta a solução mediadora da aprendizagem desenvolvida no decorrer da investigação: o Espaço de Memória Digital no Instagram desenvolvido como produto didático, resultado da nossa investigação e das oficinas realizadas. Para tanto, trazemos discussões do percurso percorrido para chegar ao produto didático A partir da análise de entrevistas fotografias da cidade de Sento-Sé, o Espaço de Memória levanta um diálogo entre o passado e o presente, combinando narrativa e registros históricos.

CAPÍTULO I

1 Do vale a cidade submersa: o que contam sobre a história e sociedade de Sento-Sé

Este capítulo tem como objetivo apresentar o contexto sócio-histórico da cidade de Sento-Sé, buscando destacar os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos que marcaram a trajetória dos sentossenses. Além de resgatar as características da antiga cidade, pretende-se também situar o leitor sobre o território que serve de base para esta pesquisa, compreendendo os processos que atravessaram essa comunidade e que, até hoje, reverberam na construção de sua identidade.

A antiga cidade de Sento-Sé foi submersa pelas águas do rio São Francisco em virtude da construção da Barragem de Sobradinho, na década de 1970. Com isso, a população local foi obrigada a deixar seu lugar de origem e se deslocar para uma nova área, construída para abrigar os antigos moradores. Esse processo não se deu sem traumas: além das perdas materiais, a comunidade sofreu impactos profundos em seus modos de vida, em suas relações sociais e culturais, no sentimento de pertencimento e nas memórias coletivas que passaram a ser ressignificadas a partir dessa ruptura (Barros, 2003).

Compreender o percurso histórico é fundamental para refletirmos sobre os processos de construção da memória, da identidade e do sentimento de pertencimento dessa comunidade. É esse entendimento que fundamenta a proposta pedagógica que será desenvolvida no terceiro capítulo desta dissertação, por meio da construção de um Espaço de Memória Digital no Instagram, onde serão compartilhados fotografias, relatos e memórias dos moradores que viveram na antiga Sento-Sé, preservando assim uma parte significativa da história local.

(...) A memória dos habitantes faz com que eles percebam na fisionomia da cidade sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem isso, a população urbana não tem condições de compreender a história da sua cidade, como seu espaço urbano foi produzido pelos homens através dos tempos, nem a origem do processo que a caracterizou. Enfim, sem a memória não se pode situar na própria cidade pois, perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadãos direitos e deveres e sujeitos da história. (Oriá, 2002, p.139).

A pesquisa foi realizada no Colégio Municipal Custódio Sento-Sé, com as turmas dos 8 anos (A, B, C) e colaboração de algumas alunas do 9º ano A, do turno matutino do Ensino Fundamental (E.F). O E.F tem nove anos de duração e é de matrícula obrigatória para as

crianças a partir dos 6 anos de idade. Este ciclo educacional está dividido em duas fases sequenciais com características próprias: os anos iniciais, que têm cinco anos de duração e são, em regra, destinados a estudantes de 6 a 10 anos de idade, e os anos finais, com duração de quatro anos, voltados para alunos de 11 a 14 anos. O Colégio em questão atende aos anos finais.

Para compreender e refletir sobre o Ensino de História a partir das memórias da antiga cidade de Sento-Sé, é imprescindível situar o leitor no contexto sócio-histórico que envolve esse território e sua população. Nesse sentido, este capítulo está organizado em quatro subseções, que buscam apresentar os principais aspectos históricos, sociais e culturais relacionados ao objeto de estudo.

1.1 A Cidade Submersa

Vamos mergulhar na História da cidade de Sento-Sé, começando pela origem do seu nome. Para compreendermos iniciarei citando o trabalho de um colega e conterrâneo, Elielton Cordeiro da Paixão, que escreveu um artigo intitulado "Por que chamamos Sento-Sé?".

Certa feita, conversando com um colega, fui questionado sobre o padroeiro “Santo Sé”. Reagi com uma leve risada e passei a explicar-lhe que a grafia correta é: “Sento Sé”, e, portanto, nada tem a ver com “santos ou padroeiros”, e sim com indígenas. E qual sentoseense ainda não passou por situação semelhante? É preciso relevar, pois sabemos como o aspecto religioso influenciou na toponímia do Brasil, mas também cumpre aproveitar essas oportunidades para explicar de forma fundamentada a gênese do nome de nossa terra natal. O constante equívoco, por certo acontece, também, pela existência do termo “Santa Sé”, que designa, no âmbito da Igreja Católica, seu conjunto administrativo presente no Estado do Vaticano. (Paixão, 2023, p.3).

A História que nos foi narrada é de que o nome “Sento-Sé” se originou de uma tribo indígena que habitava a região chamada tribo Centucé¹ desde muito pequena, escuto esse enredo. Assim que comecei a trabalhar no Colégio Municipal Custódio Sento-Sé, geralmente em momentos de ACs (Atividades Complementares-Planejamento), entre uma conversa e outra surge o assunto, e alguns colegas me diziam que havia divergência quanto a origem do nome da cidade. O que de fato se sabe é que o nome é de origem indígena e,a questão que gera discussões diz respeito ao fato de que alguns autores se referem a sua origem como da tribo e outros ao cacique, como veremos abaixo. A região do médio São Francisco² ,como muitas regiões do país era ocupada por povos indígenas, antes da chegada do europeu.

¹ Essa narrativa se encontra presente na comunidade, desde pequena escuto essa versão, tanto nas conversas informais, quanto no contexto escolar. Aqui revela-se a tradição oral que é ao longo do tempo, sem registro oficial.

² A bacia hidrográfica do rio São Francisco corresponde a 8% do território nacional. Com uma extensão de 2.863 km e uma área de drenagem de mais de 639.219 km², estende-se desde Minas Gerais, onde o rio nasce, na Serra

Conforme pesquisas feitas por Adzamara Palha Amaral (2019), o nome da cidade originou-se de uma tribo indígena que habitava a região,

A história do nome da cidade de Sento-Sé originou-se de uma tribo de indígenas. De acordo com o relatório do Centro de Implantação do Reservatório de Sobradinho (CIRES, 1980), após uma invasão dos portugueses que ocasionou em uma luta entre índios e brancos, o chefe da tribo foi vencido e obrigado a morar com os portugueses no povoado. Lá ele conheceu uma mulher descendente de portugueses e tiveram um filho que recebeu o nome de Centocê, com o passar dos anos, o lugar passou a se chamar Sento-Sé” (Amaral, 2019, p.22)

Entretanto, há divergência entre autores quanto a origem do nome, Romualdo Leal Vieira em seu livro “Sento-Sé Rico e Ignoto” afirma que o nome da cidade se originou do nome do cacique indígena chamado Cento-Ce e que posteriormente passou a chamar-se Sento Sé,

Na colonização do rio São Francisco, o índio Cento-Ce”, chefe vencido, veio da povoação Aldeia para Sento-Sé, aí casando-se com uma descendente de português”. Segundo soubemos, o Dr. Cícero Peregrino, que foi diretor da Biblioteca Nacional, opinava que o nome de Sento-Sé, vinha da frase indígena “séde de uma herdade cultivada. (Leal, 1957, p. 151).

Assim como outras regiões do país, Sento-Sé era ocupada por indígenas. O seu processo de exploração remonta aos ciclos econômicos da cana-de-açúcar no Vale do São Francisco e a prática da pecuária extensiva. Belchior Dias, foi o primeiro bandeirante a percorrer a região em 1593, em busca das sonhadas minas de prata. Nessa viagem encontrou os índios Urucés em Sento-Sé, os Galaches em Remanso, os Cariris em Juazeiro, os Massacará no Salitre e os Tamoquim em Sobradinho. No início do século XVII, embaixadores da Casa da Torre³ Garcia D`Ávila introduziram no vale do São Francisco ou melhor às margens do rio Opara (Kern, 2018), como era chamado o rio pelos indígenas que habitavam a região, os primeiros currais que deram origem aos povoamentos ribeirinhos. Iniciava-se assim a exploração econômica da região e da cidade de Sento-Sé.

da Canastra, até o Oceano Atlântico, onde deságua, na divisa dos estados de Alagoas e de Sergipe. Essa vasta área integra as regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste do país, percorrendo 505 municípios, em seis estados (Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe), além do Distrito Federal. Constituindo uma das 12 regiões hidrográficas brasileiras, a bacia foi dividida, para fins de planejamento, em quatro zonas ou regiões fisiográficas: Alto, Médio, Submédio e Baixo São Francisco. (Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, 2024).

³ Construída no alto da Colina de Tatuapara, a Casa da Torre de Garcia D`ávila é a primeira grande edificação civil portuguesa no Brasil e foi um marco do início da colonização no país. O monumento foi construído entre 1551 e 1624 e, inicialmente, foi utilizado como uma fortificação para proteger o território colonial de Portugal, devido a sua localização estratégica. Mais tarde, se tornou a sede do maior latifúndio da época, que se estendia da Bahia até o Maranhão. Durante três séculos, o monumento foi habitado por 10 gerações da família Garcia D`ávila e foi palco de um dos maiores acontecimentos da época (Fundação Garcia D`Ávila, s.d.).

Aos pés da Serra do Mulungu, na margem direita do Rio Opará, o elemento colonizador, que desde os finais do século XVI, já vinha avançando sobre a região ribeirinha, construindo currais e estabelecendo feitorias, resolveu instalar-se ali, para melhor administrar e fiscalizar sua imensa sesmaria. Aqueles eram os emissários da Casa da Torre, gente de Garcia d'Ávila Pereira de Aragão. Assim, entre a Serra do Mulungu e o Rio Opará, construíram uma Casa Grande que passou a servir como uma espécie de feitoria da Casa da Torre. (Paixão, 2023, p.3)

De acordo com informações apresentadas por Paixão (2023, p. 4), Kestering (2021) menciona que os D'Ávila construíram uma casa que, devido à importância e ao poder de seus ocupantes, ficou conhecida como Vila Imperial. Ainda segundo Paixão, os D'Ávila da Casa da Torre possuíam cerca de 340 léguas de terra às margens do Rio São Francisco, rivalizando com os descendentes da Casa da Ponte, cujos domínios se localizavam na parte superior do Rio Opará (atual São Francisco), em terras concedidas pela Coroa Portuguesa para a ocupação e exploração do território baiano.

Assim, aos poucos vai se formando o vilarejo, que passa a se chamar Vila Imperial devido a origem dos seus donatários e a construção da Casa Grande. Mais um dos nomes que foram dados a nossa cidade, que atualmente chama-se Sento-Sé. Em 06 de julho de 1832, criou-se o município, por um decreto provincial e em 21 de novembro de 1883 foi ratificada a emancipação política da cidade antiga.

A economia girava em torno de atividades, como a agricultura, pastoreio e pesca, Segundo Barros,

Antes da barragem de Sobradinho, a agricultura desenvolvida na região era de subsistência, praticada nas ilhas, nos “lameiros” (aluvões, deixados pelas vazantes do rio) e nas áreas de sequeiro (caatinga). As culturas eram temporárias, permanentes ou semipermanentes. As principais culturas temporárias eram basicamente o feijão, o milho, a mandioca, a batata doce, a melancia, a abóbora dentre outras. As culturas permanentes e semipermanentes eram o limão, a banana, o melão, a manga, a cana-de-açúcar, o coco, a laranja, a goiaba e outras. (Barros, 2003, p.5).

Outra atividade econômica que era uma das principais fontes de renda de muitas famílias na antiga cidade era a extração da carnaúba. “A palmeira nativa oferece uma infinidade de usos para a indústria farmacêutica, cosmética, alimentícia e de revestimentos”. (Amaral, 2020, p.47).

1. 2 O dilema da barragem

Em 1970 começou a se espalhar a notícia de que a barragem de Sobradinho seria construída e as cidades, Casa Nova, Remanso, Pilão Arcado e Sento-Sé seriam inundadas. As pessoas não acreditavam, duvidavam que toda essa região seria tomada pelas águas. Ao pensar

nesse momento, me transporto para o filme *Narradores de Javé* (2003), que narra uma história similar com a de Sento-Sé. No filme, os moradores ficam sabendo da notícia de que a sua cidade iria desaparecer com a construção da hidrelétrica e aí eles decidiram escrever e contar sua história, transformando o lugar em Patrimônio.

Durante as minhas pesquisas, encontrei uma fotografia que retrata o centro da cidade (Figura 1), a imagem retrata o que os próprios moradores descrevem, uma praça central rodeada por árvores, as poucas casas que pertenciam às famílias que possuíam, uma melhor condição de vida. A fotografia nos mostra um pouco da dinâmica da cidade, pessoas indo ao encontro do ônibus, uns para provavelmente receber os seus que estão chegando de viagem, outros simplesmente pela curiosidade de saber quem estava chegando. Digo isso porque tive esses mesmos hábitos quando menina, moro próximo da praça e quando o ônibus chegava íamos correndo para ver quem chegava, hábito trazido da velha cidade. Revelando um pouco da dinâmica da cidade antiga.

Figura 1 - Fotografia aérea da antiga cidade de Sento-Sé.



Fonte: Autor desconhecido. Fotografia da Casa Grande, s.d. Disponível em: <<https://sentosebahia.wixsite.com/sentose>>. Acesso em: 10 jun. 2025

O período em que foi construída a barragem de Sobradinho, foi na Ditadura Militar⁴. Essa obra assim como outras, fazia parte de uma política do Estado chamada de desenvolvimentista, de acordo com Edonildes Barros (2003), a construção da barragem de Sobradinho, no Submédio São Francisco, iniciada na década de 1970, integrou as políticas desenvolvidas pela Eletrobrás nos anos sessenta, sob coordenação do governo federal, voltadas à implantação de grandes projetos hidrelétricos. Em sua análise, a autora retoma as considerações de Santos (2001) ao destacar que obras como Itaipu Binacional, Balbina, Sobradinho e Itaparica tornaram-se exemplos paradigmáticos desse processo de expansão energética e reorganização territorial. Barros (2003) observa ainda que, com a construção da barragem, cerca de 72 mil pessoas foram deslocadas, perdendo seus espaços de convivência, sociabilidade e o habitat original.

Embora a obra da construção da Hidroelétrica do rio São Francisco tenha se realizado no período da Ditadura Militar, os primeiros passos para a organização da Companhia ocorreram ainda no governo de Getúlio Vargas,

No dia 3 de outubro de 1945, Getúlio Vargas assinou o Decreto-Lei número nº 8.031, autorizando a organização da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (Chesf) pelo Ministério da Agricultura. Nesta mesma data foi assinado o Decreto-Lei nº 8.032, que autoriza o Ministério da Fazenda a lançar crédito especial de 200 milhões de cruzeiros para subscrição de ações da companhia, e o Decreto-Lei nº 19.706, que concedia licença Chesf pelo prazo de 50 anos (Silva 1962) esta empresa efetuou o aproveitamento progressivo da energia hidráulica do Rio São Francisco entre Juazeiro(BA) e Piranhas(Alagoas) para fornecer energia às concessionárias dos serviços públicos, e assim distribuir para grande parte do Nordeste. (Amaral, 2019, p.8).

A construção da barragem ocorreu durante o período da Ditadura Militar, quando a população não possuía respaldo jurídico para questionar seus direitos, uma vez que a própria legislação, através dos Atos Institucionais, legitimava práticas autoritárias. Mesmo com a resistência dos ribeirinhos, a obra foi imposta, forçando milhares de pessoas a abandonarem suas terras, sua história e sua identidade. Como bem analisa Silva (2010):

É importante lembrar que, inserido num governo militar ditatorial, nem os organismos sociais civis nem o aparato legal disponível naquele momento poderiam oferecer proteção jurídica ao cidadão em detrimento do interesse do projeto, aqui posto como interesse nacional, de prioridade absoluta em sua consecução. O engenheiro chefe, Eunápio Peltier de Queiroz, dizia que os ataques à estatal eram impatrióticos, pois ela era identificada com o próprio projeto de progresso do Estado brasileiro. Em outras palavras, quem poderia atentar contra os dizeres da bandeira nacional? O processo de decisão foi vertical e autoritário com seu centro bem distante, e a contraparte – o povo

⁴ Regime político instaurado no Brasil a partir do golpe civil-militar de 1964, onde os militares assumem o poder e se estende até o ano de 1985, quando se dá início ao processo de abertura política e redemocratização do país.

– figura predominantemente no projeto como empecilho a ser removido, num procedimento que, efetivamente, é citado na documentação oficial como “de limpeza”. (Silva, 2010, p.41).

As cidades de Sento Sé, Remanso, Casa Nova e Pilão Arcado foram submersas pelas águas do Rio São Francisco com a construção dessa barragem. A população ribeirinha que residia nessas cidades foi obrigada a deixar seus lugares e ser realocada. Algumas pessoas foram para as agrovilas que eram vilas criadas pela Chesf, enquanto outras foram relocadas para territórios onde essas novas cidades foram construídas. A população ribeirinha passou a viver um dilema: muitos não acreditavam que, “o sertão iria virar mar”, conforme afirma a canção “Sobradinho” de Luiz Carlos Pereira de Sá e Guttemberg Nery Guarabyra, cumprindo a profecia do beato Antônio Conselheiro, que afirmava que o sertão se tornaria mar:

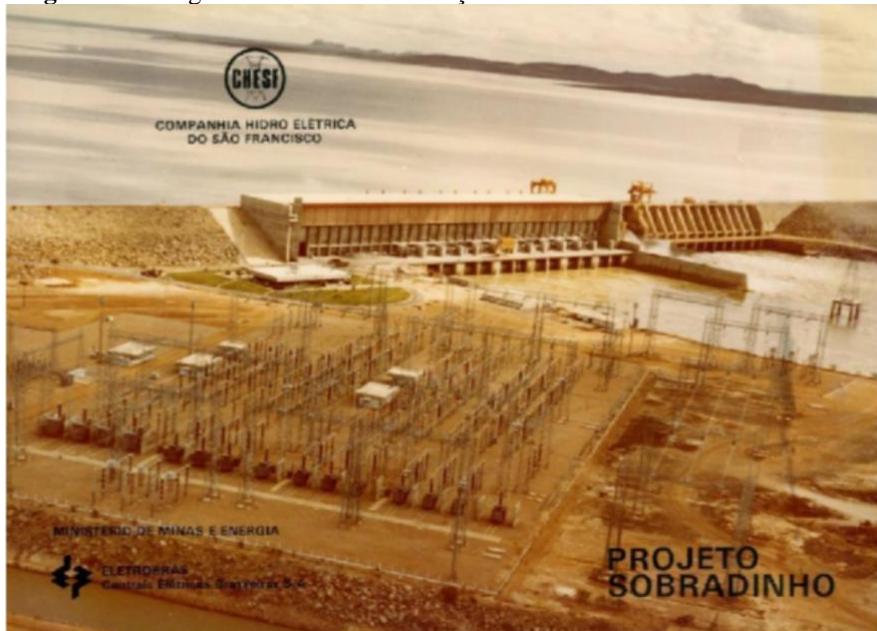
O homem chega já desfaz a natureza
 Tira gente põe represa diz que tudo vai mudar
 O São Francisco lá pra cima da Bahia
 Diz que dia menos dia vai subir bem devagar
 E passo a passo vai cumprindo a profecia do beato que dizia
 que o Sertão ia alagar
 O Sertão vai virar mar dá no coração
 O medo de que algum dia o mar também vire Sertão
 Adeus Remanso Casa Nova Sento Sé
 Adeus Pilão Arcado vem o Rio te engolir
 Debaixo d’ água lá se vai a vida inteira
 Por cima da Cachoeira o gaiola vai subir
 Vai ter barragem no alto do Sobradinho
 E o povo vai se embora com medo de se afogar
 Remanso, Casa Nova ,Sento Sé,
 Sento-Sé, Pilão Sobradinho
 Adeus, Adeus.
 (Sá e Guarabyra, 1977)

Os compositores Sá e Guarabyra, traduziram em versos e musicalização como foi todo esse processo compulsório de mudança, que os ribeirinhos de Casa Nova, Remanso, Pilão Arcado e Sento Sé vivenciaram e que sem dúvida alguma, foi um processo difícil, doloroso. Para alguns representava esperança de dias melhores, de “progresso” como assim foi prometido, pelos governantes e pela própria CHESF. Em nome desse dito “Progresso”, a antiga cidade de Sento-Sé, assim como Casa Nova, Remanso e Pilão Arcado, foram submersas pelas águas do rio São Francisco, mudando a geografia, a vida social, econômica e cultural dos seus habitantes.

A Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf), apresenta como missão, atuar no sistema de energia de forma sustentável, gerando valor para sociedade tendo como valores, segurança, respeito às pessoas com justiça, equidade, ética e transparência, compromisso com

a sociedade e preservação do meio ambiente (Chesf, s.d). Entretanto, as narrativas sobre a construção das barragens e as memórias dos ribeirinhos divergem do discurso de preservação ambiental e transparência defendida pela empresa. A Figura 2, retirada do acervo do Memorial da Eletricidade da Eletrobras, registra a construção da barragem de Sobradinho e revela a grandiosidade do projeto. A imagem, possivelmente capturada na fase final da obra, evidencia um discurso visual associado ao progresso e ao desenvolvimento. No entanto, esse mesmo registro fotográfico também nos leva a refletir sobre o outro lado desse processo, marcado pelas perdas, pelos deslocamentos forçados e pelos impactos sociais sofridos por milhares de pessoas em nome desse ideal de modernização.

Figura 2 - Fotografia referente a construção da Usina Hidrelétrica Sobradinho.



Fonte: Léo Amaral Pena. Disponível em: <https://memoriadaeletricidade.com.br/acervo/@id/1291>. Acesso em: 22 jun. 2025.

De acordo com Ana Luíza Martins Costa (1990) no período de 1972 a 1977, anterior ao enchimento do reservatório de Sobradinho, técnicos da Chesf e de outras agências que foram contratadas percorreram a região a ser inundada, com a finalidade de realizar levantamentos técnicos e de caráter socioeconômico. Em 1972 a Chesf, contrata uma empresa consultora, a *Hidroservice* para diagnosticar a área que seria coberta pelas águas, mensurar os efeitos do reservatório nos municípios que seriam atingidos pelas águas, e realizar pesquisas de opinião para saberem o que os futuros desalojados pensavam diante da realidade de terem que abandonar seu habitat, seu trabalho, sua vida. A empresa ficou responsável por apresentar sugestões quanto aos novos locais de moradia da população transmutada, as novas sedes municipais que seriam discutidas com os poderes locais (Costa, 1990).

Nessa pesquisa realizada pela *Hidroservice* foi constatado que a população tinha um nível econômico muito baixo, e que praticava uma agricultura de subsistência fazendo uso de uma tecnologia, que na visão deles era pouco produtiva, métodos tradicionais e agricultura familiar. As pesquisas realizadas junto aos ribeirinhos revelaram que a maior parte da população desejava permanecer na borda do lago, nos espaços não atingidos pelo reservatório. E com base nisso, a Chesf convida o INCRA a nível federal e Ancarba (A associação Nacional de Crédito e Assistência Rural da Bahia) a nível estadual, para assessorar essa população que seria deslocada (Costa, 1990).

Mesmo à revelia da maior parte da população de Sento-Sé, Casa Nova, Remanso e Pilão Arcado, que desejava permanecer nas bordas do lago, de acordo com a historiadora Ely Souza Estrela (2007), a empresa apresenta três alternativa para os deslocados: a instalação na borda do lago, com o mínimo de assistência da Chesf, a segunda alternativa seria o Projeto de Colonização da Serra do Ramalho, em Bom Jesus da Lapa Bahia e a terceira opção seria, a reinstalação em qualquer outra região do país. De acordo com Estrela (2007), foi possível identificar que havia um incentivo grande da Chesf, para que a população fosse para o Projeto da Serra do Ramalho.

Ainda conforme Estrela (2007), o projeto especial de colonização “Serra do Ramalho”, implementado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), foi construído nos gabinetes da empresa Hidroservice, responsável por elaborar e acompanhar o projeto em todas a suas etapas, com participação de engenheiros civis e agrônomos:

O projeto foi pensado nos mínimos detalhes e, como veremos adiante, trazia algumas inovações. Na verdade, conforme salienta Lídia Rebouças, por trás das agrovilas há um projeto “civilizatório” que as Companhias Hidrelétricas e os órgãos implementadores dos assentamentos julgam necessário pôr em prática. Esse projeto “civilizatório” se consubstancia através da organização espacial que privilegia o urbano e as relações de sociabilidades ali dominantes. (Estrela, 2007, p.6).

Conforme Edonildes Barros (2003), em 10 de outubro de 1976 os ribeirinhos foram obrigados a se retirar da antiga cidade e migrarem para nova cidade, para a nova Sento-Sé, alguns optaram por se restabelecerem nas Agrovilas⁵ na Serra do Ramalho. Os que optaram por permanecer nas cidades que estavam sendo construídas receberam casa ou lote de terra para se restabelecerem, casas essas que não correspondiam ao tamanho das suas antigas residências,

⁵ Conjunto habitacional criado pelo projeto “Serra do Ramalho” implementado pelo INCRA. O projeto visou abrigar os ribeirinhos que foram obrigados a deixar as suas terras com a construção da barragem de Sobradinho.

sendo geralmente bem menores. E muitas famílias que migraram para A Serra do Ramalho, retornaram para a nova Sento-Sé, pois não se adaptaram a esse novo lugar de moradia.

De acordo com Barros (2003), o processo de reassentamento provocado pela construção da barragem de Sobradinho envolveu tanto a população urbana quanto a rural. As famílias que viviam nas cidades foram destinadas às novas áreas urbanas planejadas às margens do lago, enquanto a população rural foi direcionada a Bom Jesus da Lapa, para ocupar o assentamento PEC Serra do Ramalho. Segundo dados apresentados por Costa et al. (2001), apenas 17% dos moradores aceitaram migrar para a Lapa, e a maioria acabou se fixando nas novas sedes municipais, em núcleos habitacionais da Chesf. Barros (2003) observa que muitas das famílias que se deslocaram retornaram posteriormente, em razão das dificuldades de adaptação e da perda das redes de sociabilidade que sustentavam sua vida comunitária.

Conforme o depoimento da colaboradora Dona Sinhá, que inicialmente foi morar nas Agrovilas, mas posteriormente retornou para a nova Sento-Sé, fica evidente o que também apontam as pesquisas: uma parcela significativa das pessoas que aceitaram se mudar acabou se arrependendo e precisou recomeçar suas vidas. Entre os principais motivos, destaca-se a dificuldade de adaptação ao novo local:

Foi ruim quando a gente chegou. Era muito ruim. A gente ficou meses chorando, querendo voltar. E aí a gente não conseguia. Na realidade, eu mesma não fiquei lá. Eu cheguei lá dia 26 de maio, parece 76, quando foi em outubro. Na mesma época eu vim embora. Não fiquei lá não. O problema é que a gente não se adaptou lá. Não se adaptou e aí a gente, para estudar, tinha que pegar carro para ir para a escola, aquele negócio todo, e aí ele não aceitava a gente sair. Aí a mãe disse, não, vamos voltar, que não vai ficar aqui todo mundo só chorando pelos cantos. E aí a gente não se adaptou e foi embora (Sinhá, 2025).

E esse retorno para a nova Sento-Sé foi difícil, pois quem foi para as Agrovilas não teve direito a lote ou casa aqui na nova cidade, tendo que recomeçar praticamente do zero além de toda a dificuldade enfrentada durante a viagem de retorno, sem nenhum auxílio por parte da Chesf, de acordo com nossa colaboradora Dona Sinhá⁶:

O que nós trouxemos de lá foi feijão e farinha que a gente vendia na estrada. Para sobreviver, pra chegar aqui. E eu grávida, no dia de parir em cima de um caminhão. E aí a gente veio pelo Junco, vendeu o feijão, a gente toda chegava e vendia feijão para alimentar esse povo que vinha em cima desse caminhão, dez filhos. Em cima desse caminhão, tinha mais gente ainda que vinha. Aí alugamos uma casa e fomos morar aí, na casa do... Até do Chico Maroto, aonde ia ali, a pesca ali. E a gente morou ali. Depois eu saí, comprou essa casa aí (Sinhá, 2025).

⁶ SINHÁ (pseud.) Informações concedidas à pesquisadora. Entrevista concedida a : Luana Ribeiro de Carvalho. Sento-Sé, 16 jul. 2025

A construção da barragem de Sobradinho assim como Itaipu (fronteira entre Brasil e Paraguai) e Itaparica (Bahia) tinha como justificativa principal levar “o progresso” a essas regiões que, segundo os defensores da barragem, eram regiões atrasadas e que precisavam ser desenvolvidas.

O sacrifício dessas pessoas e famílias foi justificado pela importância socioeconômica da criação da barragem de Sobradinho, que integrava as ações estratégicas da política desenvolvimentista nacional, liderada pelos governos militares (1964-1979). A literatura nacional ressalta que o desenvolvimentismo difundido, na época, sustentava-se no discurso de levar progresso às regiões menos desenvolvidas do país (Neves, 2023, p.17).

Assistindo o documentário produzido por Adzamara Amaral, “Ecologia e Memória Sento-Sé: A memória dos atingidos pela barragem” de 2019, é possível analisar diversas narrativas de pessoas que moraram e viveram essa experiência, mostrando como essa mudança foi dolorosa. Há relatos inclusive de que algumas pessoas chegaram a surtar. Elas foram retiradas de suas casas e terras com a promessa de indenizações, que na maioria das vezes não atendiam à realidade das pessoas que moravam na antiga cidade. Conforme Barros:

O primeiro ano da mudança foi terrível para toda população, tanto a rural quanto a urbana. O impacto foi de duas naturezas. Um psicológico e outro material-simbólico. No primeiro estava embutida uma carga emocional muito forte com o sentimento de perda de suas terras, casas, coisas, sua história, sua cultura, fato este até hoje retido na memória dos mais velhos. No segundo estava refletida a falácia do desenvolvimento, do progresso anunciado. Não houve plantio neste primeiro ano, o que acarretou uma extrema miséria, escassez de alimentos e de água potável. As novas terras não eram como as da beira do rio, férteis; agora dependiam de chuvas ou da irrigação. Esta por sua vez era exclusiva para aqueles que ficaram com terras próximas ao lago. A Chesf indenizou (injustamente) as famílias, cujos recursos foram insuficientes para a recomposição de suas vidas, servindo apenas para a compra de gêneros de primeira necessidade como o feijão, a farinha, o café, o açúcar e o pão. (Barros, 2016, p.16).

Neste mesmo contexto, Amaral (2023) aborda que a construção da barragem trouxe inúmeros impactos à população atingida, além desse povo sofrer com o deslocamento compulsório que lhe foi imposto, também interferiu na saúde da comunidade local porque nesse espaço o ecossistema estava em equilíbrio, e após a construção da barragem entrou em desequilíbrio. Além disso, houve impactos ambientais importantes. Conforme Amaral (2023), algumas espécies nativas migraram para outras regiões ou desapareceram, como espécies de peixes que existiam no Rio São Francisco e hoje não mais existem por causa da correnteza, os peixes pararam de reproduzir. Os peixes que reproduziam nas águas correntes deixaram de reproduzir no lago, e ficaram mais escassos, o que antes era abundante. Peixes como piranha,

surubim e o tucunaré que chegavam a pesar 80 kg tornaram-se escassos, devido aos predadores que foram lançados ao lago e se alimentam dos ovos dos peixes que antes eram abundantes, de acordo com seu Cantor⁷,

Então era nesse ritmo lento, sobre o lombo do animal, certo? Sobre a carga que transportava nos animais, porque também os veículos eram quase zero, né? Uma outra atividade que era bem peculiar, era a pesca. Também a pesca não se dava como hoje, de forma isolada. Havia as lagoas viscosas e as Lagoas também já eram festa. As pessoas se reuniam às vezes seis meses numa única lagoa. Faziam acampamentos e ali se reuniam centenas de pessoas, de famílias, fazendo a pescaria no entorno daquela lagoa e ao mesmo tempo festejando. Ali jovens que pescavam e como tinham também jovens, masculino e feminino, né? Ambos o sexo, terminavam tendo um relacionamento de namoro, depois casados. Tudo aquilo acontecia no formato na beira de uma lagoa, então era a vida peculiar do ribeirinho de Sento-Sé. (Cantor, 2025).

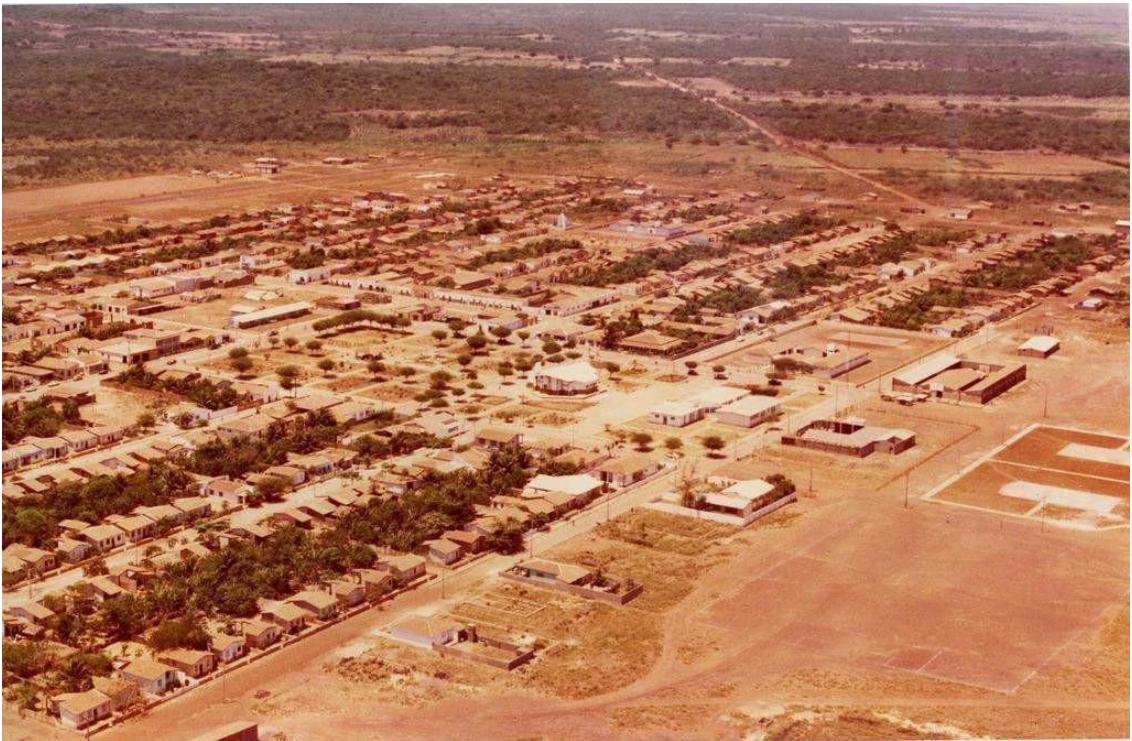
Alguns impetraram ação na justiça, para a reparação dos danos causados pela construção da barragem, mas muitos não procuraram a justiça, alguns receberam indenizações, outros não. Minha família mesmo não ajuizou nenhuma ação contra a Chesf. Minha avó na época recebeu um terreno para a construção da casa, mas nada repara os transtornos causados às pessoas. E até o presente momento tramitam ações no judiciário. No dia 15 de fevereiro de 2023, transitou em julgado pelo Tribunal de Justiça do estado um processo de reparação dos atingidos pela construção da barragem de Sobradinho do município de Sento Sé. Segundo a reportagem publicada no G1, em 30 de março de 2023, o montante chega a 6,5 bilhões que serão distribuídos entre 164 famílias. Ainda transitam na justiça ações de reparação aos ribeirinhos, pela construção da barragem.

1.3 A Nova Sento-Sé

A Figura 3 abaixo é uma fotografia retirada do acervo da Memória da Eletricidade. A fotografia retrata a nova cidade de Sento-sé, planejada pela Chesf a 92 km da antiga cidade. Nesta nova cidade, as pessoas foram construindo suas novas vidas, trazendo no peito saudades, dores e esperança de melhores condições de vida. O município de Sento-Sé atualmente se localiza às margens do Rio São Francisco, ocupando uma área de 11.980,172 km², o que o coloca na posição 3 de 417 entre os municípios do estado em extensão territorial e 102 de 5570 entre todos os municípios do Brasil, com uma população de aproximadamente 38.154 pessoas (IBGE, 2022).

⁷ CANTOR (pseud.) Informações concedidas à pesquisadora. Entrevista concedida a: Luana Ribeiro de Carvalho. Sento-Sé, 17 jul. 2025

Figura 3 - Vista aérea da cidade de Sento-Sé – Relocada para a formação do lago de sobradinho.



Fonte: Acervo Memória da Eletricidade. Disponível em:
<https://memoriadelectricidade.com.br/acervo/@id/118077>. Acesso em: 30 Mai. 2024.

As fotografias das Figuras 4 e 5 retratam, respectivamente, a Prefeitura Municipal e a Segunda Igreja Matriz Católica de São José, ambas construídas na nova Sento-Sé. Essas imagens mostram os primeiros prédios erguidos na cidade após sua relocação. No entanto, atualmente, a arquitetura desses edifícios já passou por modificações.

Figura 4 - Prédio da Prefeitura Municipal da nova Sento-Sé, 1983.



Fonte: IBGE, ano. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sento-se/historico> Acesso em: 30 Mai. 2024.

Figura 5 - Igreja Matriz de São José da nova Sento-Sé, 1983.



Fonte: IBGE, ano. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sento-se/historico> Acesso em: 30 Mai. 2024.

A região na qual está localizada a cidade de Sento-Sé apresenta um clima semiárido, com chuvas irregulares que vão de novembro a março. Atualmente a cidade possui os seguintes distritos: Piri, Américo Alves, Cjuí, Amaniú, Piçarrão e Minas do Mimoso. A Figura 5 é uma fotografia retirada do site da prefeitura municipal de Sento-Sé, uma fotografia aérea, com

objetivo de mostrar a beleza da cidade, e se observamos com atenção é possível identificar várias semelhanças com a velha Sento-Sé, o que demonstra que a Chesf possivelmente, buscou planejar uma cidade bem parecida com a antiga, com objetivo de fazer com que a comunidade se identificasse com o lugar, se calasse e aceitasse.

Figura 6 - A nova Sento-Sé. Fonte: Prefeitura de Sento-Sé, 2024.



Fonte: Disponível em: <https://www.sentose.ba.gov.br/sento-se-celebra-48-anos-de-desenvolvimento-e-oportunidades/> Acesso em: 30 Mai. 2024.

Atualmente, a economia de Sento-Sé está voltada para a agricultura de sequeiro⁸ a agricultura irrigada, o comércio, a extração de minérios e a produção de energia eólica. Embora tenha havido algumas melhorias no campo econômico, na minha percepção, como moradora, essas intervenções também geraram impactos socioambientais significativos, especialmente sobre o meio ambiente. Mesmo com a instalação de empresas, como uma mineradora de ferro e parques de energia eólica (Figura 7), a geração de empregos permanece insatisfatória. Muitos moradores continuam migrando em busca de melhores oportunidades de trabalho, principalmente para cidades como Juazeiro. De acordo com dados do IBGE,

Em 2021, o PIB per capita era de R\$ 41.541,36. Na comparação com outros municípios do estado, ficava nas posições 19 de 417 entre os municípios do estado e na 1353 de 5570 entre todos os municípios. Já o percentual de receitas externas em 2015 era de 88,1%, o que o colocava na posição 309 de 417 entre os municípios do

⁸ A agricultura de sequeiro é o cultivo sem irrigação em regiões onde a precipitação anual é inferior a 500 mm. A agricultura de sequeiro depende de técnicas de cultivo específicas, que permitem um uso eficaz e eficiente da limitada umidade do solo.” (Quaranta, Giovanni, op, cit., p.7)

estado e na 2605 de 5570. Em 2017, o total de receitas realizadas foi de R\$ 87.580,99 (x1000) e o total de despesas empenhadas foi de R\$ 86.266,23 (x1000). Isso deixa o município nas posições 68 e 63 de 417 entre os municípios do estado e na 1016 e 916 de 5570 entre todos os municípios. (IBGE, 2021).

Figura 7 - Usina AEOL, São Pedro do Lago.



Fonte: BRENNAND Energia. Disponível em: <https://www.brennandenergia.com.br/usinas/eol-sao-pedro-do-lago/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

Outra questão importante de frisar são as doenças oriundas desses projetos da mineradora, Sara Oliveira Farias, em seu livro “Enredos e Tramas nas Minas de Ouro de Jacobina”, traz uma discussão acerca da silicose, doença provocada pela exposição às condições trabalho na extração desses minérios, conforme a autora:

A silicose é classificada pela organização internacional do trabalho (OIT) como doença ocupacional, adquirida no ambiente de trabalho. É uma pneumose decorrente da exposição agressiva agentes químicos como poeiras e gases. Cientificamente é uma fibrose pulmonar produzida pela inalação de poeira e uma das pneumoses mais comumente encontradas no Brasil. É provocada pela exposição de indivíduos a sílica livre, encontrada na maior parte da crosta terrestre a sílica é uma partícula mineral encontrada em pedras e areias. (Farias, 2008, p.114).

Conforme as pesquisas de Farias (2008), o número de doentes no Brasil é relevante, causando preocupação para nossa comunidade, que provavelmente a posterior fará parte dessa estatística “A maioria dos autores que estudam o tema é unânime em afirmar que a ocorrência dessas doenças demonstra sua gravidade, principalmente porque, na maioria dos casos elas estão relacionadas às condições ambientais do trabalho, constituindo problema de saúde pública” (Farias, 2008, p115.).

O indivíduo que trabalha na mineração e entra em contato com a sílica pode ou não

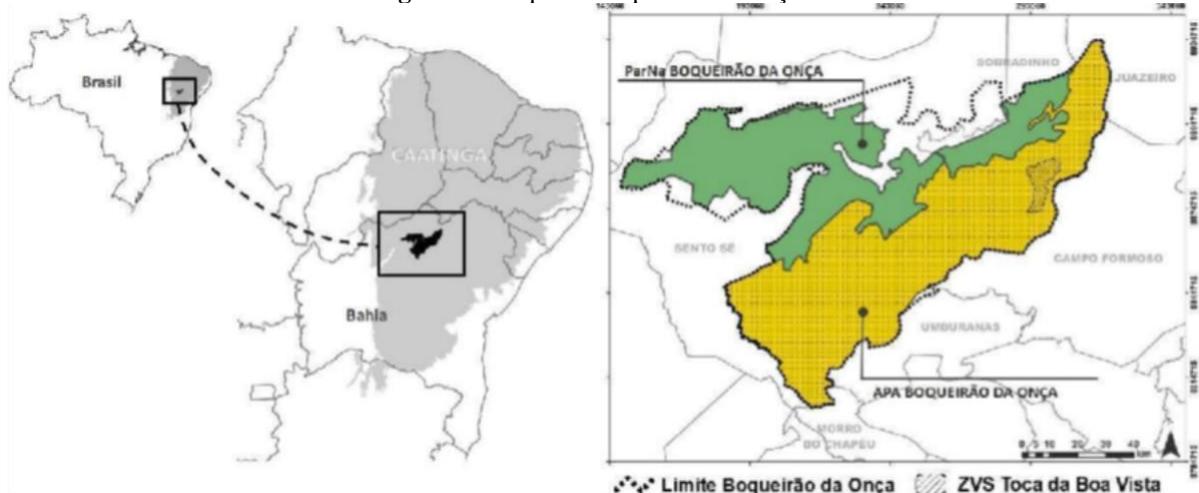
contrair a silicose, isso varia de acordo com o tempo que ele fica exposto à poeira. A sílica ao ser depositada nos pulmões pode provocar hipertrofia das glândulas de secreção, resultando em uma reação inflamatória nos pulmões, fibrose e câncer, além de estar associada à tuberculose. Além disso, pacientes com a silicose têm maior predisposição para desenvolver a tuberculose do que a população em geral (Farias, 2008).

A empresa de mineração Transnacional Tombador Iron, sediada na Austrália e sócia de uma empresa em Singapura, está atuando na região e explorando ferro. Essas duas companhias são representadas no Brasil por Gabriel da Cunha Oliva, que também é diretor geral da Colomi Iron Mineração S.A. e sócio da Proliva Geologia e Mineração, baseada no Rio de Janeiro (Mapa de conflitos, 2024) A mineradora iniciou suas operações durante a pandemia da COVID-19 e atualmente explora a região, escoando a produção pela BA-210, de Sento-Sé a Juazeiro, BA. A empresa está instalada nas proximidades do distrito de Amaniúm, onde os moradores já realizaram protestos, alegando que a exploração tem causado danos à comunidade local.

O Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Bahia (Inema) concedeu a licença de instalação para o empreendimento em agosto de 2020. Desde então, segundo o relatório da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) foi registrada uma série de impactos socioambientais e danos à saúde da população. A primeira lista inclui, assoreamento de recurso hídrico, desmatamento e/ou queimadas, erosão do solo, pesca e/ou caça predatória, atmosférica, sonora, do solo e de recurso hídrico (Mapa de conflitos, 2024).

A situação acima citada, poderia produzir mais uma dissertação, mas não poderia deixar de citar, devido ao contexto deste estudo. A cidade de Sento-Sé hoje faz parte do Parque Boqueirão da Onça (Figura 7), criado pelo decreto federal nº 9.336 de 2018, e sancionado pelo presidente Michel Temer.

Figura 8 - Mapa do Boqueirão da Onça.



Fonte: Amigos da Onça. Disponível em: <https://amigosdaonca.org.br/onde-atuamos>. Acesso em: 18 ago. 2024.

O Parque Nacional Boqueirão da Onça localiza-se nos municípios de Sento-Sé, Juazeiro, Sobradinho e Campo Formoso no estado da Bahia, foi criado pelo decreto 9.336,05/04/2018 com o objetivo de proteger a diversidade biológica e os ambientes naturais a flora e a fauna da caatinga, assegurando a manutenção de populações cujas espécies são ameaçadas de extinção raras ou nativas que ocorrem na região, como a onça pintada, arara-azul de leal e o tatu bola, além de proteger as formações cársticas⁹ e os sítios paleontológicos e arqueológicos. Além de promover e proteger a recuperação da flora local, o Parque Nacional Boqueirão da Onça também tem como propósito incentivar o desenvolvimento de atividades turísticas sustentáveis, contribuindo para a preservação ambiental e para o fortalecimento das comunidades do entorno.

O órgão responsável pela sua administração do Parque Nacional Boqueirão da Onça é o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade¹⁰ (ICMBio). Segundo o Instituto Socioambiental¹¹ (s.d), a caatinga é o único bioma estritamente brasileiro e que ocupa cerca de 11% do território nacional. Embora a Caatinga seja reconhecida como o bioma do semiárido com maior biodiversidade e elevado grau de endemismo, também figura entre os mais críticos

⁹ Estruturas geológicas que resultam da dissolução de rochas solúveis como calcário dolomita e gesso. Esse processo de dissolução é principalmente ocasionado, pela ação da água que ao infiltrar-se no solo, e interagir com o dióxido de carbono, presente na atmosfera e no solo forma ácido carbônico, esse ácido por sua vez dissolve as rochas criando uma variedade de características e formas distintivas.

¹⁰ Órgão federal responsável pela gestão, proteção, monitoramento e fiscalização das 336 Unidades de Conservação (UCs) federais existentes no Brasil. Foi criado em 28 de agosto de 2007, pela Lei nº 11.516/2007, sendo vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA). Sua atuação está prevista na Lei nº 9.985/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC).

¹¹ Organização da sociedade civil sem fins lucrativos, fundada em 1994, que atua na defesa dos direitos socioambientais, na valorização da diversidade sociocultural e na proteção dos territórios de povos indígenas, populações tradicionais e da biodiversidade no Brasil.

em termos de conservação, sendo ainda pouco estudado, frágil e insuficientemente protegido no Brasil. Estima-se que cerca de 50% de sua vegetação original já tenha sido desmatada. Além disso, o bioma é fortemente impactado pelas mudanças climáticas, caracterizado por longos períodos de estiagem intercalados com chuvas irregulares, o que agrava a ameaça de desertificação.

As pesquisas para a criação do Parque Nacional Boqueirão da Onça tiveram início em 2002, com uma proposta inicial de aproximadamente 9.000 hectares destinados à proteção integral, em uma área pouco povoada e de difícil acesso. A proposta surgiu, em parte, como resposta às pressões de empresas dos setores de mineração e de geração de energia eólica, interessadas na região devido ao seu elevado potencial energético. O Boqueirão da Onça está entre as áreas de maior potencial eólico do país. No entanto, a implementação de empreendimento desse setor, apesar de se tratar de uma fonte de energia considerada renovável, gerou controvérsias. A instalação das torres eólicas levantou debates sobre os impactos socioambientais, que incluem prejuízos à biodiversidade local, efeitos sobre as comunidades da região e o elevado consumo de água exigido durante as fases de construção e operação dos empreendimentos. (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL,2024).

Segundo relato informal de um servidor da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, a cidade de Sento-Sé foi chancelada como a capital Mundial da Caatinga, por ser a região mais preservada do bioma¹². Com isso, uma boa parte do parque se localiza nas terras do município de Sento-Sé. Como citado acima, o parque foi criado por decreto, no governo de Michel Temer, na época o ministro do meio ambiente era Edson Duarte. A criação do parque aconteceu sem a consulta das comunidades locais, fato que desde então, tem gerado vários conflitos. Pois, isso implica que não levaram em consideração a cultura das comunidades . De acordo com as informações apresentadas na realizada sobre a criação do parque¹³, questiona-se que o processo ocorreu de forma arbitrária, sem observar os princípios estabelecidos na Lei no 9.985, de 18 de julho de 2000, que institui o SNUC. Tal legislação define diretrizes que garantem a participação das comunidades afetadas e a realização de estudos técnicos e consultas públicas prévias, requisitos que, segundo os participantes da audiência, não teriam sido devidamente cumpridos.

Como podemos observar no trabalho de Adzamara, Sento-Sé é de uma vasta riqueza. Apresentamos alguns aspectos da sua história, trazendo fatos que foram marcantes na

¹² A informação foi obtida através de conversa informal com servidor Público da Secretaria do Meio Ambiente de Sento-Sé, até o momento ainda não se tem registro oficial de documentos da afirmação.

¹³ Informação apresentada na audiência pública sobre a criação do Parque Nacional Boqueirão da Onça, realizada na Câmara Municipal de Sento-Sé em 12 abr. 2022.

constituição do município. Pesquisar sobre sua história traz reflexões de quem somos, nossas raízes, origem e identidade. Nesse sentido, é importante trazer os acontecimentos e os seus discursos também para dentro da sala de aula, interagindo escola-comunidade, disseminando o conhecimento para sua popularização, tornando o estudante um ser crítico para que se possa tentar mudar sua realidade.

Assim como afirma Paulo Freire (2023) em suas discussões na obra “Pedagogia do oprimido”, a educação deve levar o indivíduo a libertar-se da opressão através de uma educação crítica, problematizadora e não bancária¹⁴. A verdadeira libertação só pode ser alcançada quando os oprimidos se tornam sujeitos de sua própria história e trabalham para transformar a sociedade de maneira justa e equitativa, se libertando da opressão.

1.4 Ensino de história e memória

Refletir sobre o Ensino de História não é uma tarefa simples. Lembro-me de quando cheguei ao Profhistória, sentindo-me perdida. Sabia que tinha me submetido à seleção para o mestrado nessa área. Nas aulas, quando alguns professores me perguntavam sobre o que eu pretendia pesquisar, sabia que queria falar sobre memórias, mas me faltava a compreensão de como articular isso ao ensino da disciplina. Em uma das disciplinas do curso, uma professora sempre me questionava: “Você precisa pensar no Ensino de História”. Eu tinha convicção de que queria fazer uso da metodologia oral e trabalhar com memórias, que sempre me despertaram curiosidade e interesse. Na época da minha graduação, esse desejo já existia, especialmente na construção da monografia, na qual pretendia abordar memórias e História Oral. Contudo, por conta do tempo escasso, optei por realizar apenas uma revisão bibliográfica.

Agora, reflito mais profundamente sobre os caminhos do ensino. O que significa ensinar, na minha concepção? Como educadora, licenciada e atuante na educação há mais de uma década, acredito que um dos objetivos dessa prática é formar cidadãos críticos, participativos e atuantes na sociedade em que estão inseridos. Costumo comentar com meus colegas que, para mim, é mais desafiador ensinar essa disciplina do que outras ciências. “Estamos quase todos convencidos de que história não é uma ciência como as outras, sem contar com aqueles que não a consideram uma ciência. Falar de história não é fácil, mas estas dificuldades de linguagem introduzem-nos no próprio âmago das ambiguidades da história” (Le Goff, p. 17).

¹⁴ “O educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente memorizam e repetem” (Freire, 2023, p.80).

Além disso, é fundamental refletir sobre como nossos discentes compreendem aquilo que é ensinado em história. O que temos observado, de forma recorrente nas aulas, é um crescente desinteresse por parte dos alunos, acompanhado de dificuldades de compreensão. Em diversos momentos, tenho a sensação de que falamos em uma linguagem que lhes parece estranha, quase como se estivéssemos falando “grego”. Essa é, inclusive, uma preocupação frequentemente discutida entre nós, professores, tanto no ambiente escolar quanto nas aulas do Profhistória. Fica evidente que muitos estudantes não conseguem se apropriar dos conteúdos, seja por não compreenderem plenamente os conceitos trabalhados, seja por considerarem o tema desinteressante ou desconectado de sua realidade.

Pensar a história perpassa uma análise crítica, à noção de problematização. Nessa perspectiva, produzir história implica em desnaturalizar verdades prontas e acabadas e propor reflexões, que por sua vez estão sempre associadas a um contexto. As recorrentes indagações sobre a utilidade da história enquanto área do conhecimento e disciplina escolar, se multiplica uma vez que em sala de aula essa discussão é sempre feita de forma superficial sem vínculo expressivo entre a teoria e a forma como esse conhecimento é direcionado ao estudante. A conceituação e a teoria que fundamenta o trabalho do professor historiador precisa estar refletidas nas aulas e metodologias didáticas, o que dificilmente acontece. Acredito que só dessa forma é possível quebrar a separação historicamente construída entre pesquisa e ensino pesquisador e professor. A narrativa histórica só se constrói a partir da problematização que deve se estender à sua natureza epistemológica, assim como os objetos de estudo se a sala de aula. e a história ensinada são tomadas como aos objetos de pesquisa, esse conceito precisa necessariamente se estender aos mesmos (Lessa, 2018, p.15).

Ensinar história não é uma tarefa simples. As aulas não devem ficar restritas simplesmente ao ato de narrar os fatos que estão postos como acabados, principalmente nos livros didáticos, que são a nossa maior ferramenta, mas problematizar, conduzir os alunos a pensar de forma crítica sobre o que lhe foi proposto. Não é um caminho fácil, mas nós professores precisamos encontrar alternativas para executar essa “virada de chave.” Acredito que muitos já fazem, mas confesso que eu faço de maneira ainda tímida, mas também acredito que estamos aqui para buscar, estudar e aperfeiçoar nossa prática, mesmo com toda a dificuldade que enfrentamos no nosso exercício docente.

História é sem dúvida uma atividade, mas é também uma prática no sentido aristotélico da práxis, por que não é só entrar na sala de aula, colocar-se diante dos estudantes, fazer um discurso, interagir com eles, escrever no quadro etc. A prática sempre tem um significado, tal como o elo de uma corrente que une motivos, ações e intenções. (Zavala, 2018, p.6).

Pensando nessa educação problematizadora ou libertadora como coloca Paulo Freire, “o papel do educador problematizador é proporcionar com os educandos, as condições em que se

dê a superação do conhecimento no nível da “doxa” pelo verdadeiro conhecimento, o que se dá no nível do logos” (Freire, 2023, p.9). A “doxa” no contexto educacional, formaria pessoas com crenças e opiniões sem questionamento, perpetuando as injustiças sociais e as arbitrariedades, permanecendo na opressão, mas somente quando a educação se basear através do “logos” que é um meio de libertação, os indivíduos trocando suas experiências, analisando o mundo em seu entorno e assim desenvolvendo uma consciência crítica. Promovendo um ambiente de aprendizado colaborativo e emancipador.

Partindo desse pensamento de que devemos Ensinar História, e que as aulas devem ir além de uma simples exposição de conteúdos, entraremos num terreno cognitivo de maior complexidade, propiciando aos discentes exercerem sua capacidade de analisar e fazer os seus próprios julgamentos. Assim, conforme Rocha (2015):

Se almejarmos que os alunos, a partir do domínio do conteúdo factual, sejam implicados, recolham para si elementos identitários da narrativa apresentada, precisaremos propiciar atividades em sala de aula que eles exerçam tais ações de subjetivação do conhecimento, em sua objetividade. E esse conjunto de atividades deverá fazer parte do planejamento das aulas, que pode se organizar de diferentes formas, contemplando rotinas diárias, sequências didáticas e projetos. (Rocha, 2015, p. 91).

Diante das discussões desenvolvidas ao longo deste capítulo e em consonância com as exigências do Profhistória, surge a proposta de elaborar uma formação continuada que possibilite repensar o Ensino de História, aproximando os saberes acadêmicos da realidade vivenciada no chão da sala de aula. Nesse contexto, propomos trabalhar o Ensino de História a partir das memórias da antiga Sento-Sé, uma cidade que já não existe fisicamente, assim como seus lugares de memória, submersos pelas águas do rio São Francisco.

Compreendemos que o Ensino de História a partir da memória é um percurso importante para a construção do conhecimento. É possível associar com o passado e a partir dessas reconstruções revisitar essas memórias e fabricar a história. Partindo do entendimento que a sala de aula, ou melhor o espaço escolar é o ambiente perfeito para essa reconstrução, pois esses alunos trazem conhecimentos prévios, além de seus familiares, como seus pais e avós que provavelmente viveram nessas antigas cidades.

Nossos alunos, ao chegarem à escola são portadores de saberes, referências construídas nos grupos familiares que cultivam suas memórias: sejam memórias de trabalhadores, migrantes nordestinos, desempregados, de lutas e combates diários pela sobrevivência, de referências étnicas, religiosas que oferecem explicações do mundo e de seu devir (Monteiro, 2007, p.12)

Aécio Lessa Macedo (2018), em sua pesquisa, entende assim como Monteiro (2007) que é significativo trazer para aulas de histórias o contexto nos quais os nossos alunos estão inseridos,

A relação com a vida e com as experiências, se deixadas de lado, podem tornar a história ensinada desinteressante para o estudante, resultando em perda de sentido. Nesse contexto, a sala de aula precisa ser um espaço de resgate e reflexão. A possibilidade de conhecer e ter acesso às memórias com as quais os sujeitos se identificam nutre outra perspectiva à História, que necessariamente precisa estar integrada com a vida para que não se perca. Essa busca de sentido para a história enquanto disciplina escolar precisa ser incessante ao professor pesquisador. (Macedo, 2018, p.18).

A memória, segundo Maurice Halbwachs (2006), se constrói no âmbito coletivo, no meio em que a pessoa está inserida, na comunidade. Nesse sentido, o autor afirma que o ato de recordar está vinculado a um contexto maior e a influências da sociedade. Segundo ele, ninguém se lembra sozinho, rompendo com a ideia de que a memória é uma atividade individual. “É por isso que sentimos tanta dificuldade para lembrar acontecimentos que só dizem respeito a nós mesmo” (Halbwachs, 2006, p.130).

Dessa forma, buscamos investigar as memórias construídas sobre a antiga Sento-Sé, à luz da perspectiva do sociólogo francês Maurice Halbwachs, que se dedicou ao estudo da memória coletiva. Para o autor, embora as lembranças possuam uma dimensão individual, elas são profundamente ancoradas em referenciais sociais, os quais possibilitam a construção de memórias intersubjetivas e compartilhadas. A memória coletiva, portanto, não é uma simples soma de memórias subjetivas, mas sim um emaranhado de recordações forjadas no interior dos grupos sociais, que conferem sentido aos acontecimentos e experiências vividas. Halbwachs (2006) enfatiza que "temos tanta dificuldade de lembrar fatos que vivenciamos sozinhos" justamente porque as lembranças individuais se constroem em relação aos quadros sociais de referência. Assim, quando uma memória pessoal é incorporada ao repertório coletivo, ela se ressignifica, ganhando novos contornos e significados, distintos daqueles restritos à consciência individual.

Segundo o historiador francês Pierre Nora (1993, p.13), “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar ata, porque essas operações não são naturais.” Portanto é necessário revisitar essas memórias para que a antiga Sento-Sé, não caia no esquecimento e principalmente que as gerações futuras possam saber de todo o contexto em que está inserido o seu lugar de origem.

Essa perda de referenciais históricos, pautados na memória da cidade, nos dá a estranha sensação de que somos estrangeiros em nossa própria casa. Sem a memória, não encontraremos mais os ícones, símbolos e lembranças que nos unem à cidade e, assim nos sentiremos deslocados e confusos. No entanto, em muitos centros urbanos de nosso país, vivemos o jogo dialético entre a memória e o esquecimento. E nesse jogo muitas vezes o esquecimento vem ganhando a partida. (Oriá, 2002, p.139).

Os lugares de memória, conforme a concepção de Nora (1993), surgem como necessidade de resposta a perda da memória espontânea, locais, objetos rituais e práticas que a sociedade identifica como cruciais para a conservação da sua memória coletiva, como monumentos, arquivos, museus, memoriais, datas comemorativas, lugares esses que têm significado para uma coletividade. No nosso caso, trabalhar com esses lugares de memória é uma alternativa para que a memória coletiva da antiga cidade de Sento-Sé que não mais existe permaneça viva, contribuindo na formação de identidade, preservando a cultura, tradição e a sua história.

Valorizar os referenciais históricos da cidade, é fundamental para a preservação da memória coletiva. Dessa forma, os nossos discentes podem conhecer a história do seu local de origem e desenvolver um sentimento de identificação, embora não seja garantido que todos se identifiquem. Este sentimento de pertencimento é algo que, por muitos anos, eu não senti. Talvez isso se deva ao fato de que, durante a minha vida acadêmica (ensino básico), essas questões não foram abordadas. Esse "algo" era justamente os referenciais históricos, os lugares de memória que já não existem mais, devido a construção da barragem de Sobradinho.

É importante não confundir história e memória. Enquanto esta é subjetiva, vinculada a um grupo ou sociedade, e está submetida à dinâmica da lembrança e do esquecimento, aquela se constitui como uma reconstrução intelectual e analítica do passado.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinhas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado... A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une o que quer dizer como roubou o fez, há tantas memórias quantos grupos existem que; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (Nora, 1993, p.9).

Embora sejam conceitos distintos, história e memória podem dialogar por meio de uma pesquisa que não se limite ao simples registro das lembranças, mas que envolva análise, interpretação e questionamento. No contexto do ensino, trabalhar com memórias torna-se uma estratégia relevante e necessária, especialmente quando se mobilizam os chamados lugares de memória que, no caso deste projeto, estão relacionados à antiga Sento-Sé, proporcionando aos alunos uma maior aproximação com o saber histórico.

O Ensino de História que traz subsídios do conhecimento histórico para auxiliar a construção e a reconstrução da memória que possibilita aos indivíduos estabelecerem relações afetivas com a cidade e o país onde vivem, compreendendo como a sociedade em que vive foi construída através do tempo, tendo uma história com continuidades e descontinuidades, mudanças, transformações. Além do mais, incorporando contribuições e informações que fortalecem lutas e demandas sociais. (Monteiro, 2007, p.19).

Diante das reflexões desenvolvidas ao longo deste capítulo, compreendemos que articular memória e Ensino de História representa uma forma de manter viva a lembrança da cidade submersa, por meio de uma proposta didática que valorize os saberes locais. Nesse sentido, propomos a criação de um Espaço de Memória Digital, na plataforma Instagram, como recurso pedagógico a ser utilizado nas aulas de História e em disciplinas afins. Acreditamos que essa estratégia poderá oferecer contribuições para o processo de ensino e aprendizagem, promovendo maior aproximação dos estudantes com os conteúdos históricos e com sua própria história comunitária.

CAPÍTULO II

2 Nas Trilhas da Pesquisa: Saberes, Memórias e Documentos

O capítulo apresenta a formação realizada com os alunos dos 8º anos do turno matutino do Colégio Municipal Custódio Sento-Sé. Alguns alunos do 9º ano A também fizeram parte da pesquisa de forma voluntária. No capítulo, relato todo o processo de preparação dos alunos para a pesquisa, visto que eles são, ao mesmo tempo, objeto de estudo e sujeitos participantes do processo investigativo. Para preservar a identidade dos participantes, os nomes utilizados nos relatos selecionados serão fictícios.

As formações e oficinas foram organizadas em cinco momentos distintos (Tabela 1). Todas as atividades foram realizadas na biblioteca da instituição, o único ambiente climatizado da escola.

Tabela 1 - Cinco momentos da Trilha da Pesquisa e objetivos de cada um.

Momentos da Trilha da Pesquisa	Objetivos
1.Revirando o baú de memórias	Investigar que memórias os alunos trazem em suas lembranças da antiga Sento-Sé
2.Fontes Históricas	Entender o que são fontes históricas e como trabalhar em sala de aula
3.Memória e os Lugares de memória,_o que são?	Compreender como são construídas as memórias e os lugares de memória
4.A Ditadura Militar e a Construção da barragem de Sobradinho	Contextualizar a Ditadura Militar e a Construção da barragem de Sobradinho
5.História Oral: Entrevistas,_como fazer?	Estudar a história oral como metodologia de pesquisa e as entrevistas na construção das narrativas.

No primeiro momento, trabalhamos com o tema "Revirando o baú de memórias", no início, a proposta da pesquisa apresentada, O Ensino de História: Os lugares de Memória da Antiga Sento-Sé e em seguida, propusemos uma atividade de sondagem inicial. Por meio de desenhos, os alunos representaram o que conhecem sobre a antiga cidade, acessando suas memórias individuais, que também são coletivas construídas na comunidade. No segundo momento abordamos o tema “Fontes Históricas”, onde apresentamos os conceitos de fontes, a importância para construção do conhecimento histórico e realizamos análise de três fontes: uma fotografia, furadeira e um documentário. A furadeira, enquanto objeto material de trabalho, foi

utilizada como exemplo de fonte histórica , possibilitando aos alunos refletir sobre o cotidiano dos trabalhadores e as transformações nas técnicas e instrumentos de produção ao longo do tempo.

No terceiro momento, consistiu-se em uma aula expositiva sobre os conceitos: memória individual e coletiva, e lugares de memória, tendo como base teórica os estudos de Maurice Halbwachs e Pierre Nora. No quarto abordamos o tema da Ditadura Militar, em uma aula expositiva e participativa, apresentamos aos alunos os principais aspectos do regime, bem como alguns dos aparatos utilizados pelos militares para manterem-se no poder. Por fim, o quinto momento foi dedicado ao trabalho com a preparação para as entrevistas que foram feitas com os moradores da cidade antiga. Além disso, realizamos uma aula expositiva e participativa, com uma dinâmica de sensibilização para a escuta ativa, preparando os alunos para ouvirem os relatos orais com respeito e atenção.

2.1 Revirando o baú de Memória

O subtema que escolhi para este primeiro momento da nossa formação me desperta uma nostalgia especial. Este, me transporta para os tempos de menina, aqui na Nova Sento-Sé, para as brincadeiras na rua e para a casa da minha avó Guiomar, que, ao longo dos anos, passou por algumas transformações e já não tem mais o belo jardim que ela cultivava com tanto carinho. O tema me é muito tocante, pois, embora não tenha vivido na antiga cidade, evoca as histórias que meus familiares sempre contaram sobre ela. E, quando decidi realizar este trabalho, pensei em como seria maravilhoso se minhas avós ainda estivessem aqui para compartilhar comigo suas lembranças desse lugar.

O momento inicial da pesquisa despertou em mim uma memória afetiva ligada às histórias familiares e à cidade de Nova Sento-Sé. Embora minha vivência não tenha sido na cidade antiga, o contato com os relatos da minha avó e de outros familiares construiu uma base de significados que se entrelaçam com o objeto desta investigação. Por isso, trago aqui uma breve recordação pessoal, que, embora subjetiva, também é atravessada por memórias sociais e afetivas, e que influenciou diretamente a proposta desta pesquisa.

Antes de propor que os alunos revirassem seus baús de memórias, foi realizada uma explanação contando aos discentes como chegamos a esse projeto, da ideia inicial até o que se configurava naquele momento, pois como sabemos a pesquisa a todo momento pode ser modificada. Fiz um pequeno relato de como seria a pesquisa, informando-os que seriam tanto objetos da pesquisa como também seriam parte integrante desse projeto. Pela leitura corporal

deu para perceber o entusiasmo de alguns e indiferença em outros, todavia, percebi que muitos se interessaram pela pesquisa e, naquele momento, espero que assim seguisse nosso caminhar.

Como iniciar a investigação das memórias que esses discentes construíram junto com seus familiares sobre a antiga cidade? Uma estratégia eficaz foi a realização de uma atividade diagnóstica, que possibilitasse identificar o conhecimento prévio que esses alunos possuem sobre esse espaço que já não existe. Partindo dessa premissa, e seguindo uma sugestão da minha orientadora, professora Sara, optamos por trabalhar com o desenho. Nesse contexto, ele será utilizado como um instrumento para que os alunos elaborassem um texto acerca de seus conhecimentos (ou da ausência deles) sobre a antiga cidade. Dessa forma, foi possível construir narrativas que resgatassem memórias e recordações, formadas na relação entre os alunos, seus familiares e a comunidade.

No Ensino de História é comum o uso de imagens, os livros didáticos que é a ferramenta mais utilizada pelos professores em sala de aula, vem recheado de iconografias, sendo ferramenta importante visual para compreensão dos contextos históricos do que se busca examinar:

O uso das imagens no ensino de história não é algo novo em nossa sociedade sua relevância como recurso pedagógico é indispensável para a compreensão dos conhecimentos artísticos e culturais pois possibilita o desenvolvimento da criticidade da interpretação e faz com que o aluno reflita sobre os diferentes contextos histórico e temporal que perpassam a nossa história o que por isso precisa ser conhecido estudado e utilizado pelo professor mas frequentemente em sala de aula seu uso como prática enriquecedora na aprendizagem ainda é restrito apesar do campo de pesquisa (Amorim et al., 2016, p.166).

Em seu trabalho, Amorim et al., (2016) destacam o uso de imagens como uma valiosa ferramenta pedagógica no Ensino de História que pode viabilizar a compreensão dos conteúdos, despertando neles o sentido crítico e o interesse por novas leituras a respeito de diversos assuntos. Todavia é importante que o professor tenha entendimento que fazer uso de imagem, não se limita somente a uma simples discussão, é necessário que seja aprofundado no contexto histórico em que a imagem foi criada, que se faça uma análise prévia, para que assim possa trabalhar, levando o aluno a compreender a importância das imagens do passado em face da sociedade atual vivenciada pelo educando.

Em seu estudo “O Desenho Como Narrativa e a Aprendizagem Histórica”, Daniela Sikora (2020), egressa do ProfHistória de Curitiba, apresentou uma proposta que se aproxima da atividade desenvolvida em nossa formação. A autora utilizou o desenho como ferramenta para narrativas históricas produzidas por alunos após o contato com fontes documentais. De

forma semelhante, utilizamos o desenho como metodologia para investigar as memórias que os alunos guardam da antiga cidade ou, mais precisamente, as representações que construíram sobre ela.

Assim como eu, Sikora (2020), ao buscar trabalhos que relacionassem o uso do desenho no campo da História, constatou que são raros. A maioria das produções encontradas está concentrada nas áreas da Psicologia, Pedagogia e Artes. Conforme a autora:

Os mais importantes estudos, que consideram o desenho como narrativa, se situam nos campos da pedagogia e da psicologia. Especialmente na pedagogia, o desenho é muito presente na fase da educação infantil. Porém, com a aquisição da escrita, o desenvolvimento biológico e o próprio processo de escolarização, o desenho se torna uma linguagem menos presente, o que em certa medida, justifica as poucas pesquisas sobre o desenho em aulas de História e a inexistência de investigações que abordem o desenho como narrativa histórica na perspectiva da consciência histórica rousseauiana, embora alguns trabalhos tenham buscado uma aproximação teórica entre o desenho e o conceito de consciência histórica (Sikora, 2020, p.30).

O desenho é uma forma de comunicação que os nossos ancestrais já utilizavam desde os tempos mais remotos, os homens agrafo, já faziam. Através dessas representações, eles se comunicavam e legaram um vasto conhecimento sobre sua história, visto que a escrita ainda não havia sido desenvolvida. E nos tempos atuais continua sendo utilizado como forma de comunicação, como meio de expressar os sentimentos, na psicologia como forma de tratamento, de terapia. Assim, conforme Oliveira e Grubits (2019):

Na prática psicológica, os desenhos são largamente utilizados. Historicamente, os desenhos embasaram testes de medidas de inteligência e, posteriormente, tiveram sua importância reconhecida como técnicas de investigação da personalidade. Nessa seara, os testes de desenho são amplamente aplicados considerando a relativa aceitação das pessoas em realizar a tarefa, o baixo custo e a pseudo facilidade em manusear o instrumento (Oliveira; Grubits, 2019, p.1037).

Assim, a arte de desenhar sempre esteve presente em nossas vidas, na infância começamos a dar os primeiros rabiscos. “Desde bem pequena, a criança já se aventura no universo dos rabiscos. Pais, pedagogos, psicólogos e artistas voltam-se para as primeiras produções da criança e cada uma dispensa a elas diferentes olhares. A criança, por sua vez, pode estar alheia a tudo isso ou profundamente engajada, quando a atividade lhe faz algum sentido” (Oliveira; Grubits, 2019, p.1037).

O desenho é também uma linguagem de expressão que pode levar a um diagnóstico acerca do que o aluno sabe sobre determinado fato, como forma de expressar suas experiências individuais e coletivas, permitindo exercitar e revisitar suas memórias, assim:

O desenho, tanto na perspectiva da recordação, quanto na perspectiva do projeto que vislumbra algo que irá existir, enquanto processo de cognição, favorece ao exercício da memória e a possibilidade de exercícios mentais e motores de forma conexa. Quando ao se desenhar, o desenhador busca em seu repertório imagens do passado, anteriormente já vistas, ao menos em parte dos elementos, para a construção de uma nova configuração do que o aparelho visual alheio tendo como criação, neste processo de construção do desenho da memória ou até mesmo de projeto, o gesto estabelece uma relação com o pensar, no qual o primeiro registra o que o segundo busca no referencial de repertório das experiências passadas, estes desenhos podem configurar documentos de registro da ação humana e posteriormente serem acessados pelas gerações futuras como vestígios, preexistência (Oliveira; Grubits, 2019, p.5).

Assim como eu, esses estudantes não vivenciaram a antiga cidade, o que torna essa investigação ainda mais relevante para a compreensão da transmissão intergeracional de memórias:

As narrativas ouvidas, vistas ou lidas nos mecanismos educacionais acessados ao longo da vida de um ser humano constroem memórias sobre fatos, objetos e personagens sem a necessidade de uma vivência empírica destes fatos, entretanto, permitem que ao serem acessadas, estas memórias contêm a história conforme o conhecimento obtido pelo indivíduo com o meio difusor (Lima; Oliveira, 2022, p.6).

Portanto, considerando essa base teórica sobre a importância do desenho para a expressão de memórias coletivas, solicitei que os alunos expressassem por meio de desenhos, o que sabem sobre a antiga cidade, logo, o burburinho começou, assim como a resistência de alguns: "Eu não sei desenhar!"; "Isso não é comigo! Esse tipo de reação é natural. Sempre que nos deparamos com algo novo, há uma tendência à resistência, e com os alunos não é diferente. No entanto, com o processo de mediação os/as alunos/as terminaram por participar da atividade.

Acredito que utilizar o desenho como forma de expressão tenha sido um caminho interessante. Se a proposta fosse a produção de um texto escrito, a resistência seria ainda maior, pois percebo que muitos alunos demonstram dificuldade ou até mesmo resistência para escrever. Isso se agrava na atual geração, acostumada a estímulos rápidos e constantes, que geram picos de dopamina, o neurotransmissor associado à sensação de prazer e recompensa imediata (Turel et al., 2014).

O tempo determinado foi de 50 minutos e o material disponível foi papel ofício e lápis de cor. Os alunos demoraram um pouco mais que o tempo estipulado. A fotografia abaixo (Figura 9) registra o momento da elaboração dos desenhos, realizados em pequenos grupos, a fim de facilitar o compartilhamento dos materiais que foram utilizados na produção. Esse registro é um recorte que marca o início da nossa formação, onde os discentes produziram seus desenhos.

Figura 9 - Alunos do 8º e 9º ano realizando a atividade: Revisitando memórias.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Após a conclusão da atividade, pedi aos discentes que explicassem seus desenhos e descrevessem o que eles conseguiam enxergar em cada desenho, “uma casa”, “uma cidade sendo alagada com a construção da barragem”, “pessoas fugindo e correndo com a chegada das águas”. “destruição”, “desespero”, “tragédia”, “medo”. Com o fim desse momento, recolhi todos os desenhos, para realizar uma leitura minuciosa dos trabalhos, buscando compreender que memórias esses estudantes têm da antiga Sento-Sé. Além de atribuir nomes fictícios aos alunos cujos desenhos foram selecionados para análise, também nomeie cada desenho individualmente, com o objetivo de facilitar sua identificação e interpretação ao longo do trabalho.

Logo que iniciei a análise dos desenhos, pude perceber que alguns alunos trazem na sua memória algumas lembranças que foram construídas no seu ambiente de convívio. “[...] a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores.” (Amorim; Silva, 2016). Os alunos como já mencionado não viveram na antiga cidade o que eles sabem é o que foi narrado no seu ambiente de convívio, que também faz parte da construção das memórias. Contudo notei nas atividades que os alunos tiveram pouco contato com a história dessa cidade antiga. Além disso, percebi que no ambiente escolar também é pouco abordada essa história

local. Como professora de História conheço essa dificuldade que temos de encontrar material didático para trabalhar com a história local. Este fato reflete em um desafio para resgatarmos aquilo que ficou na memória e que possa ser revisitado sempre que desejado. Abaixo trago alguns desenhos que selecionei entre os produzidos pelos discentes para analisar de acordo com a perspectiva da memória individual e coletiva, de Maurice Halbwachs (2006).

O desenho da Figura 10 representa a Casa Grande, como era chamada essa residência construída no período colonial. Ela serviu de base para os exploradores da família D'Ávila, que vieram à região para explorar e usurpar as riquezas da antiga cidade. O desenho foi feito por uma aluna, a quem chamarei de Flor. Durante as aulas de formação, ela compartilhou comigo um hábito familiar valioso: sua família costuma se reunir em torno da matriarca, sua avó, para ouvir suas histórias. Fiquei especialmente feliz com esse relato, pois práticas como essa, em que os mais jovens escutam os mais experientes, têm se tornado cada vez mais raras. Ainda assim, representam uma forma de constituição da memória, sobretudo entre as crianças que, sob os cuidados dos avós, especialmente nas cidades do interior, crescem ouvindo suas vivências e histórias.

Figura 10 - Desenho “A casa grande”



Fonte: Desenho de Flor, aluna do 9º ano, 2024. Acervo pessoal da autora.

Nas narrativas de sua avó, Flor ouviu falar sobre a cidade antiga e sobre a Casa Grande, que era tanto um símbolo da exploração quanto um lugar de memória, carregado de significados históricos como a escravidão, a opressão, a riqueza e a tristeza. Infelizmente, esse patrimônio poderia ter sido preservado, caso a inundação da cidade não tivesse ocorrido. A análise do desenho de Flor revela o uso da memória individual e coletiva; embora ela não tenha vivenciado a antiga cidade, apropriou-se dos relatos ouvidos para construir suas próprias representações do passado, o que também constitui um processo legítimo de construção da memória.

A fotografia da Figura 11, fonte histórica rica em informações e visivelmente semelhante ao desenho de Flor, serviu como documento para comparação e análise da memória

construída pela aluna. Assim, o contato com documentos, como a fotografia neste caso, também contribuiu para a formação dessa memória.

Figura 11 - Fotografia da Casa Grande.



Fonte: Autor desconhecido. Fotografia da Casa Grande, s.d. Disponível em: <<https://sentosebahia.wixsite.com/sentose>>. Acesso em: 10 jun. 2025

No desenho da Figura 12 a seguir, observa-se que o aluno José retrata uma cidade parecida, com nova Sento-Sé (Antunes, 2023), devido a elementos característicos da cidade, como a Igreja no centro, rodeada por casas. Não só no desenho de José como em outros os alunos, também ilustraram os mesmos elementos, fato que me permite inferir que os discentes utilizaram a nova cidade como referência. Além disso, não posso deixar de mencionar que se faz presente a questão da religiosidade, que é um traço marcante e presente.

Figura 12 - Desenho “A cidade”



Fonte: Desenho de José, aluno do 8º ano, 2024. Acervo pessoal da autora.

O próximo desenho (Figura 13), chamei de Dilúvio. A aluna Maria relatou como ela imagina que foi o momento em que a cidade foi inundada, com a construção da barragem de Sobradinho na década de 1970. No desenho podemos perceber as pessoas correndo com a chegada das águas tomando conta das suas casas. Essa retratação transmite uma ideia de desespero por parte da população com a inundação da cidade, o que em parte aconteceu. Segundo relatos contidos no livro de Adzamara Palha Amaral em “Memórias de Uma Cidade Submersa”, alguns moradores saíram no último momento em que as águas chegaram. “Algumas pessoas só saíram quando sua casa já estava completamente inundada, sendo retirado no pequeno avião do Padre Marcos Titília como aconteceu com o professor João Evangelista que resistia à mudança, ele foi levado amarrado pela cintura e colocado à força por cinco homens dentro do avião.” (Amaral, 2020, p.22).

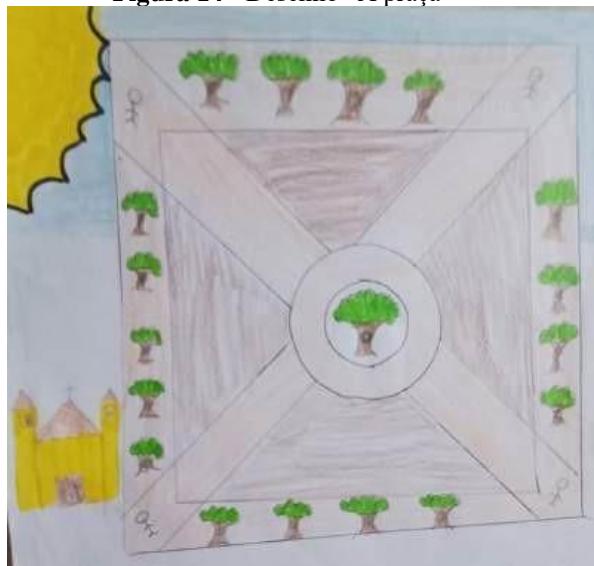
Figura 13 - Desenho “O dilúvio”



Fonte: Desenho de Maria, aluna do 9º ano, 2024. Acervo pessoal da autora.

A aluna Júlia, desenhou exatamente a praça da cidade antiga (Figura 14), rodeada por árvores, local de encontros e de prosas, onde as crianças brincavam. Identifiquei uma fotografia (Figura 15) semelhante ao desenho de Júlia em um site de arquivos da memória de Sento-Sé, produzido pela Arqueóloga Vanessa Iguatemy, pesquisadora no campo da história, arqueologia e antropologia. Esse fato demonstra que, bem como a Flor, com seu desenho da casa grande, Júlia também já teve acesso à fotografia ou memórias da fotografia ou do ângulo fotografado, o que evidencia que ainda de maneira tímida os alunos têm alguma referência da cidade antiga. O que eu observo é que a CHESF, tentou reproduzir a lógica da antiga cidade, pois na Nova Sento-Sé também possui uma praça central, que lembra muito a da cidade inundada, o que nos leva a considerar que tal postura também foi uma estratégia para a comunidade aceitar a mudança.

Figura 14 - Desenho “A praça”



Fonte: Desenho de Júlia, aluna do 9º ano, 2024). Acervo pessoal da autora.

Figura 15 - Fotografia da praça da antiga Sento Sé.



Fonte: Site. Disponível em: <https://sentosebahia.wixsite.com/sentose?lightbox=dataItem-jrdl1o>. Acesso em: 28 maio 2025.

O desenho de Rosa da Caatinga (Figura 16), intitulado “A cidade imaginada”, representa a antiga cidade com algumas casas de pequeno porte, algumas, inclusive, com redes e bancos, um armazém e algumas árvores. Assim como a maioria dos colegas, a aluna destacou a Igreja no centro do desenho, o diferencial foi o desenho da nova Igreja Congregacional não a igreja antiga católica de São José, evidenciando, mais uma vez, sua vivência religiosa. Isso reforça a percepção de que alguns alunos constroem suas memórias com base em elementos do presente da cidade.

Figura 16 - Desenho “A cidade imaginada”.



Fonte: Desenho de Rosa da Caatinga, aluna do 8º ano, 2024. Acervo pessoal da autora.

No desenho “Caminhos Religiosos” (Figura 17), Zé das Veredas posiciona a Igreja no centro e traça caminhos que conduzem até ela, demonstrando, mais uma vez, a força da representação religiosa. Muitos dos alunos são praticantes da fé, frequentam igrejas e participam de movimentos religiosos, o que pode justificar a centralidade da Igreja em seus desenhos. Além disso, o trabalho evidencia que parte dos estudantes reproduziu elementos da Nova Sento-Sé, mesclando memórias do passado com vivências do presente.

Figura 17 - Desenho “Caminhos Religiosos”



Fonte: Desenho de Zé das Veredas, aluno do 8º ano, 2024. Acervo pessoal da autora

Neste primeiro momento da formação, diante da atividade proposta e dos resultados apresentados pelos alunos, foi possível notar que, mesmo de forma tímida, alguns apresentaram uma memória sobre a história da cidade, ao desenharem a antiga praça de Sento- Sé (Figura 14) e retratar uma história vivida pelos moradores com o alagamento de suas casas (Figura 13). Embora, também tenha sido observado que a imagem da antiga cidade com a dos tempos atuais

mistura-se na mente dos alunos, como visto no desenho mais contemporâneo de José na Figura 12.

Trata-se de um conhecimento ainda restrito a poucos, como foi possível perceber. Pois o resultado confirma que a maioria dos alunos reproduziu imagens de uma cidade moderna, seguindo a lógica da cidade em que vivemos atualmente. Quando propus a atividade, muitos afirmaram que não saberiam realizar a tarefa porque desconheciam a cidade antiga. Diante disso, orientei-os a expressar essa falta de conhecimento por meio do desenho, podendo inclusive escrever que não sabiam. Ainda assim, todos participaram da atividade e produziram seus desenhos.

É importante destacar, que isso não significa que todos tenham domínio sobre a história dessa cidade antiga, o que reforça a necessidade de uma investigação mais profunda, precisamos identificar quais memórias ainda persistem na sociedade, que conhecimentos sobre essa cidade ainda circulam, e de que forma podemos trazer essas narrativas para a sala de aula. O objetivo não é apenas relembrar uma cidade que já não existe, mas compreender todo o processo histórico: o contexto político, econômico e social, as consequências da construção da barragem e da mudança forçada da cidade.

Para o momento seguinte da formação, intitulado “Fontes Históricas” (Tabela 1), solicitei aos alunos que trouxessem objetos, documentos ou fotografias que pertenceram ou ainda pertencem a membros mais antigos de suas famílias e que tenham sido trazidos da antiga cidade. O objetivo era que, juntos, pudéssemos analisá-los no contexto do estudo de fontes históricas.

2.2 Fontes Históricas

No final do primeiro momento “Revirando o baú de Memória” solicitei aos alunos que trouxessem de casa itens da história de seus familiares que viveram na antiga Sento Sé. Esperava que a missão fosse cumprida, mas, infelizmente, o resultado não foi como eu imaginava: apenas dois alunos trouxeram objetos, uma furadeira que pertenceu ao avô, cuidadosamente guardada e preservada pelo seu pai, o outro trouxe um pequeno binóculo acompanhado de uma foto antiga de seus avós na cidade antiga.

A princípio fiquei um pouco desapontada, mas depois percebi que esse indício é um dado significativo para nossa pesquisa, revelando a ausência e ou desconhecimento de vestígios materiais da antiga Sento-Sé no cotidiano dos estudantes e de seus familiares. Ao serem questionados sobre a existência destes itens históricos, a maioria afirmou não possuir nenhum

item que remetesse à antiga localidade. Pode-se pensar que esta constatação evidencia em certa medida um apagamento das lembranças decorrente não apenas do deslocamento forçado provocado pela construção da barragem de Sobradinho, mas também da falta de educação patrimonial, bem como políticas públicas que assegurem a preservação da História e da identidade dos atingidos pela construção da barragem de Sobradinho.

Os objetos e registros documentais carregam histórias e contribuem também para a preservação das memórias, quantas vezes no nosso dia a dia, encontramos objetos que fizeram parte de determinado momento da nossa vida, e ao entrar em contato vem à tona intensas recordações?

O Iphan, Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional, define em sua portaria nº 137/2016 o que é educação patrimonial,

Art.2º Para os efeitos desta portaria, entende-se por educação patrimonial os processos educativos formais e não formais, construídos de forma coletiva e dialógica que tem como foco patrimônio cultural socialmente apropriado como recurso para compreensão sócio-histórica das referências culturais a fim de colaborar para o seu reconhecimento valorização e preservação (Iphan, Portaria nº 137, de 28 abr. 2016, art. 2º).

Nesse sentido a preservação da memórias e desses objetos que contam história, estão inseridos numa dimensão muito maior, não somente ao fato de preservar por preservar, mas sobretudo para que se possa construir um conhecimento e compreender um contexto sócio histórico no qual está inserido, levando em conta que são construídos em um cenário de disputa entre os sujeitos, “atuar com patrimônio e, consequentemente, com educação patrimonial implica está inserido no campo dos conflitos inerentes à conformação das memórias coletivas e das disputas nelas envolvidas entre os diferentes sujeitos e grupos sociais.” (Tolentino, 2021, p.5)

De acordo com Átila Bezerra Tolentino (2013, p.5), é necessário criar relações afetivas com o patrimônio cultural, ferramentas fundamentais na apropriação e construção de identidades, “na medida em que as referências culturais estão ligadas à conformação de nossas identidades e permeiam as relações que construímos com o lugar onde vivemos”.

Trabalhar com memórias também é adentrar no campo da Educação Patrimonial, mais uma consideração importante para o desenvolvimento deste trabalho, que como afirma Aline dos Santos Portilho et al. (2021, p.24), “a memória fundamenta as noções de patrimônio histórico e cultural”, com isso é necessário trazer essas discussões para sala de aula, para o Ensino de História evidenciando que,

Patrimônios são conjuntos de bens materiais ou imateriais representativos da história e da cultura de determinada comunidade, que ajudam a construir sua identidade e por isso demandam ações de preservação. Ao longo dos anos a concepção de patrimônio modificou-se consideravelmente passou por um processo intelectual e político que provocou o alargamento das noções associadas a ele, que possibilitou um aumento considerável dos elementos identificados como patrimônio. Isso tornou possível identificar como legítimos patrimônios locais que são também correlatos a valorização de memórias locais... essas características fazem da memória um tema rico para abordagem da educação patrimonial pois permite a reflexão sobre diversas questões (Portilho et.al., 2021, p.24).

Segundo Halbwachs (2006), a memória coletiva se apoia em suportes materiais e sociais que lhe conferem permanência. Quando esses apoios se perdem, a lembrança torna-se mais vulnerável ao esquecimento, isso ficou evidente na nossa avaliação, sobretudo entre as gerações que não vivenciaram diretamente a cidade submersa. A inexistência de objetos concretos compromete a transmissão dessas memórias, esvaziando o imaginário sobre o que foi a cidade antes da inundação.

Nesse cenário, o Espaço de Memória Digital proposto nesta pesquisa ganha mais relevância, como uma alternativa ainda que simbólica de ressignificação e reconstrução da memória coletiva. Por meio do resgate de relatos orais e fotografias, busca-se recriar vínculos entre o passado submerso e o presente vivido, contribuindo para fortalecer o sentimento de pertencimento e identidade entre os sujeitos envolvidos.

Logo no início da aula do segundo momento, propus aos alunos a seguinte pergunta: “O que é fonte histórica?” O silêncio que se seguiu foi marcante. Alguns demonstraram ter uma noção vaga; outros disseram que sabiam, mas não conseguiram conceituar; alguns fingiram distração, enquanto outros afirmaram nunca ter ouvido falar no termo. Por outro lado, um aluno respondeu: “É aquilo que o historiador estuda.” A partir dessa resposta, aproveitei a oportunidade para apresentar o conceito de fonte histórica segundo Assunção de Barros, que adotamos como referência para nossa abordagem:

Fonte Histórica é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no presente. As fontes históricas são as marcas da história. Quando um indivíduo escreve um texto, ou reforce um galho de árvore de modo a que este sirva de sinalização aos caminhantes em certa trilha; quando um povo constrói seus instrumentos e utensílios, mas também nos momentos em que modifica a paisagem e o meio ambiente à sua volta – em todos estes momentos, e em muitos outros, os homens e mulheres deixam vestígios, resíduos ou registros de suas ações no mundo social e natural (Barros, 2019, p.1).

A definição apresentada pelo autor evidencia a amplitude do conceito de fonte histórica,

que abrange uma diversidade de materiais produzidos pelos seres humanos ao longo do tempo. Os registros, por serem contemporâneos aos fatos estudados, constituem documentos e vestígios do passado que exigem análise e interpretação crítica por parte do historiador.

E como trazer e trabalhar essas fontes históricas na sala de aula? De acordo Flávia Eloisa Caimi (2009), as proposições de trazer para as aulas de História as Fontes Históricas nas perspectivas dos PCNS e pelo PNLD, baseiam-se na proposta de superar os métodos de memorização que ainda permeiam o Ensino de História, trazendo uma proposta de desenvolvimento na qual a aprendizagem histórica acontece de forma mais interativa, levando em consideração que não se busca transformar o aluno em um historiador. Portanto:

Aprender a historiar ou aprender o ofício dos historiadores não significa almejar que os estudantes se tornem um pequeno historiador, até porque as finalidades do trabalho do historiador ao produzir conhecimento histórico são distintas das finalidades do trabalho do professor a ensinar história. O historiador toma as Fontes como matéria-prima para desenvolver o seu ofício e como especialista reconhece todo o contexto de produção antes mesmo de delimitá-las para seu estudo (Caimi, 2009, p.143).

Ainda conforme Caimi (2009), para o uso de fonte em sala de aula é necessário que haja orientações metodológicas que indicam a atuação do discente, no que se refere análises das fontes,

O papel ativo do estudante nos procedimentos de compreensão interpretação mais do que objetos ilustrativos as Fontes são trabalhadas no sentido de desenvolver habilidades de observação problematização análise e comparação formulação de hipóteses crítica produção de síntese reconhecimento de diferenças e semelhanças enfim capacidades que favorecem a construção do conhecimento histórico numa perspectiva autônoma (Caimi, 2009, p.141).

Neste segundo momento da trilha, fizemos as análises das fontes históricas, foram utilizadas uma fotografia de família, trazida pelo aluno José, uma furadeira também trazida por um aluno, João, uma lei- o Ato Institucional AI,- a primeira norma criada no governo da ditadura Militar no Brasil, com o objetivo de legitimar o regime, e um documentário “Ecologia e Memória”, produzido por Adzamara Amaral, com depoimentos de moradores da antiga Santo Sé. O objetivo aqui foi observar essas fontes como indícios a serem analisados, o que não se revelou uma atividade fácil,

O desafio é, tomando os documentos como fontes, entendê-los como marcas do passado, portadores de indícios sobre situações vividas, que contém saberes e significados que não estão dados, mas que precisam ser construídos com base em olhares, indagações, e problemáticas colocadas pelo trabalho ativo e construtivo dos alunos mediados pelo trabalho do professor (Caimi, 2009, p.147).

A fotografia a seguir (Figura 18) foi trazida pelo aluno José. Segundo ele, as pessoas retratadas são sua avó e seus familiares. A foto foi passada aos alunos para que eles fizessem o reconhecimento da imagem. Após esse momento comecei as indagações em relação a fonte: A fonte é confiável? O que vocês veem? Os alunos responderam que a fonte era confiável, e que retratava uma família da época. Apontei para eles que as vestimentas também eram um vestígio do período em questão, como também o próprio monóculo que era um suporte para fotografias, utilizado bastante durante os períodos de 1870 e 1930, o que aponta fortes indícios de que a fotografia foi tirada antes da antiga cidade ter sido inundada.

Figura 18 - Fotografia de família.



Fonte: Foto de José, aluno do 8º ano, 2024. Fotografia digitalizada pela autora.

A fotografia é um tipo de fonte histórica, indício, vestígio que exige do pesquisador um olhar para além do que está sendo visto na foto, é um documento histórico que para ser analisado demanda sensibilidade, além do conhecimento de certas técnicas empregadas na captura e revelação:

A fotografia é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica. O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida. No entanto, parafraseando Jacques Le Goff, há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado - condições

de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo (Mauad, 2006, p.8).

A outra fonte que analisamos, foi uma furadeira manual (Figura 19), que segundo o aluno Carlos era utilizada por seu avô, nos trabalhos que ele realizava. Fiz algumas perguntas sobre o objeto em questão: Como podemos interpretar essa fonte? Qual a finalidade do seu uso?

Alguns alunos responderam que é um objeto de trabalho! É parecido com a furadeira atual! O dono podia ser um pedreiro, trabalhar em construção! Quem sabe esse não foi utilizado na construção das casas na época da mudança.

Figura 19 - Objeto (furadeira) de época.



Fonte: Arquivo da família do João, aluno do 8º ano. Acervo pessoal da autora.

Nossa outra fonte utilizada foi o documentário “Ecologia e memória de Sento Sé BA” criado por Adzamara Amaral (2019). O documentário possui depoimentos de moradores que residiam na antiga, Sento-Sé. O objetivo de mostrar esse documentário foi utilizá-lo como fonte visual e oral ao mesmo tempo. Esse tipo de fonte permite inúmeras indagações que vão da produção a intenção da sua elaboração. As indagações giraram em torno de: Que tipo de fonte? Qual o objetivo da fonte? Quando foi elaborada? Quem fez? Quem era o entrevistado? A fonte é confiável? Alguns dos alunos presentes responderam: “Visual”, “Oral”, “Memórias”. “Conta a história da cidade”, “Guardar as memórias”. “Moradores da cidade” “Pessoas mais velhas”. “Sim”. Assim os alunos participaram dos questionamentos que são necessários quando se trabalha com fonte históricas, lembrando que o trabalho de interpretação de fontes aponta uma

gigantesca possibilidade de narrativa, e que as entrevistas são recortes organizados pelo produtor que nos deseja passar uma mensagem.

Conforme Barros (2019), fontes históricas seriam tudo aquilo que tem a interferência do ser humano, os vestígios produzidos e deixados pelo homem ao longo do tempo. E a partir daí, desses vestígios, é que começa o trabalho de investigação do historiador, que utiliza como fonte para a produção histórica. As fontes, das quais são extraídas essas narrativas, podem se subdividir em três classificações: escritas, não escritas, verbais e orais. Essa última será uma das principais fontes que iremos utilizar na nossa pesquisa, pois trabalharemos com a metodologia da história oral. Graças aos avanços das pesquisas e da historiografia, foi possível estender e aumentar o raio de alcance e ampliar o que os pesquisadores utilizam nas suas pesquisas como fontes históricas:

(...) é oportuno ressaltar que a ampliação documental – ou a crescente multi diversificação das fontes históricas – foi uma conquista gradual dos historiadores. Verificou-se, mais intensamente, à medida que a historiografia expandia seus limites no decurso do século XX. O historiador moderno, contribuindo para uma incessante renovação do seu próprio saber, adotaria no mundo contemporâneo novas perspectivas, passaria a dispor de novos métodos e a contar com o diálogo e intercurso de outras disciplinas como a Geografia, a Linguística e a Psicologia – apenas para mencionar três campos relacionados aos exemplos antes expostos: a paisagem, a palavra e o gesto. Tudo isto e mais o interesse por novos objetos, até então negligenciados pela História tradicional, fez com que a historiografia contemporânea se encaminhasse para necessitar cada vez mais de outros tipos de fontes que não só as tradicionais crônicas e os habituais registros arquivísticos. Assim, se os arquivos oficiais continuam a ser fundamentais para o trabalho dos historiadores, eles estão longe de serem suficientes para fornecerem tudo o que os historiadores necessitam para o seu trabalho (Barros, 2019, p.6).

Em síntese as fontes trabalhadas na sala de aula dialogam de maneira crucial com os objetivos da nossa pesquisa, as fontes trazem revelações da nossa cidade antiga, pondo os alunos em contato com esses objetos que também são importantes na construção e na preservação das memórias que será o tema da nossa próxima etapa da formação.

2.3 Memória e os Lugares de Memória, o que são?

Retomando nossa formação, no encontro anterior abordamos o tema fontes históricas, momento importante no qual busquei explorar, junto aos alunos, o que são as Fontes Históricas e pude me aprofundar em métodos para trabalhar com fontes em sala de aula. No início deste terceiro momento, realizamos uma aula expositiva sobre os conceitos de memória e os lugares de memória da antiga cidade, tema central de nossa pesquisa. Durante a aula, procurei

apresentar aos alunos as ideias de Halbwachs (2006) sobre memória e a conceituação de Pierre Nora (1998) sobre os lugares de memória. Embora esses conceitos sejam complexos, busquei abordá-los de forma acessível e didática, considerando a idade e o nível de compreensão dos alunos. Meu objetivo foi garantir que eles pudessem compreender a importância da memória na construção da identidade.

Ao iniciar a explanação do conteúdo comecei perguntando-lhes o que é memória? Alguns responderam dizendo que seria um registro e ato de lembrar de algo. A maioria nesse momento ficou calada, é uma questão que sempre observo na sala, quando pedimos para conceituar algo, muitos chegam a dizer que até sabem o significado, mas não sabem conceituá-lo.

Halbwachs (2006) discute dois conceitos de memória que são relevantes e objetos de estudo da nossa pesquisa: a memória individual e a coletiva (Figura 20), que são construídas no espaço e no tempo em que o sujeito estão inseridos, como a memória familiar e/ou religiosa que são construídas dentro de um contexto social, vivenciadas diretamente pelo sujeito ou criadas a partir do acesso a memórias dos outros (Figura 21). Conforme o autor, “A memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas evoluindo segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (Halbwachs, 2006, p.72).

Figura 20 - Memória Individual e Coletiva



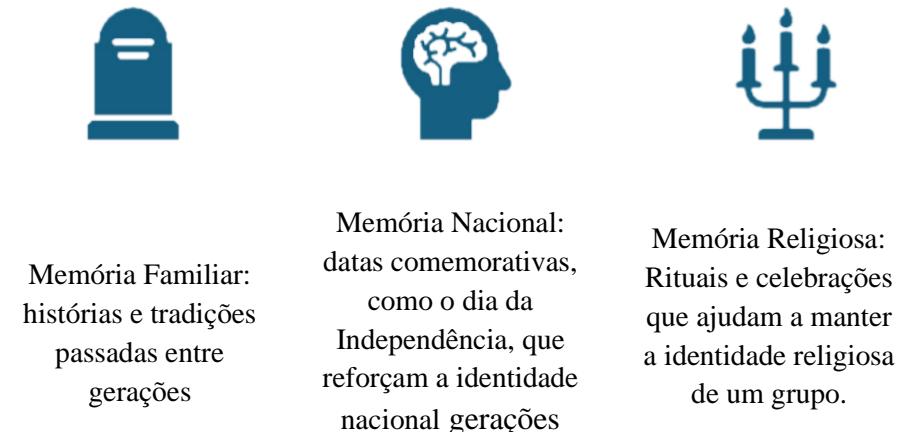
Individual: Relacionada às experiências pessoais, mas sempre influenciada pelo contexto social



Coletiva: Lembrança compartilhada e passada adiante

Fonte: elaboração própria da autora, 2025.

Figura 21 - Memória Coletiva.



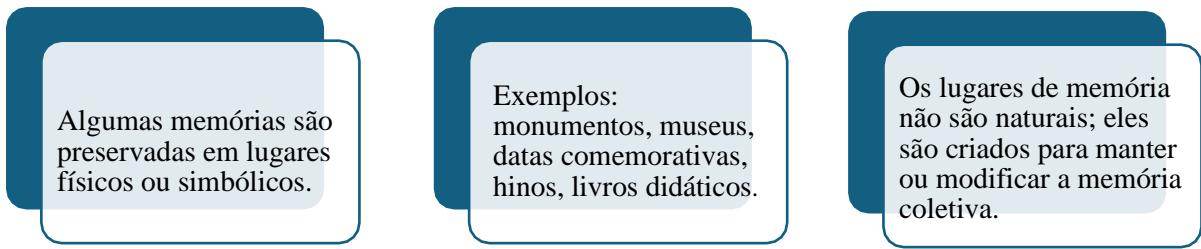
Fonte: Elaboração própria da autora, 2025.

A memória individual é a memória que o indivíduo traz consigo, a que tem relação a experiências pessoais vivenciadas pelo indivíduo, mas que está sempre carregada de um contexto social, da convivência, do espaço e do tempo:

Memória individual ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinado pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos, que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (Halbwachs, 2006, p.72).

Nora (1993), assim como Halbwachs (2006), aborda a temática da memória, agregando o conceito de "Os Lugares de Memória". O esquema da Figura 22 abaixo traduz o que são esses lugares, abordado pelo historiador francês, que são os espaços físicos, simbólicos ou institucionais, que preserva, e representam a memória coletiva, e que são necessários, criá-los, "Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais." (Nora, 1993, p.13).

Figura 22 - Esquema dos conceitos de Lugares de Memória



Fonte: Elaboração própria da autora, 2025. Adaptado de Nora (1993).

Para que os alunos compreendessem melhor o conceito de “lugares de memória”, apresentei duas fotografias: uma da Igreja Matriz de São José e outra do antigo hospital da cidade (Figura 23 A e B). Ambas as construções pertenciam à antiga Sento-Sé e carregam significados simbólicos profundos para a comunidade local. A igreja, tradicionalmente, é um marco central nas cidades do interior, representando não apenas a religiosidade, mas também a vida social e cultural dos moradores. O hospital, por sua vez, foi o local onde muitas vidas nasceram, renasceram, encerraram os seus ciclos, o que também o configura como um espaço carregado de memórias. Após a exibição das imagens, propus aos alunos a reflexão: seria possível considerar esses dois espaços físicos como “lugares de memória”, segundo a definição de Pierre Nora? A resposta foi afirmativa. Os estudantes reconheceram que esses locais guardam lembranças significativas, contribuindo para a construção da identidade e da história da comunidade.

Figura 23 - Lugares de Memória da Antiga Sento-Sé. A) Igreja católica e B) Hospital.



Fonte: As memórias de Sento-Sé. Disponível em: <https://meussertoes.com.br/2019/08/07/memorias-de-sento-se/>. Acesso em 10 jun. 2025.

A fotografia é um recurso didático, um documento histórico usualmente utilizado no Ensino de História e pode ser explorada de diversas maneiras, aqui a exploramos como documento que registrou um acontecimento “a fotografia registra fatos, acontecimentos, situações vividas em tempo presente que logo se torna passado” (Bittencourt, 2005, p.366), o que na verdade, é mais um recorte da realidade desse lugar desses espaços de memórias.

Um dos alunos presentes comentou que ficou surpreso com a aula, pois não esperava que um tema como aquele fosse abordado. Trata-se de um estudante apaixonado por História, mas mesmo entre os que inicialmente não demonstram tanto interesse, é possível observar o despertar do encantamento pelo conhecimento histórico. Esse episódio reforça a importância de dinamizar as aulas de História, tornando-as mais atrativas e significativas. Quando bem conduzido, o processo de ensino-aprendizagem contribui para a formação de cidadãos críticos, participativos e engajados com a realidade em que vivem.

Trabalhar com memória é uma tarefa que exige sobretudo sensibilidade por parte do pesquisador, a memória passa por processos como lembrança, esquecimento e seleção, Como representado na figura 24 a seguir, “A lembrança é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução aberta dialética da lembrança e do esquecimento inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações susceptível de longas latências e de repentinhas revitalizações.” (Nora, 1993, p.9). Além disso, existe o conflito de memórias, pois diferentes grupos podem ter perspectivas distintas sobre o mesmo evento. Outro aspecto relevante é a transformação da memória ao longo

do tempo, uma vez que ela se adapta e muda conforme as necessidades e circunstâncias do grupo (Figura 24).

Figura 24 - Esquecimento, Conflitos de memória e Mudanças ao longo do tempo



Esquecimento e Seleção:
Algumas memórias são
esquecidas ou
intencionalmente ignoradas



Conflitos de memória:
Diferentes grupos podem ter
memórias conflitantes sobre o
mesmo evento histórico



Mudanças ao longo do
Tempo: A memória Coletiva
se adapta e muda conforme as
necessidades do grupo

Fonte: Elaboração própria da autora, 2025.

A próxima etapa da formação visou trazer a discussão acerca do período da Ditadura Militar no Brasil, com ênfase no seu contexto político, social e econômico, entender como se deu a construção da barragem de Sobradinho e das memórias nesse cenário.

2.4 A Ditadura Militar e a Construção da Barragem de Sobradinho

A história da mudança da cidade de Sento-Sé está intimamente ligada ao período da Ditadura militar no Brasil que se estendeu de 1964 a 1985. Um dos planos de governo desse período foi caracterizado pela modernização e industrialização, que como veremos foi a todo custo. Sento-sé, Remanso, Pilão Arcado e Casa Nova foram cidades submersas com a construção da barragem de Sobradinho na década de 1970 (Amaral, 2021), graças a esse projeto do governo. Nesse sentido não poderia faltar na formação esse contexto histórico, para que os alunos pudessem ter noção em que momento essas memórias foram criadas. Trazendo também uma discussão acerca da ideia propagada de que seria benéfico para a população a construção da barragem, pois estaria trazendo “progresso”.

Como ainda são muito jovens para compreender certos aspectos históricos, neste momento da trilha, busquei apresentar o conteúdo de forma acessível, destacando o que os estudos apontam sobre o regime ditatorial no Brasil. Para isso, mergulhei na obra de Maria José Rezende¹⁵, “A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de Legitimidade” (2001), que

¹⁵ Doutora em sociologia pela Universidade de São Paulo em 1996, mestre em ciências sociais pela Pontifícia Universidade de São Paulo em 1991 e professora do departamento de ciências sociais da Universidade Estadual de Londrina desde 1987, é uma das autoras do livro “Iniciação à sociologia”. São Paulo:, atual, 1993.

oferece uma análise profunda sobre como os militares buscaram e criaram mecanismos para se perpetuar no poder, muitas vezes com o apoio de uma parcela significativa da população brasileira. Trata-se de uma obra fundamental para a compreensão do regime militar (1964-1985), que não se baseou apenas na repressão, mas também na construção de aparatos para sua legitimização enquanto forma de governo, construindo um suposto ideário de democracia.

E para iniciar a aula perguntei aos alunos o que eles entendiam por progresso, as respostas foram as seguintes: desenvolvimento, melhorias, avanço, na cabeça deles e na minha por muito tempo a ideia de progresso, era algo que estava ligado ao desenvolvimento, a melhorias, mudanças positivas, que trariam melhores condições de vida para população, tiraria a cidade do chamado “atraso”. Esse é um discurso que ouvimos constantemente na nossa sociedade, que por muitas vezes somos seduzidos pela ideia que essa palavra sucinta.

Após esse primeiro diálogo com os discentes, apresentei uma reportagem do G1 e TV São Francisco (2023) que relata uma decisão da justiça transitada em julgado, relativo a indenizações a moradores que tiveram que deixar seus lares com a construção da barragem de Sobradinho na década de 1970. Após a reportagem interrogei-os novamente perguntando se o progresso foi bom para todos. Os alunos começaram a repensar o conceito de progresso perguntei-lhes se o progresso foi para todos? E se todos se beneficiaram com a construção da barragem?

E foi a partir daí que eles começaram a refletir, desconstruir e compreender que, por muito tempo, internalizamos conceitos que nos foram inculcados e que perpetuamos sem o devido questionamento. Não me refiro apenas aos meus alunos, mas também a mim, pois todos carregamos ideias transmitidas em nossos ambientes de convívio e as reproduzimos ao longo dos anos. A academia desempenha um papel fundamental nesse processo, ao nos proporcionar discussões que nos levam à reflexão crítica, permitindo-nos repensar e desconstruir concepções que são cristalizadas ao longo do tempo.

Assim o fiz nesse momento com os meus alunos e acredito que em certa medida eles vão sair daqui pensando diferente, em relação ao chamado progresso. Propagado, mas pouco acessado pela maioria da população e isso para mim é Ensino de História, quando conseguimos levar o nosso aluno a pensar e a romper paradigmas que até então eram considerados como verdade.

Continuei a partir daí com a explicação acerca do que foi o regime militar no Brasil, o período que correspondeu a permanência dos militares no governo do Brasil, trazendo para a aula um documento histórico, já discutido na aula anterior e novamente retomada O ato Institucional AI,

A revolução se distingue de outros movimentos armados pelo fato de que nela se traduz, não o interesse e a vontade de um grupo, mas o interesse e a vontade da nação. A revolução vitoriosa se investe no exercício do Poder Constituinte. Este se manifesta pela eleição popular ou pela revolução. Esta é a forma mais expressiva e mais radical do Poder Constituinte. Assim, a revolução vitoriosa, como Poder Constituinte, se legitima por si mesma. Ela destitui o governo anterior e tem a capacidade de constituir o novo governo. Nela se contém a força normativa, inerente ao Poder Constituinte. Ela edita normas jurídicas sem que isto seja limitado pela normatividade anterior à sua vitória. Os chefes da revolução vitoriosa, graças à ação das Forças Armadas e ao apoio inequívoco da Nação, representam o Povo e em seu nome exercem o Poder Constituinte, de que o Povo é o único titular. O Ato Institucional que é hoje editado pelos Comandantes-em-Chefe do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, em nome da revolução que se tornou vitoriosa com o apoio da Nação na sua quase totalidade, se destina a assegurar ao novo governo a ser instituído, os meios indispensáveis à obra de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil, de maneira a poder enfrentar, de modo direto e imediato, os graves e urgentes problemas de que depende a restauração da ordem interna e do prestígio internacional da nossa Pátria. A revolução vitoriosa necessita de se institucionalizar e se apressa pela sua institucionalização a limitar os plenos poderes de que efetivamente dispõe. (BRASIL, Ato Institucional nº 1 de 9 abr. 1964, art1º)

A citação acima corresponde ao preâmbulo do Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964, um dos principais instrumentos normativos utilizados pelos militares para conferir legitimidade formal aos seus atos. O regime militar referia-se ao golpe como uma "Revolução Gloriosa", sustentando que sua finalidade era atender aos anseios da nação brasileira em sua totalidade, e não apenas aos interesses de um grupo específico da sociedade. Trata-se de um dos primeiros mecanismos empregados pelo governo militar para garantir a manutenção do poder sob uma aparente legalidade, disseminando a narrativa de que a intervenção foi democrática e pautada pelo interesse nacional. Essa estratégia de justificação política visava conferir uma roupagem constitucional ao regime, buscando respaldo jurídico e popular para sua continuidade. Dessa forma o Ato Institucional A 1 não apenas marcou o início do regime militar, mas também inaugurou uma lógica de governo baseada na promulgação de atos normativos que ampliaram o poder do executivo à margem dos mecanismos tradicionais do estado de direito.

Dessa forma, os governantes precisavam criar mecanismos para se perpetuar no poder. Curiosamente, não recorreram apenas à violência e à imposição do autoritarismo. Aliado a esses mecanismos, desenvolveram outras estratégias, para influenciar a sociedade brasileira, buscando torná-la favorável ao regime. Para isso, procuraram construir a imagem de um governo não autocrático, mas supostamente democrático, fundamentado em valores como a preservação da família, o papel da escola, a harmonia no trabalho, o respeito à propriedade e a obediência às normas políticas e jurídicas. Assim, buscaram legitimar seu controle sobre a sociedade, apresentando-se como os garantidores da ordem e da estabilidade,

O regime militar buscava aceitabilidade, exaltando a valorização da instituição família sob um viés singularizado, ou seja, ele se empenhava em enfatizá-la como expressão. Um dos objetivos principais do movimento de 1964. A partir dessas questões, o regime se empenharia em se legitimar através de um suposto ideário de democracia que propagava a remodelação do Estado a partir da valorização da instituição família e de todos os valores que ele fosse inerente. (Rezende, 2001, p.39)

Então, a ditadura iniciou no Brasil em 1964, através de um golpe de estado que ficou conhecido como o golpe de 64, mudando então o nosso regime de governo que deixava de ser democrático passando a ser ditatorial, e que terminou durando 21 anos, sobre o discurso que os seus ideais eram democráticos e estariam livrando o povo brasileiro do comunismo e da corrupção.

Muitas pessoas acreditaram, e ainda hoje acreditam, que a ditadura militar no Brasil não existiu. Minha tia Sebastiana na época, tinha aproximadamente 17 anos e, em relato, contou que cursou a disciplina “Educação Moral e Cívica”, que foi introduzida no currículo escolar durante o regime militar como um instrumento de formação ideológica. Segundo ela, ao contrário do que se propaga, o período não foi uma ditadura, mas sim uma fase de progresso e crescimento econômico promovido pelos militares, imprimindo de tal maneira a lógica do regime militar pautada na formação de indivíduos subservientes ao sistema, que na prática seria desinformar e fazer acreditar que não se tratava de um regime democrático que era impositivo, cruel, criminoso, conforme Rezende (2001),

A educação tinha que ser estruturada de forma que ela fosse capaz de criar condições para legitimar o regime, o que significava adaptar e ajustar as gerações vindouras aos valores concebidos. Como essenciais pela nova ordem social que estaria sendo criada, a ditadura militar possuía assim um projeto de homogeneidade. A insistência na inculcação dos valores para patrióticos através dos símbolos nacionais fazia parte das características. Motivadoras de sua pretensão de legitimidade, as quais podem ser explicadas. (Rezende, 2001, p.46)

Sendo assim já era ensinado às crianças os valores propagados pelo regime militar, desenvolvendo nas pessoas, o discurso que o regime vigente era democrático, o que até hoje ressoa na sociedade brasileira, em que muitos que foram educados dentro desse regime defendem como democráticas e anticomunistas,

A ditadura militar, apoiada por setores conservadores da sociedade defendia o cristianismo e combatia o comunismo e as atitudes consideradas subversivas ao sistema, em nome de uma suposta soberania nacional. Ganhava cada vez mais espaços impopulares Atos Institucionais como forma autocrática da manutenção do poder (Rostas; de Abreu, 2016, p.390).

É por meio do Decreto-Lei nº 869/69 que o ensino da disciplina “Educação Moral e Cívica” se torna obrigatório em todos os níveis escolares. O objetivo dessa medida era propagar os ideais defendidos pelo governo, sendo também um dos instrumentos utilizados pelo regime militar para consolidar sua permanência no poder, “Art. 1º É instituída, em caráter obrigatório, como disciplina e, também, como prática educativa, a Educação Moral e Cívica, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País (Brasil, Decreto-Lei nº869, de 12 set. 1969, art 1º)”.

O Artigo 2º do Decreto-Lei nº 869/69 estabelece as finalidades dessa disciplina, conforme transcrito abaixo

Art. 2º A Educação Moral e Cívica, apoiando-se nas tradições nacionais, tem como finalidade:

- a) a defesa do princípio democrático, através da preservação do espírito religioso, da dignidade da pessoa humana e do amor à liberdade com responsabilidade, sob a inspiração de Deus;
- b) a preservação, o fortalecimento e a projeção dos valores espirituais e éticos da nacionalidade;
- c) o fortalecimento da unidade nacional e do sentimento de solidariedade humana;
- d) o culto à Pátria, aos seus símbolos, tradições, instituições e aos grandes vultos de sua história;
- e) o aprimoramento do caráter, com apoio na moral, na dedicação à família e à comunidade;
- f) a compreensão dos direitos e deveres dos brasileiros e o conhecimento da organização socio político-econômica do País;
- g) o preparo do cidadão para o exercício das atividades cívicas com fundamento na moral, no patriotismo e na ação construtiva, visando ao bem comum;
- h) o culto da obediência à Lei, da fidelidade ao trabalho e da integração na comunidade.

Parágrafo único. As bases filosóficas de que trata este artigo deverão motivar:

- a) a ação nas respectivas disciplinas, de todos os titulares do magistério nacional, público ou privado, tendo em vista a formação da consciência cívica do aluno;
- b) a prática educativa da moral e do civismo nos estabelecimentos de ensino, através de todas as atividades escolares, inclusive quanto ao desenvolvimento de hábitos democráticos, movimentos de juventude, estudos de problemas brasileiros, atos cívicos, promoções extra-classe e orientação dos pais (Brasil, Decreto-Lei nº869, de 12 set. 1969, art 1º, p.7769).

No decreto acima fica evidente as intenções do governo no que diz a respeito a educação, preparar pessoas subordinadas ao sistema político como também ao capital.

Conforme aponta Márcia Helena Sauaia Guimarães Rostas: “no esquema proposto a escola trabalharia para qualificação de um trabalhador subordinado e ajustado ao sistema capitalista, exigindo dos alunos obediência, às ordens, assiduidade, pontualidade e confiabilidade” (Rostas; de Abreu, 2016, p.390). A escola passou a funcionar como mais um aparato do governo militar, sendo forçada a aderir os livros didáticos, produzidos na época pelo

Estado. O professor que questionasse ou se recusasse, a propagar os ideais do sistema em suas aulas era passível de punição por parte do governo vigente,

Forçados a assumirem o compromisso ideológico do regime militar, os professores que lecionavam a disciplina de Educação Moral e Cívica eram os responsáveis pela recontextualização dos discursos ideais impostos à sociedade da época e por reproduzi-los aos alunos. Ao operacionalizar esses discursos nas esferas instrucional e regulativa os docentes preparavam o terreno para um contexto de aprendizagem dos conteúdos estabelecidos pelo currículo da época em consonância com os objetivos preconizados pelo Artigo nº2 do Decreto-Lei 869 de 1969 (Rostas; de Abreu ,2016, p. 391).

Segundo Rezende (2001), o regime militar era colocado como um estado necessário para a evolução política do Brasil, os militares persistiam em dizer que os órgãos da democracia estariam tutelados na medida em que o Congresso e os partidos fossem submetidos aos ditames do executivo. “Este último era então o órgão máximo de representação dos interesses do povo o que vai culminar nos anos posteriores com a dispensa de instituições de representação, pois o executivo estabeleceria diretamente segundo os condutores da ditadura o contato com todos os setores sociais.” (Rezende, 2001, p.80).

O ano de 1968 é marcado por grandes movimentações, contestações contrárias ao regime, movimentos e greves, nesse momento acontecem também a greve dos bancários e metalúrgicos em Minas Gerais em outubro do ano vigente, nessa conjectura o Ato Institucional AI5 é decretado, para o governo exercer poderes em todas as esferas da sociedade legitimando inclusive a tortura e outras formas de repressão,

Os trabalhadores estariam sendo influenciados contra o regime por grupos clandestinos em subversivos. O grupo de poder justificava, assim a repressão a todo o movimento considerado perigoso e nocivo à sociedade. A ditadura estabeleceu uma verdadeira batalha para conseguir dividendos políticos do próprio processo de recrudescimento que se estabelecia. Continuavam, então, a justificar que suas medidas eram uma forma de proteger a maioria da população das investidas de uma minoria (Rezende, 2001, p. 90).

Seguindo essa lógica do discurso da democracia a todo o custo, iniciou-se a fase mais cruel do regime, que ficou conhecido como “Anos de Chumbo” no governo de Costa e Silva,

Prevalecia o arbítrio e institucionalizava-se a repressão e a tortura, mas mesmo assim o grupo de poder (militares, representantes do grande capital e tecnoburocratas) continuava tentando ganhar adesão para o regime em vigor através da insistência de que as medidas postas em prática reiteravam e, portanto, não negava o sentido que eles imputavam a democracia (Rezende, 2001, p. 89).

Assim como a educação, os Atos Institucionais, a coerção e a repressão fizeram parte

do projeto da Ditadura Militar para se legitimar e se manterem no poder, os meios de comunicação também foram importantes ferramentas. O rádio, a televisão, os jornais, veículos utilizados para fazer propaganda do regime, “suas técnicas pretendiam entre outras coisas integrar a nação, legitimar seu projeto de modernização econômica e defender a unidade nacional” (Vieira; Maurey; Araújo, 2023, p.185). E quando esses estavam do lado oposto eram alvo de censura os limitando o que podiam publicar. No que tange aos meios de comunicação utilizados para se propagar as ideias, com aponta Vieira, Maurey e Araújo (2023):

[...] a necessidade de reprodução das ideias com as quais a população possa se identificar e apoiar o governo é tão crucial nessa dinâmica quanto o próprio exercício do poder. Ademais, essa identificação direta requer um composto ideológico poderoso, isto é, as crenças e visões de mundo pessoais do público precisam ser misturadas aos ideais da propaganda, da qual reitera-se elementos palatáveis e reconhecíveis, a fim de se formar um quadro de realidade condizentes com as condutas determinadas (Vieira et al., 2023, p.184).

É nesse cenário político de repressão, violência e busca de legitimação, que o governo desenvolveu políticas de modernização e industrialização do país, dentre elas a construção de hidrelétricas. Processo que como se observou, ocorreu a qualquer custo, recorrendo ao capital estrangeiro para concretizar esses projetos de infraestrutura com o objetivo de modernizar e alavancar a economia do país, o que gerou a posteriori um grande endividamento, recessão econômica, aumento da concentração de riquezas, alargando a disparidade social. Conforme Vieira et al. (2023):

O golpe militar de 1964 consolidou um modelo de estado autoritário que assumiu um duplo significado: excluente no campo político aos setores populares, mas defensor de um projeto de modernização da economia com nuances nacionalistas, cabendo ao próprio estado o gerenciamento e planejamento desse modelo econômico. Modernização econômica que transitava na produção de bens de capital e de bens consumos duráveis. No entanto, o processo tinha dois grandes fatores limitadores: a ampliação da concentração de renda que acentuava o seu caráter excluente e a necessidade constante de novos fluxos de capital externo para serem injetados na economia permitindo a formação dos grandes projetos industriais que marcaram o período (Vieira et al., 2023, p.180).

No período de 1968 a 1973, o Brasil vive o chamado “Milagre Econômico”, um período de expressivo crescimento econômico, impulsionado pela elevação do Produto Interno Bruto (PIB) e marcado por um intenso processo de industrialização e desenvolvimento da infraestrutura (Silva, 2019). Entretanto, “...O custo do crescimento econômico do milagre econômico seria pago nas décadas seguintes para acelerar o crescimento, o Brasil recorreu a empréstimos internacionais elevando a dívida externa do país à inflação na década de 1980”

(Silva, 2019, p.4).

Um exemplo emblemático desse modelo de desenvolvimento, embora tenha sido projetado pelo governo de Getúlio, mas concretizado no período do regime militar, foi a construção da Barragem de Sobradinho na Bahia no ano de 1970. Neste contexto, “A estruturação de um projeto desenvolvimentista passou a ser a chave para a modernização do Brasil e para sua transformação em uma “potência mundial”, unindo a nação em torno desse objetivo que mudaria as estruturas do país.” (Vieira et al., 2023, p.177).

No período em que se deu a construção da represa, o Brasil vivia a fase denominada de internacionalização da economia nacional e a construção da gigantesca obra estava em total consonância com os planos elaborados pelo governo militar de criar obras de infraestrutura voltadas para a viabilização do projeto de “Brasil grande potência”. Para implementar uma política de expansão do setor elétrico do Nordeste, planejada desde meados da década de 40 do século passado, a CHESF se propunha a aumentar o potencial energético da empresa (Estrela, 2004, p.84).

A construção da hidrelétrica foi apresentada como um passo essencial para impulsionar o desenvolvimento regional, garantindo energia para novos projetos econômicos. Para viabilizar a obra, houve uma intensa mobilização do governo para convencer a população a deixar suas terras. Milhares de pessoas foram obrigadas a se deslocar, enquanto outras, iludidas pela promessa de melhores condições de vida, aceitaram a mudança na expectativa de um futuro mais próspero, como consequências deslocamentos forçados, comunidades afetadas, consequências culturais (Amaral, 2021), conforme aponta a figura 25.

Figura 25 - Consequências da construção da barragem



Deslocamento: A construção inundou áreas habitadas, forçando mais de 70 mil pessoas a deixarem suas casas.

Comunidades Atingidas: Ribeirinhas, pequenos agricultores e pescadores foram afetados e enfrentaram dificuldades.

Consequências Culturais: Deslocamento Cultural e perda de modos de vida tradicionais.

Fonte: Elaboração própria da autora, 2025. Adaptado de Amaral (2021).

Como já discutido no capítulo anterior, as hidrelétricas surgiram no Brasil como estratégia para impulsionar o crescimento econômico, focando na expansão da produção de energia e na industrialização. No entanto, é fundamental diferenciar crescimento econômico de desenvolvimento social. O que se observou foi que, embora a economia tenha crescido, a

distribuição de seus benefícios não ocorreu de forma igualitária. O modelo econômico adotado pelo regime militar favoreceu grandes empresários e investidores, enquanto a população mais pobre continuou marginalizada. A Figura 26 a seguir é uma fotografia que retrata a Hidrelétrica de Sobradinho com sua capacidade máxima de armazenamento, no período de cheia da barragem, mostrando a imponência desse projeto.

Figura 26 - Hidrelétrica de Sobradinho (BA) com 100% de armazenamento



Fonte: Divulgação CHESF, s.d.

Assim, o chamado "progresso" não chegou a todos. O crescimento econômico gerado por grandes projetos de infraestrutura não significou necessariamente melhorias nas condições de vida da população mais vulnerável. Nos estudos feitos por Amaral (2019), sobre os impactos socioambientais causados pela construção da barragem, “nesses espaços, o ecossistema local que estava em equilíbrio entrou em desequilíbrio, porque algumas espécies nativas migraram para outras regiões ou desapareceram com algumas espécies de peixes que existiam no Rio São Francisco e hoje não existem mais por causa da correnteza do rio”. (Amaral, 2019, p.32)

Os impactos da construção de hidrelétricas alteraram profundamente a vida das comunidades atingidas pelas barragens. Houve desequilíbrio ambiental, desestruturação da vida, perda de laços de identidade, traumas que se protelam no tempo (Barros, 2003), reforçando a ideia de que “progresso” não é sinônimo de desenvolvimento social, que busca promover igualdade, educação, saúde, participação política, acesso a recursos sociais, conforme Edonildes Barros (2003):

Os projetos hidrelétricos implantados durante o regime militar tiveram sérias consequências e o de Sobradinho não foi exceção, principalmente pelos grandes

desequilíbrios tanto nos sistemas sociais locais, quanto nos sistemas ecológicos que afetaram em cheio a população das áreas atingidas. As famílias de quatro cidades ribeirinhas inundadas sofreram em cheio esses desequilíbrios com a realocação para outro espaço, uma vez que o descompasso entre o planejado pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf) e o vivido pela população foi enorme (Barros, 2003, p.3)

Além disso, o Relatório de Atividades do Ipea (2017), que teve como objetivo diagnosticar os aspectos socioeconômicos e culturais das populações atingidas por barragens, apresenta o panorama das condições de vida, dos impactos sofridos e do acesso a políticas públicas nas áreas de moradia, saneamento, energia, trabalho e produção. No caso da Usina de Sobradinho, esse estudo identificou impactos como a depreciação das margens do lago, a redução da vazão mínima e o avanço da salinização da águas, bem como a lentificação do Rio São Francisco. Do ponto de vista social, destaca-se o deslocamento forçado de famílias, a ruptura de vínculos afetivos, a desestruturação econômica local e a perda de marcos sociais e patrimoniais. Esses danos, segundo o Ipea, têm consequências tão amplas que se tornam praticamente irreversíveis.

Ainda na década de 1980 é criado o Movimento dos Atingidos pelas barragens, que busca defender e a alerta a população sobre os impactos sociais, ambientais, psicossociais causados por esses empreendimentos, que se apresenta da seguinte forma:

Somos atingidos por barragens. Vivemos do suor de nosso trabalho e na esperança de dias melhores para todos os filhos e filhas da nossa pátria.... O MAB é definido como um movimento de caráter nacional, autônomo, de massa, de luta, com rostos regionais, sem distinção de cor da pele, gênero, orientação sexual, religião, partido político ou grau de instrução. Somos uma organização com participação e protagonismo coletivo em todos os níveis. Nosso objetivo é organizar os atingidos por barragens (antes, durante ou depois da construção dos empreendimentos). Nos organizamos para defender os interesses das populações atingidas pelo sistema de geração, distribuição e venda da energia elétrica. Nossa prática é orientada por princípios e valores que encontram na pedagogia do exemplo e na solidariedade entre os povos a melhor forma de convencimento. Nossa luta se alimenta no profundo sentimento de amor ao povo e amor à vida. (Movimento dos atingidos por barragens- MAB, s.d.).

Entre muitas atividades realizadas pelo movimento, o MAB também desenvolveu o Manual dos atingidos, uma cartilha informativa, bem interessante que tanto pode ser utilizada pela comunidade, quanto na sala de aula para abordar o tema das barragens. Esse material contextualiza a construção de barragens e orienta os afetados e potenciais afetados sobre como se posicionar em relação a esses projetos. O material está disponível no site do Movimento dos Atingidos Pelas barragens e vale à pena conhecê-lo , visto que todos nós mesmo aqueles que não são afetados diretamente, indiretamente o são.

Essa foi uma das aulas da formação em que percebi os alunos mais atentos. Falar sobre

a ditadura, um tema sensível para alguns e desconhecido para outros, exige um cuidado especial, como afirma Verena Alberti em seu texto o professor de História e ensino de questões sensíveis e controversas:

[...] o ensino de questões sensíveis e controversas não tem como objetivo chocar ou apenas dar a conhecer eventos chocantes do passado. O objetivo é suscitar a reflexão dos alunos. É preciso saber passar de fase, nesse jogo: da sensibilização para a reflexão. Não adianta ficar chocado, só com bolo no estômago, só. É preciso transformar o conhecimento em trabalho de reflexão: como foi possível chegarmos a esse ponto? Podemos dizer que as violações de direitos humanos e os horrores estão restritos a esse tema estudado? A tortura é um fenômeno restrito aos “porões da ditadura”? Aliás, por que se repete que ela acontecia nos “porões” da ditadura, quando sabemos que ela acontecia a olhos vistos, no primeiro andar, no andar térreo, no segundo andar dos quartéis? E os casos que se repetem quase que diariamente no nosso país, de agentes do Estado violando os direitos humanos? (Alberti, 2014, p.3).

É essencial que temas sensíveis e controversos façam parte do debate em sala de aula. O objetivo não é moldar as convicções dos estudantes, mas sim estimular o pensamento crítico. Por exemplo, Alberti (2014) desenvolveu um projeto no qual seus alunos analisavam materiais de propaganda política para identificar técnicas de persuasão e manipulação de massa. Essa experiência demonstrou como é possível ensinar História recente sem direcionar crenças, mas sim exibindo exemplos concretos de discursos e práticas que favoreceram o autoritarismo. Assim, ao discutir episódios como o regime militar no Brasil, os alunos passam a reconhecer os sinais de retrocesso democrático, como cerceamento da imprensa, perseguição a opositores e concentração de poder, e se familiarizar com os mecanismos que podem levar uma nação à perda de liberdades.

A ditadura, evento histórico que tem sido objeto de intensos debates e discussões nos últimos anos, e que inclusive foi trazida à tona na eleição presidencial, por figuras como o ex-presidente Jair Bolsonaro e seus respectivos apoiadores, um militar aposentado que defende abertamente o regime autoritário, continua a ser um tópico gerador de controvérsias e polarização na sociedade brasileira. Infelizmente, ainda há uma parcela da população que se recusa a reconhecer a existência desse período difícil, traumatizante, e violento no Brasil, onde o cidadão teve seus direitos fundamentais cerceados. Portanto, a análise crítica e a discussão aberta sobre o governo militar são essenciais para a formação de cidadãos conscientes, capazes de compreender o passado, analisar o presente e construir um futuro democrático não violando os direitos fundamentais, os direitos humanos.

Por tanto trazer o contexto sociopolítico para a nossa formação para que os alunos possam compreender em que momento essas memórias foram construídas, que também moldaram o modo de viver das pessoas, pois essas memórias são construídas dentro da família

e nos ambientes sociais em que o sujeito está inserido. Até para responder algumas perguntas que permeiam a cabeça deles, como: Mas porque o povo não reagiu? Por que não lutou?

Desse modo, a construção da barragem de Sobradinho, viabilizada sob a égide do regime Militar não apenas mudou a geografia do vale do São Francisco, impactando no modo de viver do ribeirinho, silenciando-os como também apagando toda a história de uma vida construída ao longo de muitos anos. Assim durante esse momento da formação, buscamos não só apresentar os mecanismos repressivos do regime ditatorial, mas também seus modos de construção de sentido e legitimação de um sistema que se autodenominava democrático e que até hoje está na memória de muitas pessoas como um regime que não era autocrático.

A última etapa da nossa formação consistiu na discussão da história oral, mas especificamente as entrevistas, que são um caminho para investigar as memórias que permanecem na comunidade e os registros existentes sobre a história contada pelos atingidos. A história oral é uma ferramenta essencial para acessar essas memórias e trazer as narrativas pelas vozes dos sujeitos. Daremos seguimento à formação para compreender o funcionamento das entrevistas e o processo de escuta, preparando os alunos para participarem das entrevistas.

2.5 História Oral: Entrevistas, como fazer

A última etapa de nossa formação destacou o papel da História Oral como metodologia de pesquisa histórica, fundamentada em entrevistas que exigem escuta ativa. Num contexto em que alunos, dispersos por estímulos constantes, se mostram cada vez menos atentos, essa prática demanda abordagens cuidadosas. Para torná-la eficaz, desenvolvemos uma dinâmica que estimula a consciência sobre a importância de ouvir atentamente as memórias que os colaboradores preservam da cidade antiga.

A importância de ouvir não é apenas um requisito para a pesquisa histórica, mas um elemento essencial na vida pessoal, no ambiente de trabalho e nas relações sociais. Em um mundo cada vez mais dominado pela tecnologia e pelo excesso de informações, nos distanciamos uns dos outros e perdemos o interesse pela fala do próximo. “Escutar é uma atividade que enriquece a formação do cidadão, propiciando a tolerância e a compreensão de que a realidade é rica em versões e em diversos modos de ver o mundo. Valorizar a escuta pode cooperar para uma diversificação das formas de sentir, vivenciar e entender a realidade” (Santhiago et al., 2015, p.15).

Nessa fase da formação preparamos os alunos para as entrevistas, foi a primeira vez que trabalhei com esse tipo de pesquisa ou melhor desde a graduação que não mergulho nesse

campo. O objetivo aqui foi apresentar aos alunos o papel da História Oral como metodologia de pesquisa e a importância das entrevistas nesse caminho. “O momento de pensar as entrevistas é o que mais demanda um trabalho didático criativo. É preciso que os alunos entendam que realizar um trabalho com a história oral não é apenas a entrevista pela entrevista, e que tão pouco esta consiste meramente em perguntas aleatórias” (Rovai et al., 2021, p.122).

Ao planejar essa etapa da formação, refleti sobre a melhor forma de introduzir a escuta ativa aos alunos e decidi criar uma dinâmica que tornasse essa estratégia concreta. Batizada de “Busca ao Tesouro”, a atividade tinha como objetivo exercitar silêncio, atenção e compreensão mútua, habilidades essenciais para trabalhar com memórias orais. Convidei voluntários para participar: um aluno foi vendado e recebeu a missão de encontrar um “tesouro” (uma caixa de chocolates) (Figura 27), guiado apenas pelas instruções precisas do colega sem venda, que exercia a voz ativa e a clareza de comunicação. Apesar do receio inicial de muitos, dois estudantes se prontificaram, e a turma se envolveu imediatamente ao perceber o valor da experiência. Ao final, vários colegas expressaram o desejo de ter participado, demonstrando que a dinâmica despertou não apenas o interesse, mas também a consciência sobre a importância de ouvir atentamente as narrativas alheias.

Figura 27 - Momento “Busca ao Tesouro”



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

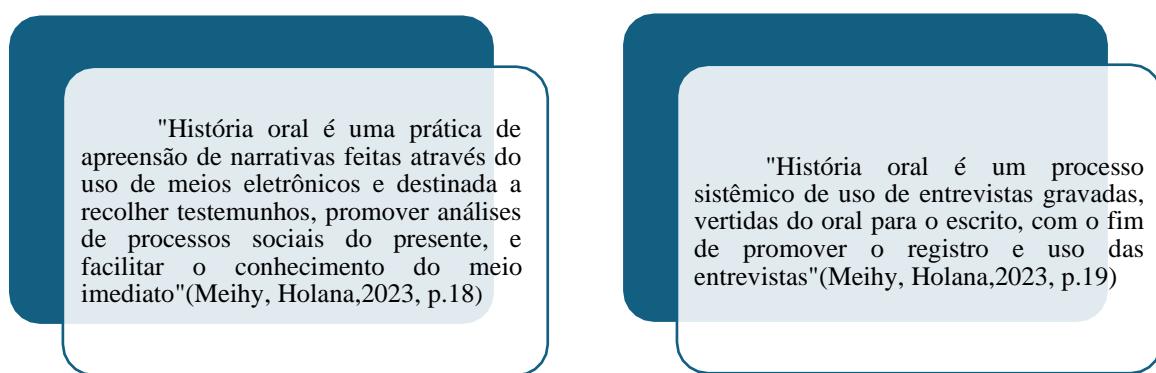
Essa atividade também levou os participantes a refletirem sobre como a escuta é

essencial no dia a dia. Estamos tão imersos em nossas inúmeras ocupações que, muitas vezes, nos pegamos respondendo às pessoas no automático,

A história oral favorece o treino da fala e da escuta, bem como as qualidades da paciência e do respeito com o outro. Ao mesmo tempo, consiste em uma oportunidade de o aluno descobrir o que faz melhor em termos de comunicação: se escuta melhor, se fala melhor, se fala melhor, se escreve melhor, se lê melhor. Às vezes um aluno pode ter dificuldade para se comunicar, mas ser a pessoa ideal para editar uma entrevista. O aluno também aprende, com a história oral, a encontrar formas melhores de elaborar ideias, de formular perguntas, de se fazer claro para o outro (Santhiago et al., 2015, p. 78.).

Após a dinâmica, iniciei a explanação para os discentes sobre o que é História Oral e como funciona o processo de pesquisa nessa metodologia. Para aprofundar a compreensão do tema, apresentei aos alunos os conceitos abordados por José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda em seu livro “História Oral: Como Fazer, Como Pensar”. Nesse livro, os autores discutem conceitos fundamentais para entender o que é História Oral e como se desenvolve o trabalho com essa abordagem. Os conceitos mais importantes estão resumidos na Figura 28 a seguir.

Figura 28 - Conceitos de História Oral.



Fonte: Elaborado pela própria autora, 2025. Adaptado de Meihy; Holana (2023).

História Oral é uma metodologia de pesquisa histórica que tem na oralidade, na narrativa, sua principal fonte de informação. Nesse método, os entrevistados respondem às perguntas do pesquisador, contribuindo para a investigação do tema em estudo. Para a realização da pesquisa, é fundamental a elaboração de um projeto, que definirá os objetivos e os rumos do estudo. Além disso, é essencial que a pesquisa respeite os princípios éticos, garantindo o respeito aos entrevistados e a veracidade dos relatos coletados (Cassab; Ruscheinsky, 2004).

Esse sem dúvida alguma é o momento crucial da nossa formação, pois consiste em prepará-los para as entrevistas, e exercitar a escuta, que sem dúvida alguma é uma das reclamações mais ouvidas pelos professores, principalmente nos momentos de Conselho de classe que acaba sem um momento que costumo chamar de terapia coletiva, onde nós desabafamos nossas angústias, e uma das maiores, além das tantas outras é justamente a de sermos ouvidos por nossos educandos, “Durante a entrevista, uma atitude de respeito e profundo interesse pela fala do outro- que naquele momento é o foco das atenções- é imprescindível” (Santhiago et al., 2015, p.113).

Podemos afirmar que trabalhar com História Oral é se interessar pelo que o outro tem a nos dizer sobre sua história, ainda que não seja história de vida, mas no momento que esse outro fala de algum momento ou evento do qual vivenciou seja direta ou indiretamente, é sobre sua vida sim. Levando em consideração uma escuta atenta, humilde e empática,

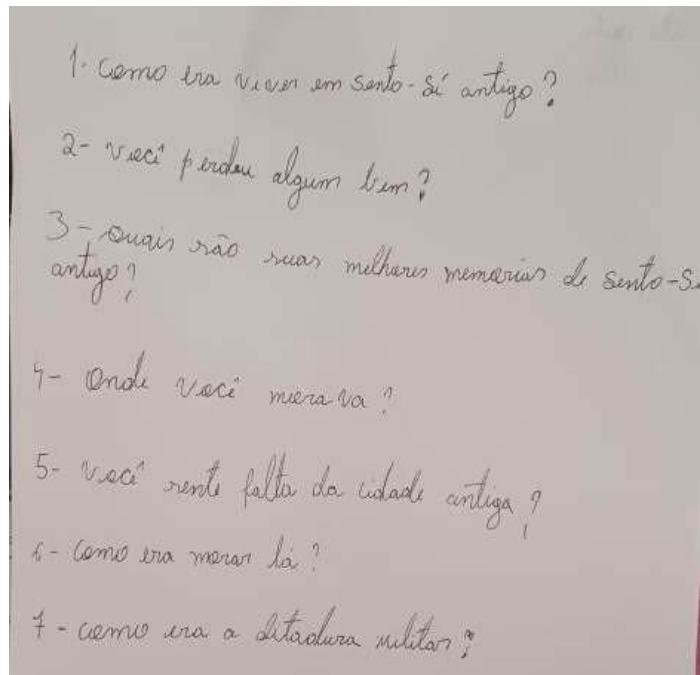
Nosso trabalho trata com fontes vivas, humanas, e que, portanto, devem ser entendidas como mais do que um objeto, um sujeito que pensa, sente, seleciona e interpreta sua própria existência. Como alguém que também nos analisa e que vê em nós a possibilidade de se tornar visível num mundo de excessos de imagens e palavras. (Rovai et al., 2015, p.113).

Após a nossa discussão em sala de aula sobre essa metodologia, orientei aos alunos que elaborassem entrevistas semiestruturadas. Para as entrevistas usaremos um gravador, que permitiu gravar a fala do entrevistado,

A tecnologia da gravação de voz revolucionou as possibilidades de registro da memória. Os aparelhos de gravação de som foram inventados no final do século XIX, mas somente em 1953 a fita magnética em rolo foi fabricada pela primeira vez, tendo sido popularizada pelo rádio durante a Segunda Guerra Mundial (Santhiago et al., 2015, p.86).

Para estes momentos, os alunos foram organizados em grupos de cinco a quatro componentes para que eles elaborassem perguntas acerca da cidade antiga, o que eles tinham curiosidade acerca da cidade antiga, que eles gostariam de saber, ou melhor investigar. Entre as perguntas elaboradas, as que mais me chamaram atenção foram aquelas relacionadas a Ditadura Militar, o que mostrou que a discussão acerca do contexto histórico político do país no período da Ditadura Militar, semeou curiosidades o que me deixa muito satisfeita. A seguir, estão duas fotografias de roteiro de entrevistas que os alunos elaboraram (Figuras 29 e 30).

Figura 29 - Entrevista semiestruturada elaborada por aluno no momento História Oral da trilha de formação.



Fonte: Autora (2025).

Figura 30 - Entrevista semiestruturada elaborada por aluno no momento História Oral da trilha de formação.

- O que você acha sobre o que ocorreu durante a ditadura militar?
 - O que você poderia fazer para mudar o que aconteceu na Antiga Sento-Sé?
 - Para você, o que foi a ditadura militar?
 - Você percebe mudanças de Sento-Sé de hoje e o antigo? Quais?

Fonte: Autora (2025).

Trabalhar com memórias é, sem dúvida, um trabalho fascinante, embora complexo. Nas perguntas que pedi para os alunos elaborarem, já percebi que eles conseguiram absorver algumas informações essenciais. Eles estabeleceram uma relação entre a construção da memória, conectando a memória individual à memória coletiva, e, claro, ao contexto sociopolítico em que essa memória foi produzida. Nas entrevistas, por exemplo, os alunos fizeram perguntas do tipo: "O que foi a ditadura militar?", "Como perceberam a ditadura militar?" e "O que ela representou?". Isso me leva a crer que, embora nem todos, alguns conseguiram entender as complexidades desse processo. Foi um processo bastante difícil até para eu compreender em sua totalidade.

Após a elaboração das perguntas em sala de aula, informei aos alunos que esse material será utilizado nas entrevistas. No entanto, antes disso, ele passará por uma análise da professora, que poderá acrescentar algumas perguntas para enriquecer a pesquisa. As entrevistas foram realizadas com colaboradores selecionados entre pessoas que viveram na cidade antiga, a fim de garantir um relato mais detalhado sobre o passado local. Uma das alunas presentes sugeriu que entrevistássemos uma professora bastante conhecida na comunidade, que viveu na cidade antiga, para ser uma de nossas colaboradoras. Durante todo o processo da nossa formação, pude perceber, especialmente nas aulas, o quanto esse formato é lúdico e interessante. Essa abordagem despertou maior interesse dos alunos pelas atividades propostas.

Dessa forma o resultado da formação realizada com os alunos revelou-se uma etapa crucial ao final do processo, nela foi perceptível o despertar dos alunos para os temas trabalhados, que foram memórias e lugares de memória, fontes histórica, ditadura militar eentrevistas. Embora tenha percebido que, em alguns momentos, nem todos estavam tão envolvidos com o projeto.

Interessantemente, um dos alunos solicitou que as aulas continuassem nesse formato, outro aluno pediu para que trouxesse mais entrevistados. Reforçando a importância de trazermos mais dinamicidade para o ambiente escolar, evidenciando a necessidade de buscar novas ferramentas que possibilitem o desenvolvimento do conhecimento histórico e a produção de sentidos pelos alunos.

Considero importante é plantar a semente. A educação é isso: a insistência e a busca constante por melhorias e novas metodologias que possibilitem uma aprendizagem. Esse é, sem dúvida, um dos nossos maiores objetivos, como também do programa do Profhistória, que como afirmam seus idealizadores,busca trazer o chão da sala de aula para a academia,de modo que possamos juntos construir melhorias para o ensino e para a Educação Histórica.

Outro aspecto importante que percebi durante essa experiência foi a necessidade de romper com a visão tradicional do livro didático. É preciso deixar de vê-lo apenas como um simples transmissor de conteúdos pronto e utilizá-lo como uma fonte histórica, explorando criticamente seus conteúdos, e trazendo também para sala de aula outros tipos de fontes. Quando trabalhamos o tema "Fontes Históricas", os alunos demonstraram grande interesse em compreender o que são essas fontes e o que elas podem nos revelar sobre o passado. Dessa forma, acredito que essa formação foi extremamente enriquecedora não apenas para os alunos, mas também para mim, enquanto professora. Posso dizer que foi uma formação dupla: ao mesmo tempo em que levava novos conhecimentos para os estudantes, aprendi junto com eles uma nova forma de abordá-los em sala de aula. Essa experiência reforça a ideia de que é

fundamental estarmos sempre revendo nossas práticas pedagógicas, buscando metodologias que tornem as aulas mais instigantes e que promovam, de fato, o interesse e a participação dos alunos no processo de ensino aprendizagem históricas

Considero fundamental a realização dessa investigação e a criação de um Espaço de Memória Digital. Esse espaço não deve ser apenas um espaço de saudosismo, mas que possa garantir que nossos estudantes e a comunidade em geral tenham acesso a essa história, compreendendo como ocorreu todo esse processo de transformação, e deslocamento forçado para a nova cidade, baseados nos relatos e fotografias, para juntos descobrirmos esses lugares de memória da Antiga Sento-Sé. No próximo capítulo avançamos para entrevistas e para construção do Espaço de Memória Digital no Instagram, aprofundando vozes e sentidos que emergem desses relatos.

CAPÍTULO III

3 Espaço de Memória digital no Instagram: Memórias, Imagens e Narrativas

Neste terceiro e último capítulo apresentamos a solução mediadora da aprendizagem, o Espaço de Memória Digital no Instagram desenvolvido como produto didático, resultado da investigação e das oficinas realizadas. A plataforma digital Instagram foi escolhida pela acessibilidade e por ser uma das ferramentas mais utilizadas pela sociedade contemporânea. A partir da análise de entrevistas e fotografias da antiga cidade de Sento-Sé, o Espaço de Memória Digital levanta um diálogo entre o passado e o presente, combinando narrativa e documentos (fotografias).

3.1 A imagem como fonte: O uso da fotografia na construção da memória

Na contemporaneidade vivemos, uma época em que somos bombardeados por imagens, campanhas publicitárias, jornais, redes sociais, outdoors, estão em todos os lugares transmitindo mensagens, “Estamos constantemente lidando com imagens em todos os ambientes demarcados pela cultura percebe-se a unir presença delas, elas invadem nossas vidas e chamam nossa atenção solicitando de nossa parte respostas interativas interpelando-nos para tomadas de decisão”. (Rosário, 2022, p.26).

No ambiente escolar não é diferente, os livros didáticos por exemplo apresentam imagens, que transmitem mensagens e comunicam, são textos não escritos que devem ser lidos, “As imagens são pistas para se chegar a outro tempo, revelam aspectos da cultura material e imaterial das sociedades compondo a relação entre o real e o Imaginário social” (Maud, 2015, p.85). No Ensino de História elas são de grande relevância no processo-ensino aprendizagem, mas para que atenda tal finalidade se faz necessário adoção de alguns princípios:

a)ensejar uma compreensão histórica aprofundada do tema representado ponto ;b) ser historicamente identificada segundo a sua natureza, como indicado acima c) ser acompanhadas de sua procedência: arquivo, museu, internet, agência de imagem imprensa, etc... ,d)ter legibilidade adequada: imagens diminutas ou mal impressas não se prestam a uma leitura visual adequada;e) vir acompanhadas de indagações críticas sobre a natureza visual da representação- pintura, foto, filme, mapa, não somente o conteúdo apresentado .f) articular-se à informação verbal de forma complementar não acessória.(Mauad, 2015, p.86)

A partir da observação de Ana Maria Mauad (2015), de que é necessário adotar certos

princípios ao trabalhar com imagens, discutiremos aqui a fotografia como um importante instrumento no processo de ensino-aprendizagem em História, bem como seu uso e sua relação com a construção da memória. Trataremos da fotografia enquanto fonte histórica, utilizada na criação de um Espaço de Memória Digital no Instagram, composto por fotografias e entrevistas sobre os lugares de memória da antiga Sento-Sé.

De acordo com Rosário (2022), a fotografia é um artefato sociocultural sendo um objeto que faz parte da produção da ação e da intencionalidade humana, neste sentido a fotografia é um produto social que traz em si valores e diversos significados. Ela é também fruto de uma prática social e cultural. Ela está presente nos álbuns, nas revistas, nos jornais, nos livros didáticos e hoje de forma significativa, nas redes sociais. Com a difusão das tecnologias dos celulares, que cada vez mais avança, proporcionando fotos, fotos instantâneas, a todo momento posta-se numa rede social. A fotografia é carregada de intencionalidades, um exemplo é a foto que se posta nas redes sociais, onde muitas vezes se tenta produzir uma narrativa. Além disso, a fotografia pode ser pensada como uma prática cultural, elas podem ser meio para relembrar um fato, uma experiência humana como pode ser um produto cultural,

A fotografia deve ser considerada como produto cultural, fruto de trabalho social de produção sínica. Nesse sentido, toda a produção da mensagem fotográfica está associada aos meios técnicos de produção cultural. Dentro dessa perspectiva, a fotografia pode por um lado, contribuir para a vinculação de novos comportamentos e reproduções da classe que possui o controle de tais meios e por outro atuar como eficiente meio de controle social através da educação do olhar (Mauad, 1996, p.9)

Dito isso a fotografia não é apenas um documento, mas também monumento e assim como as demais fontes históricas deve passar por algumas análises para depois ser organizada em séries fotográficas e seguindo certas cronologias,

A fotografia não é apenas um documento, mas também monumento e, como toda fonte histórica, deve passar pelos trâmites das críticas externas e interna para, depois, se organizado em séries fotográficas, obedecendo a uma certa cronologia ponto. Tais séries devem ser extensas vírgulas capazes de dar conta de universo significativo de imagens, e homogêneas posto que numa série fotográfica a que se observar um critério de seleção, evitando se misturar diferentes tipos de fotografia (Mauad, 1996, p.11)

De acordo com Mauad (1996) a fotografia também é um texto que precisa ser lido e para tal leitura se faz necessário alguns pressupostos por parte do Historiador, levando em conta duas situações: expressão e conteúdo. Na expressão tem-se escolhas técnicas e estéticas que vão do enquadramento, à definição de imagem, contraste, cor, entre outras; já no conteúdo a tem-se um conjunto de pessoas, objetos, vivências e lugares que compõem a fotografia. “Ambos os

segmentos se correspondem no processo contínuo de produção de sentido na fotografia, sendo possível separá-lo para fins de análise, mas compreendê-lo somente como um todo integrado” (Mauad, 1996, p.10).

A fotografia, assim como outros textos de caráter verbal e não verbal, reproduz a textualidade de um momento de uma época de tal forma para ser utilizada como fonte histórica,

Para ser utilizada como fonte histórica ultrapassando o seu mero aspecto ilustrativo deve compor uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto das imagens que se escolheu analisar nesse sentido Corpus fotográficos pode ser organizado em função de um tema tais como a morte a criança o casamento etc ou em função das diferentes agências de produção da imagem que competem nos processos de produção de sentido social entre os quais a família o estado a imprensa e a publicidade Em ambos os casos análise histórica da mensagem fotográfica tem na noção do espaço as suas chaves de leitura posto que a própria fotografia é um recorte espacial que contém outros espaços que a determine a estrutura como por exemplo o espaço geográfico o espaço dos objetos interiores exteriores e pessoais o espaço da figuração o espaço das vivências comportamentos e representações sociais. (Mauad, 1996, p.10)

No Ensino de História, trabalhar com a fotografia exige que ela não seja vista apenas como o registro de um momento ou como um artefato publicitário, mas, sobretudo, como um documento, que, enquanto tal, requer procedimentos específicos para sua análise. De acordo com Maria Fernandes Circe Bittencourt (2016), ao utilizar fotografias é preciso considerar que elas são representações do real e, em uma sociedade marcada pelo intenso bombardeio de imagens, há o risco de redução da sensibilidade do observador. Nesse sentido, Circe destaca a importância de:

A desconstrução de uma imagem fotográfica pode ser iniciada pela análise do papel do fotógrafo na produção de uma foto. Existe sempre um sujeito por trás da máquina fotográfica. Existe sempre a manipulação da fotografia por ele, apesar da aparente neutralidade da imagem produzida pelo aparelho mecânico. A escolha do espaço, das pessoas em determinadas posturas, a luminosidade, o destaque são determinados os ângulos das pessoas ou dos objetos ficam a critério do Fotógrafo. Os cartões postais exemplificam com precisão seu papel nesse processo, sendo fácil constatar como uma paisagem Urbana Rural pode servir a determinados propósitos: por exemplo, vender uma imagem para atrair turistas. O mesmo local fotografado para o cartão postal pode ser visto de outro ângulo ou com outros personagens, como mendigos ou participantes em cenas de violência (Bittencourt, 2016, p.367)

O trabalho com fotografias requer preparo por parte do professor para seu uso em sala de aula, pois uma análise crítica desse material demanda estudo prévio, atento às diversas nuances presentes na imagem. Não se trata apenas de ler o que está explícito, mas ir além e perceber o que está implícito. Considero esse o maior desafio ao se trabalhar com fotografias.

A fotografia e a memória possuem uma relação de complementaridade. Ao observar a

imagem de alguém querido que já não está entre nós, é como se essa fotografia nos aproximasse da pessoa ausente, que continua viva em nossas lembranças e ativa nossas memórias. “A fotografia pode ativar a memória falar sobre um passado, permitir revê-lo no presente, mesmo não sendo a ela pertencente ao indivíduo que observa mesmo não sendo até ela rememoração de seu passado.” (Bittencourt, 2016, p.225)

Os álbuns de família tradicionalmente ocuparam esse papel. Contudo, com a fotografia digital, esses registros deixaram de ser impressos, o que pode se tornar um problema futuro, já que tais materiais correm o risco de se perder. Eles são grandes aliados no processo de rememoração. Eu mesma já passei por isso: perdi fotos no celular porque a memória estava cheia e o aparelho acabou deletando algumas imagens, o que me causou profunda tristeza, pois eram registros que tinham grande valor afetivo, a fotografia,

Ela suscita e ressuscita sentimentos. Esta é uma realidade inexorável da fotografia que depende do seu tempo e do modo como foi produzida e pode atuar tanto na memória individual quanto na coletiva. Em nível individual uma fotografia pode reavivar sentimentos antes esquecidos, relativos ao momento ou há uma presença que não está mais entre nós, ou trazer por instantes, sensações vividas em determinada época e que já não existem mais, ela cumpre o seu papel na rememoração, na reminiscência e na redescoberta dos fatos. (Felizardo et al, 2007, p.225).

Assim, as fotografias constituem uma significativa fonte de memória, pois, ao captarem determinado momento, tornam-se acessíveis para reativar nossas lembranças “ao instante cristalizado pela imagem fotográfica, que é cada vez mais utilizada como ferramenta na reconstrução e rememoração de fatos passados”. (Feitosa, 2021, p.14).

Jacques Le Goff (2003), ao pensar sobre os suportes da memória destaca a fotografia como um dos aparatos capazes de preservar, acionar e transmitir lembranças. Nesse sentido, a fotografia se mostra como uma importante ferramenta da memória, não somente registrando o visível, mas também fazendo emergir um passado que estava adormecido, provocando afetos e produzindo narrativas sobre o que foi vivido, no presente. Para o autor, a fotografia “revoluciona a memória, multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingida, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução” (Le Goff, 2003, p.460).

De acordo com Vladimir Alencastro Feitosa (2021, p. 14) a fotografia, “é um portador de memória cristalizada que perpetua um momento, sendo capaz de desencadear recordações ao receptor com o poder de ativar a memória do indivíduo, vê-la a ele revivê-la, mesmo que não tenha propriamente pertencido ao momento gravado”.

As fotografias foram fundamentais como suportes de memória neste trabalho, pois

constituirão a base do Espaço de Memória Digital no Instagram, destinado a identificar os lugares de memória da antiga Sento-Sé, antes da construção da barragem de Sobradinho, na década de 1970. Aliadas às entrevistas com membros da comunidade que vivenciaram aquela cidade, as imagens atuarão como produtoras de memórias e lembranças.

3.2 Entrevistas: Revirando o passado Submerso

As entrevistas são essenciais para entendermos as memórias que foram construídas na comunidade pelos colaboradores, acerca da antiga Sento-Sé submersa com a construção da barragem de Sobradinho na década de 1970. Assim, vamos revirar e conhecer o passado submerso, através da escuta. Utilizamos pseudônimos, seguindo as regras do Conselho de Ética (Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012). Para não identificar os colaboradores e tomamos cuidados necessários em relação à escuta, “Os pesquisadores devem ter em mente os direitos de quem fala o entrevistado e as responsabilidades de quem escuta o entrevistador uma preocupação presente em toda e qualquer tipo de pesquisa mas que se radicaliza em nosso caso, uma vez que lidamos diretamente com pessoas e sentimentos” (Santhiago; Magalhães, 2015, p.49).

Optamos por realizarmos entrevistas com moradores que vivenciaram a antiga cidade. Foram utilizadas entrevista coletiva e entrevista individual. Embora em História Oral seja mais comum a entrevista individual, nada impede que optemos pela coletiva, “A entrevista em História Oral não costuma ser coletiva já que pressupõe certa intimidade o “olho no olho”, a entrega, o momento particular.” Entretanto como os alunos são menores, trazer os nossos colaboradores para sala foi a alternativa mais viável. A princípio fiquei pensando como seriam essas entrevistas com uma quantidade numerosa presente. Foram 3 turmas com uma média de 30 alunos cada, levei um colaborador por turma, “Uma das dinâmicas que pode preceder o trabalho individual é a entrevista coletiva o professor pode levar um convidado a sala de aula avisando antecipadamente aos alunos a fim de que eles se preparem. Alguns podem ser eleitos para fazer as primeiras perguntas nessa experiência.” (Santhiago; Magalhães, 2015, p.99).

Assim, foram realizadas as entrevistas coletivas com três colaboradores, em conjunto com os alunos, no ambiente escolar. Além disso, entrevistei outros dois colaboradores de forma individual, indo até suas residências e seguindo os critérios metodológicos da História Oral, “História oral implica uma série de decisões sobre circunstâncias das entrevistas; assim deve se especificar, além das definições de espaço e tempo de duração, se elas terão ou não estímulos e se as narrativas decorrentes serão livres ou estruturadas. Vantagens e desvantagens de cada

situação devem fazer parte do projeto." (Meihy; Holanda, 2023, p.55).

Antes de realizarmos as entrevistas no momento da formação, preparamos conjuntamente o roteiro das entrevistas. Os alunos foram divididos em grupos e fizeram algumas perguntas que posteriormente eu organizei e selecionei para o momento da entrevista. Como afirmou Verena Alberti,

O roteiro geral de entrevistas deve ser elaborado com base no projeto e na pesquisa exaustiva sobre o tempo. Sua função é dupla: promover a síntese das questões levantadas durante a pesquisa em fontes primárias e secundárias e constitui instrumento fundamental para orientar as atividades subsequentes na, especialmente a elaboração dos roteiros individuais. (Alberti, 2013, p.40).

E assim o fizemos no primeiro momento os alunos em grupo fizeram um roteiro individual com algumas perguntas e em seguida essas perguntas foram juntadas e redefinidas por mim para as entrevistas, o roteiro (Alberti, 2013) que servirá de norte para nossa pesquisa, lembrando que o modelo adotado é de entrevistas semiestruturadas que proporciona ao entrevistado narrar os fatos que estejam fora do nosso roteiro, como também permite ao entrevistador elaborar perguntas que possivelmente surjam durante a entrevista. Como de fato assim ocorreu, foi permitido aos educandos elaborarem perguntas ou tirar dúvidas sobre a entrevista, no seu final. Um grupo ficou responsável por organizar essas perguntas e me repassar, pois eu fui a entrevistadora. O fato de os alunos serem menores de idade impediu que fizessem esse trabalho.

A escolha dos colaboradores foi orientada pelos objetivos da pesquisa: investigar que memórias permanecem ainda da cidade antiga, na comunidade na nova Sento-Sé. Procurou-se pessoas que residiam na cidade antes da inundação, que vivenciaram o processo de mudança, esses foram os pontos levando em consideração e que ainda hoje guardam em sua memória os traços de um lugar que já não existe fisicamente, mas permanece vivo no imaginário. Entre os entrevistados, contamos com uma dona de casa, um pescador e três professores, dois já aposentados. Todos mantêm uma relação com a história da antiga Sento-Sé, com um valioso repertório de lembranças, e vivenciaram o processo da mudança, além de manterem um laço de afetividade com a escola, o que proporcionou um momento de conforto nas entrevistas,

[...] primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se integraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. O processo de seleção de entrevistados em uma pesquisa de história oral se aproxima, assim, da escolha de informantes em antropologia, tomados não comunidades estatísticas, e sim comunidades qualitativas- em função da sua relação com o tema estudado (seu papel estratégico, sua posição no grupo etc.) (Alberti, 2013, p. 32).

Antes das entrevistas tive um contato prévio com os colaboradores para a apresentação do projeto, e para saber da disponibilidade dos mesmos para colaborar com nossa pesquisa, deixe o TCLE-Termo de Livre Consentimento, (Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012) que é exigido pelo Conselho de Ética com eles para avaliarem o termo, para só depois confirmarem a participação. Confirmada a participação, marquei as datas com cada um deles para realizarmos a entrevistas. Com dois foi necessário remarcar devido a disponibilidade, mas conseguimos realizar as cinco entrevistas conforme proposto na nossa pesquisa. Acordei junto com os participantes que a média das entrevistas seria de 50 minutos, podendo se estender um pouco mais, caso necessário fosse, ou até mesmo marcamos outro momento para que a entrevista não ficasse cansativa.

As entrevistas coletivas foram realizadas por turmas, dos 9º anos (A, B e C) matutinos. Antes de receber nossos colaboradores reservei um momento para repassar algumas orientações necessárias, que já foram dadas nas oficinas, mas que precisavam ser lembradas, como a importância da escuta, do silêncio, atenção e respeito aos nossos convidados. Organizamos a sala em círculo para que todos tivessem contato visual com os nossos entrevistados e pudessem observar, não só a linguagem, mas também as expressões corporais, pois o corpo também fala. O colaborador ficou no meio e eu ao seu lado, fazendo as perguntas. Usamos um gravador e o celular para a gravação das entrevistas, como recursos tecnológicos para nossos registros.

A dinâmica das entrevistas coletivas revelou-se produtiva, especialmente considerando o perfil heterogêneo das turmas do 9º ano. No 9º ano A, notou-se uma maior sensibilidade por parte dos alunos, mesmo diante da reconhecida dificuldade em manter a escuta ativa. A atenção demonstrada, ainda que permeada por momentos de dispersão, revelou interesse pela atividade realizada, tanto que uma das alunas sugeriu que trouxéssemos mais colaboradores para mais entrevistas, mas em virtude do tempo não foi possível. O 9º ano B apresentou um comportamento mais tranquilo, o que proporcionou um ambiente mais harmonioso e dedicado da escuta ativa, fatores que certamente enriqueceram a experiência. O 9º ano C, por sua vez, apresentou, com uma parcela dos estudantes mostrando-se mais dispersa, o que demandou um esforço adicional para garantir o acompanhamento da narrativa. Contudo, é importante ressaltar que a maioria da turma se manteve atenta à narrativa dos colaboradores. Concluindo a atividade, abriu-se um espaço para que os alunos pudessem compartilhar suas reflexões e impressões acerca das entrevistas, proporcionando um momento valioso de avaliação da atividade realizada.

Durante o processo de formação com os alunos, solicitei que, em dois momentos,

respondessem a uma pergunta sobre a construção da barragem, expressando o que pensavam a respeito desse empreendimento. O objetivo foi avaliar as impressões que tinham sobre a barragem ao longo das atividades e verificar se essas percepções se modificaram durante o processo formativo e as entrevistas.

Para isso, apliquei uma atividade com essa pergunta após as discussões realizadas nas aulas e nas conversas com os colaboradores do projeto. Participaram cerca de 90 alunos, distribuídos entre as turmas do 8º ano e algumas alunas do 9º ano A, que inicialmente demonstraram interesse, mas acabaram desistindo no decorrer da atividade. Selecionamos 30 respostas, aproximadamente um terço do total, para uma análise posterior. Em pesquisas qualitativas, o principal interesse recaiu sobre a qualidade dos dados, mais do que sobre a quantidade. Assim, buscamos compreender as percepções dos estudantes acerca da barragem, privilegiando a riqueza das impressões reveladas em suas respostas.

A pretensão foi avaliar como as percepções dos alunos foram mudando ao longo da pesquisa. Para isso, utilizamos o software Voyant Tools no qual os textos foram inseridos para uma análise das respostas dos alunos acerca da construção da barragem de Sobradinho, conforme a definição de Vitor Gomes Milani (2024),

[...] uma ferramenta de análise textual online e gratuita oferecem diversas vantagens na exploração de textos em comparação a outras ferramentas pagas e que necessitam ser instaladas em computadores. Com recursos de visualização de dados, o Voyant Tools proporciona representações gráficas e interativas, facilitando a identificação de padrões e fornecendo diversas informações sobre os textos analisados. Sua capacidade de analisar a frequência de palavras, gerar nuvens de palavras e examinar colocações torna possível extrair dados relevantes sobre temas centrais e ênfases do texto. Além disso, a facilidade em deduzir seu uso e a capacidade de comparar textos lado a lado tornam o Voyant Tools uma escolha conveniente e flexível para pesquisadores, professores e estudantes que desejam aprofundar sua compreensão de elementos textuais em seus estudos, independentemente do local de acesso, pois é uma ferramenta online de fácil acesso e livre de custos. (Milani, 2024, p.5)

Figura 31 - A construção da barragem de Sobradinho, na década de 1970 foi um projeto do governo militar com o objetivo de gerar energia e impulsionar a economia da região. No entanto, milhares de famílias foram deslocadas e tiveram que recomeçar suas vidas em novos lugares. Diante desse contexto, qual é a sua opinião sobre essa obra? Você acredita que os impactos sociais sofridos pelas populações ribeirinhas foram justificados pelos benefícios trazidos pela barragem? Explique seu ponto de vista.



Fonte: Elaborado pela própria autora, 2025.

Na Figura 31, destacam-se as palavras mais recorrentes no texto: “pessoas”, “benefícios”, “energia”, “famílias”, “não sei”, “casas”, “perderam” e “ruim”. A frequência significativa revela que os discentes compreendem que a construção da barragem impactou de forma profunda a vida da população que vivia às margens do lago, forçada a se deslocar em razão da obra. No entanto, nota-se certa ambivalência em algumas falas, quando os alunos ponderaram os efeitos da construção, reconhecendo, por um lado, benefícios como a geração de energia, e, por outro, questionando se esses benefícios justificaram os danos causados. Outra expressão recorrente é “não sei”, o que indica que muitos ainda não conseguiam elaborar uma reflexão mais aprofundada sobre a temática das barragens.

Figura 32 - Após as discussões feitas nas aulas de formação e das entrevistas com os nossos colaboradores, qual a sua opinião sobre a construção da Barragem de Sobradinho na década de 1970 que forçou milhares de famílias a se deslocarem e ter que recomeçar suas vidas em novos lugares? Explique



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A nuvem de palavras da figura 32 apresenta os termos mais recorrentes no corpus analisado, destacando expressões como “pessoas,” “memórias”, “ruim”, “recomeço”, “perderam” e “casas”. Esses dados revelam, nas falas dos alunos, uma percepção sobre os prejuízos causados pela construção da barragem, sobretudo no que se refere à remoção compulsória das famílias. Para muitos, o recomeço em outro local foi marcado por dificuldades materiais e emocionais, o que se reflete em suas falas e produções.

Embora alguns estudantes reconheçam os benefícios da obra, como a geração de energia, muitos ainda demonstraram um olhar dividido, evidenciando a tensão entre os ganhos sociais e as perdas humanas. De modo geral, a construção da barragem de Sobradinho não é vista pelos discentes como um símbolo de progresso, mas como uma representação de dor e perda. Mesmo sem terem vivenciado diretamente o deslocamento forçado, os alunos, por meio das oficinas e entrevistas, demonstraram compreender as consequências desses empreendimentos, além de acessarem memórias transmitidas por familiares e pela comunidade.

Essa apropriação da memória foi perceptível nos desenhos apresentados no capítulo II, nos quais alguns alunos retrataram o alagamento da cidade com cenas de pessoas fugindo, evidenciando o conhecimento construído sobre o sofrimento vivido pela população atingida. A palavra “memória” também se sobressaiu na nuvem de palavras, frequentemente vinculada ao apagamento causado por grandes projetos, como as barragens. Isso revela que as oficinas e entrevistas não apenas despertaram o interesse dos alunos, mas também ampliaram seu repertório discursivo, possibilitando uma compreensão mais profunda dos impactos sociais e históricos desse processo.

A comparação entre as duas nuvens, revela um refinamento nas percepções dos alunos

acerca da construção da barragem de Sobradinho, ao longo das formações e das entrevistas. No primeiro momento das formações ou aulas oficinas, muitos afirmavam não saber fazer uma avaliação ou ter uma opinião acerca da construção da barragem, tanto que se observarmos no cirus (Figura 31) aparece em destaque a palavra “não sei”, muitos nos primeiros momentos não conseguiam discorrer sobre esse processo. Tal fato revela a importância das entrevistas e das oficinas, que proporcionaram aos alunos o contato com fontes históricas e permitiram um maior entendimento do tema. Mostra também que esse modelo de aula contribuiu para o aprendizado em História, possibilitando um caminho para a compreensão dos impactos sociais e históricos da construção da barragem de Sobradinho.

Após o processo de entrevistas, seguiremos para a fase de análise do material coletado, trilhando os caminhos da metodologia em História Oral. Partimos para a transcrição, que consistiu na passagem do oral para o escrito, de acordo com o que foi transmitido pelo colaborador. Em seguida a textualização, onde aquilo que não é necessário é retirado do texto, nessa etapa podemos inferir que seria a busca de sentido do outro, a reorganização do discurso.

E para a transcrição das entrevistas foi utilizado um aplicativo, *transcribeMe*, um serviço online de transcrição de áudio e vídeo, ele grava o áudio e automaticamente ele converte, gravações faladas em textos escritos, em alguns momentos ele transcreve palavras diferentes do áudio, o que necessita de uma correção. Foi um grande aliado na produção das entrevistas, acelerando esse processo.

Com as entrevistas transcritas e com as fotografias catalogadas, dei continuidade à comparação dos resultados encontrados na nossa pesquisa. Assim, elaborei um quadro para organizar melhor as falas dos entrevistados e as fotografias, que segue em anexo nesta dissertação. Algumas fotografias foram cedidas por um dos nossos colaboradores, outras foram buscadas por mim e encontradas disponível em algumas páginas na internet. Um morador de Sento-Sé, que era fotógrafo e fez alguns registros da cidade antes da inundação, ficou de disponibilizar esse material, mas infelizmente até o dia de hoje não havia sido encontrado o arquivo, e como o tempo não espera e a pesquisa também não, tive que dar continuidade com o material que tive acesso. Caso esse material seja encontrado, será muito valioso para o nosso Espaço de Memória Digital.

Nas entrevistas, percebe-se claramente uma nostalgia em relação ao passado, sentimento comum ao ser humano, que costuma idealizar tempos antigos como melhores e mais felizes, sentindo falta da infância e dos lugares que marcaram sua história. Esse sentimento é ainda mais compreensível no caso dos entrevistados, que tiveram suas vidas transformadas abruptamente, sendo obrigados a abandonar suas histórias e modos de vida. Um aspecto importante revelado

por esse pequeno grupo foi a consciência de que foram prejudicados pelo projeto que prometia progresso. Embora muitos não compreendam totalmente as intenções políticas por trás do empreendimento, reconhecem que foram lesados, e que a dívida gerada foi muito além do âmbito econômico, envolvendo dimensões sociais, ambientais, patrimoniais e configurando-se como uma dívida irreparável. Ainda assim, alguns reconhecem em seus relatos que a construção da barragem também trouxe certos benefícios.

As entrevistas, junto às fotografias, compõem a base do nosso Espaço de Memória Digital, a ser publicado no Instagram. Mais do que uma ferramenta de divulgação, este memorial tem como um dos seus propósitos pensar o Ensino de História a partir dos lugares de memória da antiga Sento-Sé, trazendo essas experiências para a sala de aula e estimulando nos alunos uma consciência histórica mais profunda.

Para identificar os Espaços de Memória da antiga cidade de Sento-Sé, antes da construção da barragem de Sobradinho, foi construído o quadro a seguir, que articula fotografias coletadas com trecho das entrevistas realizadas. O objetivo foi observar como certos espaços físicos da cidade, registrados em imagem, permanecem vivos nas lembranças dos moradores, revelando dimensões afetivas, culturais e simbólicas que caracterizam os chamados lugares de memória. (NORA, 1993)

O quadro a seguir (Fotografias e Memória da Antiga Sento-Sé), evidencia como os diferentes espaços urbanos, registrados pelas lentes fotográficas e revividos pelas descrições realizadas pela pesquisadora e narrativas dos colaboradores, apresentam-se como importantes lugares de memórias. As imagens ao capturarem os aparelhos, pois a maioria captura prédios em três aparecem pessoas com casas, hospital. As carnaubeiras atuam como produtoras de recordações que vão além do visível. “As imagens são pistas para se chegar a outro tempo, revelam aspectos da cultura material e imaterial das sociedades, compondo a relação entre o real e o imaginário social.” (Mauad, 1996, p.85).

Nas entrevistas, os colaboradores revelaram memórias plurais que se entrelaçam e se complementam, enriquecendo o discurso construído a partir das lembranças evocadas pelas imagens e lembranças que resistem ao tempo e às águas. Para alguns, o contato com as fotografias desperta sentimentos de saudade do convívio nas ruas, nas igrejas e na praça. Surgem também memórias de uma casa mal-assombrada, que carrega vestígios do período escravocrata e se tornou um símbolo identitário dessa cidade submersa pela barragem de Sobradinho,

processo pelo qual, no presente os acontecimentos do passado são narrados interpretados, ganha um sentido e despertam sentimentos nas pessoas ela precisa de suportes para ser mobilizada no presente, que podem ser objetos narrações, fotografias, textos. Quando mobilizados para a escrita e o ensino de história esse suporte são também chamados de fontes, a memória busca tornar presente aquilo que estava ausente o acontecimento passado e por isso ela é uma representação. (Portilho; Lopes, 2021, p.24).

É possível perceber nas falas um lamento pelo desaparecimento desses espaços de memória, que constituíam marcos identitários do povo de Sento-Sé. Um dos colaboradores, por exemplo, relatou ter solicitado ao representante político da época a construção de uma réplica da casa grande, enfatizando sua importância para a história de Sento-Sé: “A casa grande marcou profundamente a história de Sento-Sé. Lembro que, quando trabalhei com o Dr. Denir, até sugeri que ela pudesse ser reconstruída e restaurada, tamanha sua importância para a cidade.” (Estrela)¹⁶

Essa fala evidencia o quanto a Casa Grande permanece viva na memória coletiva, sendo percebida como um símbolo de identidade local. No entanto, é fundamental problematizar o significado histórico desse espaço, considerando que a Casa Grande, para além de um marco arquitetônico, foi também símbolo material da ordem escravocrata e das relações desiguais de poder que estruturaram a sociedade brasileira.

Como afirma Freyre (2006), a Casa Grande representava o centro do poder senhorial, onde se expressavam tanto a hierarquia social quanto o domínio patriarcal e escravista. A memória desse espaço, portanto, está atravessada por contradições: ao mesmo tempo em que desperta sentimentos de pertencimento e nostalgia entre os antigos moradores, remete também a um passado de violência, subordinação e exclusão.

¹⁶ Estrela(pseud.). Informações concedidas à pesquisadora. Entrevista concedida a: Luana Ribeiro de Carvalho. Sento-Sé, 17 jul.2025

Tabela 2- Fotografias e Memórias da Antiga Sento-Sé

Fotografias e Memórias da Antiga Sento-Sé			
Número	Descrição	Fala Entrevistado (Memória)	Outras Informações
Foto 01 - Rua Principal da cidade antiga de Sento-Sé.	Fotografia aérea, que revela as ruas e casas da antiga cidade, é possível perceber várias pessoas transitando pela rua, o que demonstra a dinâmica da cidade. Nos mostra um pouco da dinâmica da cidade, pessoas indo ao encontro do ônibus, uns para provavelmente receber os seus que estão chegando de viagem, outros simplesmente pela curiosidade de saber quem estava chegando. Digo isso porque tive esses mesmos hábitos quando menina, moro próximo da praça e quando o ônibus chegava íamos correndo para ver quem chegou, hábito trazido da velha cidade. Revelando um pouco da dinâmica da cidade antiga.	<p>Aqui era onde parava o ônibus da Bonfinense... nessa rua morava tanta gente da família Sento-Sé. Ah, que saudade me dá só de olhar! Essa foto foi tirada lá do alto, lembro como se fosse hoje, parece até que tô vivendo de novo aquele dia. Foi do avião do Padre Marcos, sabia? Dá pra ver tudinho: as casas espalhadas bem no centro da cidade. E a minha ficava bem ali, de frente. Oficialmente, a rua se chamava praça Dr. Juvêncio Alves, mas o povo preferia chamar de “Vai quem quer”, porque era mais afastada. (Estrela)</p> <p>O ônibus... ah, sempre que chegava de Juazeiro, era um verdadeiro furdunço da criançada! Todo mundo corria atrás dele, querendo ver quem tinha chegado, quem tinha trazido novidade. Então, era aquela festa, toda vez que o ônibus aparecia. (Cantor)</p>	Pouco antes de iniciar as demolições para a inundação da cidade. Segundo Estrela entrevistada, foi tirada por um rapaz que trabalhava com seu Maranhão fotógrafo da cidade, no avião do Padre Marcos.
Foto 2 - A cidade	Foto Aérea da Cidade,mostrando de forma mais abrangente o lugar.	<p>Ela era uma cidade bonita... eu tenho saudade até hoje. Às vezes o povo não gosta muito de falar, acham que é saudosismo, mas eu sinto, sim, saudade da minha cidade. Às vezes a gente até dizia assim: “o céu... o céu lá era mais bonito do que o daqui”. E era mesmo! A gente achava o céu mais bonito, sempre comentava isso lá em casa.</p> <p>Era uma cidade... não era bem estruturada, não. Tinha as ruas, mas a maioria das casas eram de taipa. Sabe o que é? Não é casa de barro jogado, né... (Estrela)</p> <p>Muitas casas eram mesmo de taipa, de barro, e o pessoal rebocava com barro, com adubo de barro. Outras pessoas tiravam madeira, faziam os enchimentos, aí cortavam vara pra</p>	Nas fotografias acessadas durante as pesquisas, as casas de taipa, como aponta a colaboradora, não aparecem nitidamente, registram fotograficos, revelando a invisibilidade das pessoas pobres e também o apagamento desse espaço das cidades.

Fotografias e Memórias da Antiga Sento-Sé			
Número	Descrição	Fala Entrevistado (Memória)	Outras Informações
		segurar o barro. (Lapa)	
Foto 3 - Praça Central	Praça Central, praça rodeada por árvores, no centro da cidade é muito parecida com a praça da nova Sento- Sé	<p>Então, lá tinha essa praça bem grande... era onde passeavam os namorados, o pessoal, os velhos sentavam. Ali era mesmo o ponto de encontro. (Estrela)</p> <p>As principais referências de encontro na cidade eram a praça e o horto... mas tinha também o coreto, lá na cidade velha, que era outro ponto de encontro do povo, bem no meio da praça. (Cantor)</p> <p>A praça era toda rodeada de pé de algaroba. E bem no centro tinha o coreto. Depois fizeram um viracopo lá... Jorjão botou um bar bem no meio da praça, dentro do coreto. (Lapa)</p>	

Fotografias e Memórias da Antiga Sento-Sé			
Número	Descrição	Fala Entrevistado (Memória)	Outras Informações
Foto 4 - Casas e Quartel	Na fotografia, podemos visualizar duas casas de alvenaria, e uma árvore, um pé de algaroba.	<p>Ao lado do quartel tinha outro prédio, feito só pra guardar a merenda escolar. O quartel mesmo era bem pequenininho, só tinha duas celas. No tempo em que eu nasci e morei lá, eu só vi um preso que ficou mesmo... foi por nove anos. Um rapaz que veio lá da Cabeluda, chamava-se Gino — ele matou dois rapazes, dois irmãos, lá em Cabeluda. Só via esse preso.</p> <p>Os outros? Era assim... entrava um ladrão, chegava a queixa: tinha roubado uma galinha, ladrão de galinha... ladrão de jumento, era só isso que roubava lá, ladrão de cabra. Às vezes pegava uma cabra lá no chiqueiro. Então, quando chegavam nessa situação, levavam pro quartel, ouviam, e depois dispensavam.</p> <p>(Estrela)</p> <p>A imagem mais forte que eu tenho é desse único preso, o Gino. Ele tinha cometido um assassinato lá na Cabeluda... e ficava preso, cantando.</p> <p>(Lapa)</p>	
Foto 5 - Cisterna e Fossário	Na imagem, pessoas se dirigindo a cisterna, o que parece ser duas crianças, postes de energia, que na época ainda era a motor e vários pés de carnaubal.	<p>Não tinha água encanada, não... sabe? Era uma casa grande, comprida. A gente entrava e tinha uma cisterna cavada, que funcionava com catavento, era ela que abastecia a cidade toda. A gente ia lá pegar água, equilibrando a lata na cabeça. Aí, quando Valverde entrou no governo, ele fez lá dentro uns balcõezinhos, pra gente colocar as latas, até chegar nas torneiras. A água da cisterna era pura, mesmo. Pouca gente tinha sanitário. Só quem tinha mais posse. A grande maioria não tinha. Aí o Valverde construiu o sanitário... abriu outro tanque pra levar os dejetos. O Carnaubal tinha cinco léguas de carnaval. Lindo!</p> <p>(Estrela)</p>	

Fotografias e Memórias da Antiga Sento-Sé			
Número	Descrição	Fala Entrevistado (Memória)	Outras Informações
		O pessoal fazia fila, com as latas de água, todo dia de manhã. Era o povo da rua. Aí o portão fechava, depois abria, o pessoal enchia e saía. Ali atrás ficavam as carnaubeiras... o pessoal usava pra tirar a cera de carnaúba. (Lapa)	
Foto 6 - Igreja Congregacional	Prédio da Igreja Congregacional, símbolo de religiosidade, lugar de encontro.	Nas igrejas, o pessoal se encontrava... até quem não era dali ia pra sua igreja. Quando terminava, e até hoje é assim lá na minha igreja, o culto acabava e ficava todo mundo ali na porta, conversando. A gente até brincava: "Vai ter outro culto?" Funcionava também a escola dominical. Nesse tempo, eu cheguei a criar uma escola particular, que também funcionou lá. (Estrela) A igreja de Zé do Carmo e Albertino foi a primeira igreja de crente. (Lapa)	

Fotografias e Memórias da Antiga Sento-Sé			
Número	Descrição	Fala Entrevistado (Memória)	Outras Informações
Foto 7 - Igreja Matriz de São José	Igreja católica Matriz, com torre central e um cruz, escadaria e o sino visível, ao lado esquerdo da igreja outro prédio.	<p>Na igreja Católica era assim também. Quando terminava, ficava todo mundo ali conversando... até altas horas. (Estrela)</p> <p>A festa da Bandeira do Rosário era a maior festa do município. Parava tudo por uma semana, só para pedirem esmola. Os camponeses. E satisfeitos com a safra, com a colheita, faziam questão de ajudar a festa. Alguns davam alimentos, outros dinheiro, outros animais. Quando os romeiros chegavam, traziam uma fartura imensa de recursos pra grande festa. Tinha gente que não vinha junto com os romeiros, mas preparava seus animais e ia encontrar com eles a quilômetros de distância, só pra ver o encontro, pra festejar a Bandeira do Rosário.</p> <p>Os romeiros — como chamavam — percorriam todo o município, porque era uma festa de colheita, né? Iam passando de lugar em lugar, tirando o que chamavam de esmola. Quando chegavam na cidade, na igreja onde acontecia a festa da Bandeira do Rosário, aí sim... a cidade já recebia uma cavalaria com mais de 150, 200 cavalos e cavaleiros. (Cantor)</p> <p>A igreja ficava de frente, virada pro rio. Também tinha o festejo de São José, no dia 19 de março. (Lapa)</p>	Acervo de uma colaborada.

Fotografias e Memórias da Antiga Sento-Sé			
Número	Descrição	Fala Entrevistado (Memória)	Outras Informações
Foto 8 - Hospital Regional de Sento- Sé	Prédio grande de alvenaria e telhado, várias janelas e uma espécie de jardim à sua frente.	<p>Eu me lembro do hospital onde eu trabalhava. O hospital era bem grande, ele era dividido. Esse colégio aqui — o Custódio Sento-Sé — já vem lá de Sento- Sé velho, não tinha prédio próprio. Então, eu trabalhava numa ala do hospital. Na outra ala, eu trabalhava de enfermagem. E a gente tem muita saudade... muitas saudades mesmo. São muitos lugares que deixam lembrança. (Estrela)</p> <p>O hospital ficava assim... fora da rua, uns cento e poucos metros. Era grande. Quando foram demolir, muita gente levou um bocado de material pra cá: madeira, telha... Eu mesmo trouxe uma chapa de ferro que era usada pra fazer comida. A gente faz o pilar, bota ela em cima... vira uma espécie de fogão. (Lapa)</p>	
Foto 9 - Colégio Dr.juca Sento-Sé	Fotografia do Colégio Estadual Dr.Juca Sento-Sé década de 1960. Prédio simples de alvenaria,com muro baixo aparentemente janelas de comungó, e um pé de algaroba na frente.	Juca Sento-Sé,ele era solto indo para o hospital, ficava soltinho,não tinha nem vizinho. (Estrela)	Acervo de uma colaboradora
Foto10 - Caixa d'água	Reservatório de água,aparentemente em estrutura metálica,com um anel de sustentação e um cilindro servindo de caixa d'água. Ao lado uma pessoa. No fundo prédios de alvenaria,com janelas.	<p>Tinha uma caixa de água... (Estrela)</p> <p>Leônida subiu bebo lá no anel,foi preciso o povo tirar. (Lapa)</p>	Acervo de uma colaboradora

Fotografias e Memórias da Antiga Sento-Sé			
Número	Descrição	Fala Entrevistado (Memória)	Outras Informações
Foto 11 - Casa Grande	<p>Registrada, possivelmente, em 1974 antes da construção da barragem .</p> <p>Casa grande ,trata-se de um imponente casarão coberto de telhados com várias janelas e três portas,além de um alpendre na frente da casa.</p>	<p>A casa grande... ela era grande mesmo, sabe? Tinha um subterrâneo. Ali, foi no tempo da escravidão. Teve muitos coronéis, e tinham negros, né? Eles moravam ali embaixo, os patrões em cima e eles embaixo, no subterrâneo.</p> <p>Quando eu era criança, a gente descia lá. Já não tinha mais escravos, mas tinha o tronco onde amarravam eles. A gente pegava as correntes, onde os escravos eram acorrentados... não sabe? E tinha muitos baús, com as ossadas do pessoal da família Sento-Sé. Todos que morriam, eles enterravam, depois tiravam os ossos e colocavam num baú, e deixavam lá.</p> <p>A gente ia abrir os baús, pegava as caveiras... as crianças pegavam e saíam brincando, escondido, porque eles não queriam não, mas a gente ia assim mesmo, né? Quando ouvia o passo de alguém em cima , porque o piso era de madeira , a gente já saía correndo.</p> <p>(Estrela)</p> <p>A casa grande, pra nós, sempre foi ensinada como lugar de medo, de pavor, né? Assombravam, diziam que ali tinha muitos restos mortais, muitas almas. Então, pra uma criança, você cresce com esse temor... aquela casa fica na memória por causa disso. (Cantor)</p> <p>Ela tinha um porão. Acho que, no tempo dos revoltosos, guardavam armas lá. (Lapa)</p>	
Foto 12 - Festa da Despedida (Festa da saudade)	<p>Fotografia do ano de 1974,várias pessoas dançando ao som de um trio elétrico.Tanto adultos como crianças</p>	<p>Veio o trio elétrico, veio tudo. Fizemos a despedida da cidade,mas o pessoal já tinha saído... muita gente. Foram os últimos.</p> <p>Porque eu mesma, a nossa família foi a última que saiu.(Estrela)</p>	<p>Acervo de uma colaboradora</p>

Fotografias e Memórias da Antiga Sento-Sé			
Número	Descrição	Fala Entrevistado (Memória)	Outras Informações
		Teve essa festa mesmo,mas eu não estava presente. (Lapa)	
Foto 13	Festa da saudade Fotografia do ano de 1974,várias pessoas dançando ao som de um trio elétrico.Tanto adultos como crianças e pessoas nas portas das casas observando.Aparece uma senhora em evidência no registro acenando para os que estavam nas portas.	O rapazinho era leigo, mas ele teve a cabeça de fazer a música. É assim: “segue Sento-Sé a tua estrada, e eu também irei. Numa tarde fria”... Nesta madrugada calma e fria ,veio uma mulher me despedir (A mulher era a CHESf). Deixamos para trás nossas casinhas, e em busca de aventura vou partir. Quem sou eu para mudar o teu destino, vives a chorar dentro de mim”. Segue Sento-Sé a tua estrada e eu também irei pra lá também, na lama deixamos nossas moradas.”	
Foto 14	Hangar do Padre Marcos,três prédios de alvenaria simples, é possível visualizar uma rural,estacionada no prédio que parece ser uma garagem,onde possivelmente ficavam os aviões do Padre Marcos. Um trator ao lado de um dos prédios e no fundo da imagem uma imensidão de terras,formada por várias árvores.	O hangar do padre, onde ele guardava os aviões,tinha dois aviões...ele foi um homem muito bom em Sento-Sé.No avião maior andei muito nele, na saúde foi muito bom.... Era de frente a casa do padre,muitas pessoas moravam lá,que vinham do interior e ficavam ali. (Lapa)	
Foto 15	Ruas da Cidade	Casa grande,ao lado dos prédios seguintes funcionava a escola do professor Edgar e a Usina,que gerava energia. (Estrela)	

Fotografias e Memórias da Antiga Sento-Sé			
Número	Descrição	Fala Entrevistado (Memória)	Outras Informações
Foto 16	A Demolição das Casas,fotografia do ano de 1974. Os prédios já demolidos e várias pessoas ao redor,provavelmente retirando e levando aquilo que era possível. No centro observa-se a igreja demolida e várias pessoas nos seus escombros.	Eles marcavam o dia, levavam os caminhões, grandes caminhões, para pegar toda a... o que a gente tinha, mobília, o que tinha em casa, né? Quem tinha criatório, levava um caminhão para trazer só os criatórios, cabras, esses negócios. Mas o pior que nós sentimos é que eles já iam com um trator. Todas as mudanças eram assim. Iam com o trator,antes, eles diziam assim: "se vocês quiserem aproveitar a telha, o material"....Aí se saía muita gente. E na presença da gente, eles amarravam a corda, o trator derrubava. A gente via a casa cair. Até hoje, a gente se emociona com isso, porque a casa que a gente, viveu, nasceu, cresceu... a gente via cair assim. Por que não deixaram a gente sair primeiro? Eu achava uma provocação. Todo mundo chorava, até hoje a gente chora. (Estrela)	
Foto 17 - Bar Estrela	Bar Estrela fotografia década de 1970, o bar aparece em evidência em algumas casas e parte da praça,com seus pés de algaroba e seus bancos.Também é possível identificar um carro estacionado em dos prédios. Prédios de alvenaria	Mas tinha bares de bebida, tinha essas coisas para quem gostava. Sempre teve em todo, todo o tempo, né? Bar de bebida nunca faltou. (Estrela) O bar Estréla...acho que era do irmão do professor Veraldino. (Lapa)	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Outro ponto levantado nas entrevistas foi a existência de muitas casas de taipa, que, no entanto, não aparecem em destaque nas fotografias. Observando atentamente a fotografia 01, (Anexo 1) é possível identificar algumas construções que parecem ser de taipa. Essa ausência revela não apenas uma lacuna visual, mas também a invisibilidade imposta às camadas mais pobres, evidenciando a intenção de quem registrou as imagens de não retratar imóveis associados à pobreza. Trata-se de uma seletividade no registro fotográfico, que privilegiou as construções consideradas “dignas” de serem lembradas. Afinal, “... a escolha do objeto que se quer fotografar corresponde ao valor que a esse objeto é agregado, ao valor que lhe é dado pelo

sujeito ou grupo social.” (Sá, 2020, p.68).

Assim a Tabela 2, não apenas documenta elementos físicos da antiga Sento-Sé, mas também revelam a tessitura das memórias individuais e coletivas que resistem ao apagamento forçado pela construção da barragem, lembrando que as memórias: “tem a ver com o lugar que ocupamos no presente e, portanto, é uma produção narrativa e discursiva do presente... O passado que esse se rememora e se esquece é ativado em um presente e em função de expectativas futuras inscritas em uma representação de tempo e de espaço.” (Gil, 2019, p.10).

3.3 Mídias Sociais e o Ensino de História: Potencialidades e desafios

O Ensino de História, assim como a própria sociedade, passa por transformações constantes, acompanhando as dinâmicas do tempo presente. Vivemos hoje em uma sociedade profundamente marcada pelos avanços tecnológicos, a chamada era digital, que traz consigo tanto benefícios quanto desafios. Nesse cenário, a educação não pode ficar à margem. Cabe a nós, professores, nos apropriarmos dessas tecnologias e incorporá-las de forma crítica e criativa à sala de aula. No entanto, é fundamental saber como utilizá-las a nosso favor, pois, em muitos momentos, elas também podem se colocar na contramão dos objetivos pedagógicos e da formação cidadã que desejamos promover,

O modelo de sala de aula tradicional já não funciona bem, pois vivemos em uma época de continuidades e rupturas. E, diante dessas importantes transformações vivenciadas pela educação e pela tecnologia na contemporaneidade, se faz necessário à elaboração de estudos pontuais que possam compreender como se produzem essas mudanças, e como elas podem afetar a sociedade. (Araújo, 2018, p.141)

As tecnologias estão presentes no nosso cotidiano, e nossos alunos estão cada vez mais conectados. Em muitos momentos perdem-se nas aulas, distraem-se com o celular e deixam de acompanhar as explicações imersos nas redes sociais e nos jogos. Trata-se da chamada geração Z, e após pandemia do COVID-19 nós professores tivemos que nos reinventar e buscar o auxílio das tecnologias para alcançar nossos alunos durante o período de isolamento social. Lembro-me de como foi difícil receber a notícia de que teríamos que ministrar aulas no formato remoto. No início resisti, mas aos poucos compreendi e me apropriei do processo. Os tempos são outros e temos um público novo, diferente, com novas demandas, o que nos faz pensar que precisamos refletir sobre a necessidade de buscar novas metodologias de ensino, tornando as aulas de História mais atrativas para os nossos educandos.

Para Belloni (2009), a principal contribuição das TICs para o processo de ensino e aprendizagem é o estímulo à autodidaxia, onde o aluno transforma-se no próprio elemento regulador de seu aprendizado. Assim, decide não só quando e como aprender, mas também se torna responsável pela construção e compartilhamento do conhecimento. A autora destaca que a autodidaxia demanda professores-mediadores, que não mais forneçam o saber de modo estanque e depositário, mas que ensinem a aprender e a aplicar de forma prática o que foi aprendido. (Oliveira, apud, p.9)

No seu artigo, "Ensino de História frente às tecnologias digitais: um olhar sobre a prática", Fabiano Viana Andrade discute a relevância do uso pedagógico das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) como ferramenta para contribuir no processo de ensino-aprendizagem em história, revelando a importância na formação docente,

Por conta dessas mudanças sofridas pela sociedade faz-se necessário que o docente assim como o corpo pedagógico esteja atento informado e capacitado em relação a inserção das TDIC (Tecnologia de Informações Digitais de informação de e ser em planos pedagógicos objetivando acompanhar as tendências mundiais e tornar um ambiente educacional uma extensão do ambiente cotidiano sempre que possível acrescentando mudanças estruturais na dinâmica de sala de aula fazendo a transgredir de um ambiente centrado no docente para um ambiente centrado no aluno nessa nova conformação proposta docentes atuariam como mediadores na busca e na construção do conhecimento pelo aluno. (Andrade, 2018, p. 177).

Entretanto, Viana defende que é necessário que haja um processo amplo de transformação, que já ocorre em certa medida, mas exige atenção não apenas do docente, apenas de todo o sistema educacional no que diz respeito ao uso da TICs. Como afirma o autor:

“É de suma importância que o profissional docente esteja em constante aperfeiçoamento, principalmente no que se refere a utilização de recursos tecnológicos como ferramentas facilitadoras no processo de ensino-aprendizagem.” (Viana, 2018, p.174).

Da mesma forma, George Leonardo Seabra Coelho et al., (2022) traz reflexões sobre as tecnologias sociais e, além delas, inclui o livro didático no debate. O autor destaca os desafios enfrentados por professores e historiadores para se adaptarem a uma era cada vez mais tecnológica. A Cultura Digital tem provocado novas demandas e ressignificado as relações sociais, o que exige refletir sobre seus impactos nos ambientes escolares. Ao analisar a sociedade marcada pelas novas formas de comunicação proporcionadas pelas Tecnologias Digitais, Fava (2014), apoiado nas proposições teóricas de Henry Jenkins, destaca que o momento atual pode ser compreendido como “cultura da convergência”, caracterizada pela passagem de uma cultura interativa para uma cultura participativa. Nessa perspectiva, a convergência envolve o desejo de compartilhar informações, influenciar pares e manter-se informado. O autor aponta ainda que essa cultura possibilita o fluxo contínuo de conteúdos em múltiplas plataformas e favorece um comportamento migratório dos estudantes em busca de

experiências de aprendizagem diversificadas, conforme discutido por Coelho et al., (2022, p. 103).

Nesse sentido Coelho et al., (2022) também afirma, que é necessário um estudo acerca de novo cenário e momento em que vivemos tais transformações que são inerentes a sociedade e que invadem o ambiente escolar, as tecnologias digitais permitem cruzar fronteiras que em outros tempos eram inimagináveis, ela quebra fronteiras no cotidiano dos nossos alunos. Embora muitas escolas ainda não tenham acesso a certas tecnologias, como no caso da escola ao qual eu trabalho que ainda não tem um laboratório de informática, além de um acesso limitado a internet, o que dificulta a apropriação no trabalho docente com os recursos digitais,

A escola entendida como local da apropriação e transmissão formal de conhecimentos normas valores ideias ideologias e tradições tem a missão de desenvolver o estado físico intelectual e moral dos sujeitos. esse desenvolvimento proporcionado pela escola é realizado em colaboração com os espaços informais entre eles a família e a comunidade tal formação integral precisa acompanhar as mudanças que se colocam como exigências fundamentais para a vida além dos Muros da Escola uma vez que ela não está inserida acima do sistema social mas dentro dele A partir dessa perspectiva defendemos a necessidade de a escola dialogar com as inovações tecnológicas com o Ciberespaço e com a cultura digital. (Coelho et al., 2022, p. 109).

Entendo a importância de trazer para o contexto escolar, para sala e para o Ensino essas ferramentas que fazem parte do cotidiano dos nossos discentes, que por vezes acabam sendo um grande barreira no ensino, pensamos em construir um Espaço de Memória Digital no instagram, para que possa ser utilizado na sala de aula, uma das mídias sociais mais utilizada na atualidade e de fácil acesso.

Robson Victor Araujo (2018) em “O Uso de redes sociais como prática no Ensino”, traz uma discussão bastante interessante sobre o uso das redes sociais no Ensino de História, e uma experiência como os alunos do Ensino Médio com a rede social O Facebook, buscando aliar essa ferramenta ao ensino de história, na busca de trazer o mundo em que os educandos estão imersos, contribuindo assim para o enriquecimento de práticas pedagógicas,

Os alunos já estão familiarizados com essas redes sociais, mesmo que não queiram misturar a educação com lazer, eles já sabem utilizar essas ferramentas. Em contrapartida a obstáculos relacionados à cobertura da internet no Brasil e a questões de privacidade, visto que na maioria das vezes as redes sociais são bloqueadas nas escolas impedindo a socialização desses alunos no meio online. o problema está no fato das redes sociais serem consideradas como elemento de distração nas escolas ponto na maior parte das instituições de ensino acesso a essas páginas é bloqueado para os alunos ponto assim para que se possa usar dessa ferramenta para aperfeiçoar o ensino é preciso que as redes sociais sejam mais bem exploradas através do planejamento de uso com critérios ética e responsabilidade. (Araújo, 2018, p. 144).

Diariamente os professores precisam disputar com as tecnologias a atenção dos alunos, com isso o uso das redes sociais como prática no ensino de História na sala de aula busca aproximar esses dois mundos. A escola vem enfrentando um problema: as várias tecnologias que os alunos levam e usam na escola estão em descompasso com as metodologias aplicadas por certos professores e não é novidade que, durante as aulas, os estudantes atualizam seus perfis, curtem fotos de amigos, comentam publicação (Araújo, 2018).

As mídias sociais hoje são um importante recurso que devem ser apropriados e aprimorados por nós professores (Araujo,2018), embora eu seja de umas que pouco conhecimento tenho em relação a essas novas tecnologias para uso em sala de aula, o Instagram para o meu trabalho já é um sinal de que estou acessar esses novos recursos como aliados nas aulas de história. Mas sabemos também que para esses recursos serem utilizados é necessário um preparo por parte dos professores, que deve ser ofertado nas escolas. É importante frisar, que a inserção dessas tecnologias as mídias sociais não são sinônimos de que elas serão instrumentos que vão garantir uma aprendizagem plena, mas que pode ser um caminho a ser trilhado pela educação, na busca de ferramentas que contribuam no processo-ensino-aprendizagem, como também um ambiente para o exercício da cidadania e transformações. “As interações entre as pessoas interferem diretamente nessas novas práticas, e são essas interações que permitem e instigam a aprendizagem, fortalecendo as relações e os benefícios sobrevindos delas.” (Araújo, 2018, p.151).

Todavia, o uso das mídias sociais no ambiente escolar requer a mediação do professor, conforme estabelece a Lei nº 15.110, de janeiro de 2025, que proíbe o uso de celulares nas escolas, excetuando-se situações pedagógicas devidamente orientadas. Outro ponto relevante refere-se ao Instagram, plataforma onde será desenvolvido o Espaço de Memória Digital. Em 11 de junho de 2025, o Ministério da Justiça e Segurança Pública, por meio da Secretaria Nacional de Justiça (Senajus), publicou o Despacho nº 129, que alterou a classificação indicativa do aplicativo, passando de 14 para 16 anos. Dessa forma, o uso do Instagram em sala de aula deverá ocorrer sob supervisão docente, possibilitando que o professor explore de diversas maneiras o material disponibilizado, incentive debates e reflita com os alunos sobre os lugares de memória da antiga Sento-Sé.

3.4 O Espaço de Memória Digital: proposta, curadoria

Neste trecho, apresentamos o passo a passo da construção do Espaço de Memória Digital no Instagram e explicamos como ele estará disponível para acesso público. Antes do

lançamento oficial da plataforma, será realizada uma exposição na escola, com o objetivo de apresentar o projeto aos alunos e envolver a comunidade. Afinal, sua proposta vai além do uso em sala de aula: trata-se de um espaço interativo e aberto à participação de todos. A intenção é que o público possa interagir, compartilhar depoimentos e contribuir ativamente com o acervo. Desde o início da pesquisa, a primeira ideia era criar um museu; no entanto, diante das limitações de tempo e condições, o Espaço de Memória Digital surgiu como uma alternativa viável e eficaz para preservar e divulgar essas memórias de forma dinâmica e acessível.

O Espaço de Memória Digital no Instagram, foi criado como parte integrante dessa pesquisa, com o objetivo de socializar o resultado do trabalho construído junto aos discentes e membros da comunidade que colaboraram com seus depoimentos sobre a antiga Sento-Sé. Além de valorizar a memória, esse espaço busca ser uma ferramenta pedagógica a ser utilizada nas aulas de História e disciplinas afins, proporcionando articulação entre passado e presente.

Como referência para a criação do nosso Espaço de Memória Digital, busquei inspiração no do trabalho do egresso do Profhistória, Adalbério dos Santos Freitas, intitulado Ensino de História e o Mundo do Trabalho: desenvolvimento de memorial digital acerca das relações de trabalho na produção de artefatos de couro em Ipirá/Ba. O autor desenvolveu um memorial digital no Instagram sobre as relações de trabalho na produção de artefatos de couro em Ipirá, Bahia (Freitas, 2022).

Além de resgatar e preservar as memórias da antiga cidade inundada com a construção da barragem de Sobradinho aqui vamos compartilhar memórias, fotografias, história e afetos que resistem ao tempo e água, um projeto de pesquisa sobretudo de amor por uma cidade que vive na lembrança dos seus filhos e filhas, proporcionando a qualquer pessoa que tenha interesse pelo tema possa acessar em qualquer lugar do mundo, bastando ter acesso à internet e acesso a plataforma Instagram.

De acordo com Eduardo Campos Pellanda e Melissa Streck (2017), o Instagram é um aplicativo de rede social digital que foi criado, com o objetivo de publicar imagens obtidas através de um smartphone que são previamente tratadas permitindo aos usuários, editá-las melhorando antes de publicá-la, o que dá a possibilidade de o usuário da conta interagir, digamos que em tempo real com os seus seguidores. É uma rede social que se diferencia das demais como por exemplo o Facebook, por sua facilidade de operação, preferindo o compartilhamento de fotos e vídeos, tornando possível uma diligente assimilação dessas postagens pelos seus usuários, ele ainda permite acompanhar o engajamento dos usuários através do quantitativo de seguidores e do número de curtidas que cada postagem alcança.

O perfil (Figura 33) já se encontra estruturado a partir da organização dos materiais

coletados durante a pesquisa, incluindo entrevistas, fotografias, desenhos escolares e narrativas sobre o cotidiano da antiga cidade. No entanto, sua publicização e abertura ao público estão previstas apenas após a realização de uma exposição escolar, a ser organizada com os estudantes participantes. A escolha por lançar o perfil após esse momento visa valorizar a presença e o protagonismo da comunidade escolar em todo o processo.

Conforme pode-se observar na Figura 33, utilizamos a fotografia da Casa grande para criar a identidade visual, imagem marcante na memória dos moradores da cidade, o tom marrom no fundo remete ao barro a laminha que é feita para a construção das casas de taipas, gotinhas em azul remetem às águas que inundaram a cidade. Embora as casas de taipa não apareçam nítidas nas fotografias, nas falas dos entrevistados elas são citadas, Na bio, descrevemos o perfil.

Figura 33 - Perfil no Instagram



Fonte: Autora, (2025).

O primeiro post (Figura 34), post do Espaço de Memória Digital no Instagram, foi planejado com o objetivo de apresentar o projeto à comunidade, expondo de forma breve e acessível. A postagem traz um carrossel com textos explicativos sobre o propósito do trabalho e fotografias da antiga cidade, buscando contextualizar e sensibilizar o público à participar do projeto.

Figura 34 - Post 1- Espaço de Memória Digital de Sento-Sé



Fonte:Autora, (2025).

Neste trabalho, utilizamos o Instagram como ferramenta pedagógica para a construção do Espaço de Memória Digital, reunindo fotografias e depoimentos de pessoas que vivenciaram a antiga cidade de Sento-Sé, e que por meio de suas lembranças, resgatam os lugares de memória desse território. Esse material poderá ser utilizado nas aulas de História e em outras

disciplinas interessadas, sempre com a mediação do professor.

Os dados que compõem o Espaço de Memória Digital foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com pessoas da comunidade que vivenciaram a cidade antes da construção da barragem de Sobradinho no ano de 1970, evento que provocou o desaparecimento da antiga Sento-Sé e forçou a realocação de seus habitantes. Além dos depoimentos, foram utilizadas fotografias da antiga cidade, documentos e atividades realizadas com os alunos durante as oficinas.

Ao longo da pesquisa, foram reunidas 17 fotografias. Uma das fontes prometeu disponibilizar mais imagens, mas até o momento não as localizou em seus arquivos. A expectativa é que essas fotografias sejam encontradas antes do lançamento do Espaço de Memória, para que possam ser incluídas. Uma das colaboradoras cedeu 11 imagens de seu acervo pessoal; as demais foram encontradas em pesquisas realizadas na internet. Como o projeto prevê a atualização contínua do memorial, espera-se que, com a publicação e divulgação da página no Instagram, mais fotografias possam ser incorporadas futuramente.

Como estratégia de ação, optou-se pela exposição das imagens no formato carrossel, combinando fotografias com legendas explicativas que contextualizam o conteúdo e destacam trechos das entrevistas realizadas. Dessa forma, busca-se valorizar as vozes dos moradores e descendentes que vivenciaram ou herdaram memórias da antiga cidade, articulando imagem e narrativa oral.

Serão também utilizados recursos como stories e caixas de perguntas, que convidam a comunidade a enviar fotografias pessoais e relatos de memória. Questões como “Qual memória você guarda?” foram elaboradas para estimular o compartilhamento, ampliando o acervo do projeto e fortalecendo seu caráter colaborativo.

Além disso, recorreu-se a ferramentas de inteligência artificial notebook LM para gerar áudios com trechos das entrevistas, possibilitando “dar voz” aos personagens e criar uma experiência mais sensível e imersiva para o público, como também protegendo a identidade do participante.

O Espaço de Memória Digital no Instagram foi pensado e organizado em cinco eixos temáticos (Tabela 3) Lugares de memória, Vozes da Memória, Memória Viva: desenhos dos alunos, A barragem: água que transformou vidas e Trabalhos sobre Sento- Sé: um espaço de curadoria e valorização do conhecimento já produzido.

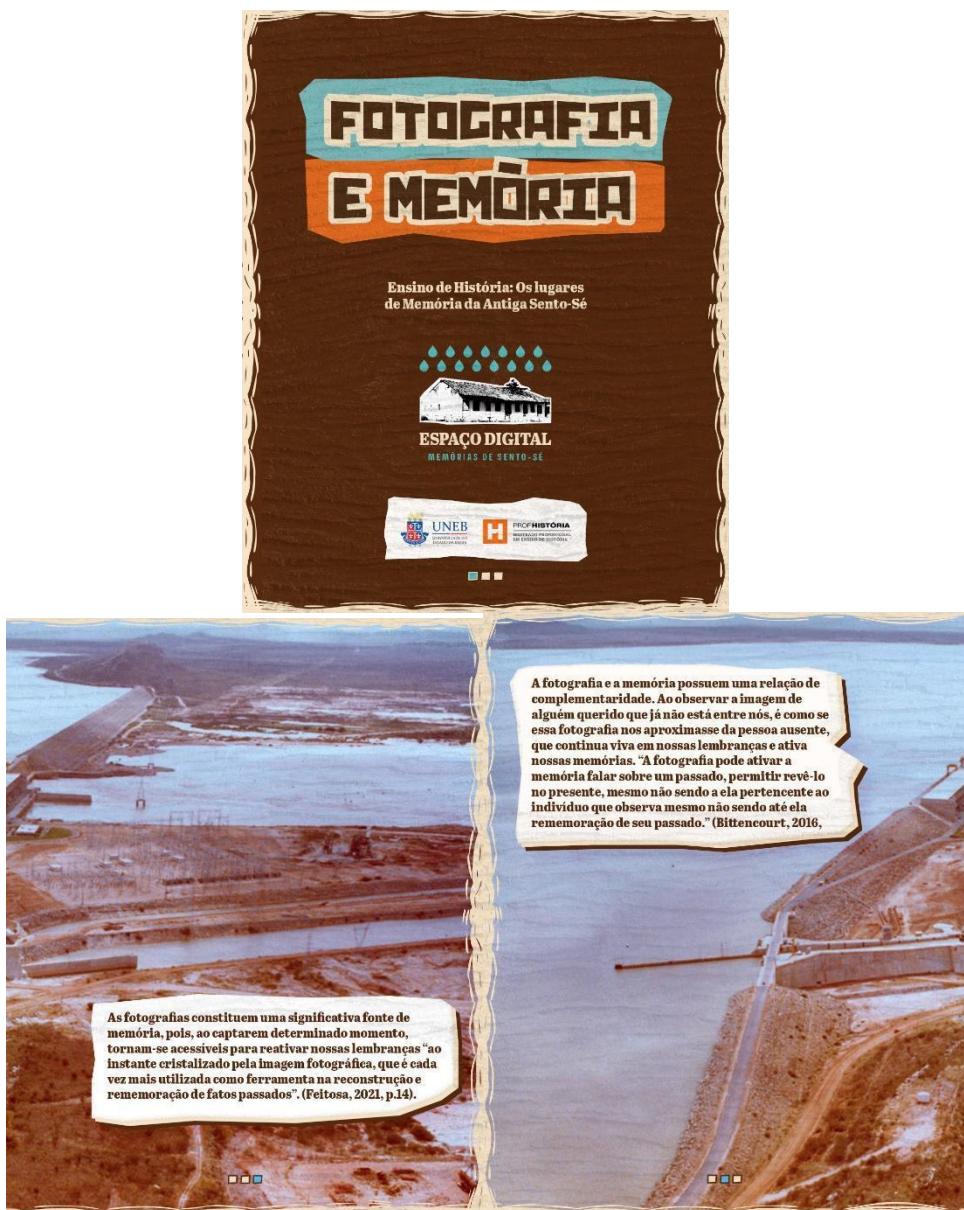
Tabela 3. Eixos Temáticos do Espaço de Memória Digital e objetivos de cada um.

Eixos temáticos	Objetivos
1. Foto e Memória	Revelar os Espaços de Memória da Antiga Sento-Sé
2. Vozes da Memória	Proporcionar aos visitantes uma experiência com os depoimentos
3. Memória Viva: desenhos dos alunos	Socializar as produções dos alunos sobre suas memórias da antiga Sento-Sé
4. A barragem: águas que transformaram vidas	Apresentar a versão das pessoas que tiveram suas vidas transformadas pela construção da barragem de Sobradinho.
5. Trabalhos sobre Sento- Sé: um espaço de curadoria e valorização do conhecimento já produzido	Disseminar os conhecimentos já produzidos sobre a cidade de Sento-Sé

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Inicialmente destaca-se eixo temático 1 - Foto e Memória, primeiro será postado um carrossel (Figura 35), com textos explicativos sobre fotografia e memória, para depois de acordo como o cronograma das atividades, um chamado no *story* chamando a comunidade acessar e compartilhar que memórias essas fotografias suscitam, representaram na vida deles ou representaram, para depois postar no feed, as fotos individuais desses espaços. Com as seguintes perguntas: Você conhece esse espaço? Qual a sua história com eles? as fotos individuais desses lugares, e na legenda terá a fala de um dos entrevistados revelando o que ele traz na memória sobre esses lugares.

Figura 35 - Post 2- Foto e Memória



Fonte: Autora, (2025).

Na sequência, o eixo temático 2, Vozes da Memória apresenta trechos das narrativas em áudio (Figura 36). Com o objetivo de ampliar o alcance e a acessibilidade das memórias registradas nas entrevistas, recorreu-se ao uso da inteligência artificial como ferramenta de mediação entre o conteúdo oral e sua socialização digital. Por meio da plataforma Notebook LN, desenvolvida pela Open AI, foi possível gerar áudios narrados a partir de trechos selecionados das entrevistas realizadas durante a pesquisa. Esse recurso foi utilizado na produção de um conteúdo audiovisual destinado à publicação no Espaço de Memória Digital no Instagram. A escolha pela IA não teve como propósito substituir a voz do entrevistado, mas preservar o anonimato dos colaboradores e, ao mesmo tempo, dialogar com a linguagem das redes sociais.

Figura 36. Post 3-Vozes da Memória



Fonte: Autora, (2025).

Posteriormente, o Eixo Temático 3, Memória Viva: Desenho dos Alunos apresenta produções realizadas pelos estudantes (Figura 37), que representam as memórias que possuem da antiga cidade. Esses desenhos integram a dissertação (capítulo II) e foram elaborados durante as oficinas como atividade diagnóstica, com o objetivo de verificar os conhecimentos que os discentes têm sobre a antiga Sento-Sé e as memórias construídas junto a seus familiares e à comunidade, uma vez que não vivenciaram diretamente esse processo. Abaixo, na figura 7, é possível visualizar como essas atividades foram organizadas em formato de carrossel, facilitando a apresentação sequencial e dinâmica do conteúdo.

Figura 37 - Memória Viva: Desenhos dos alunos

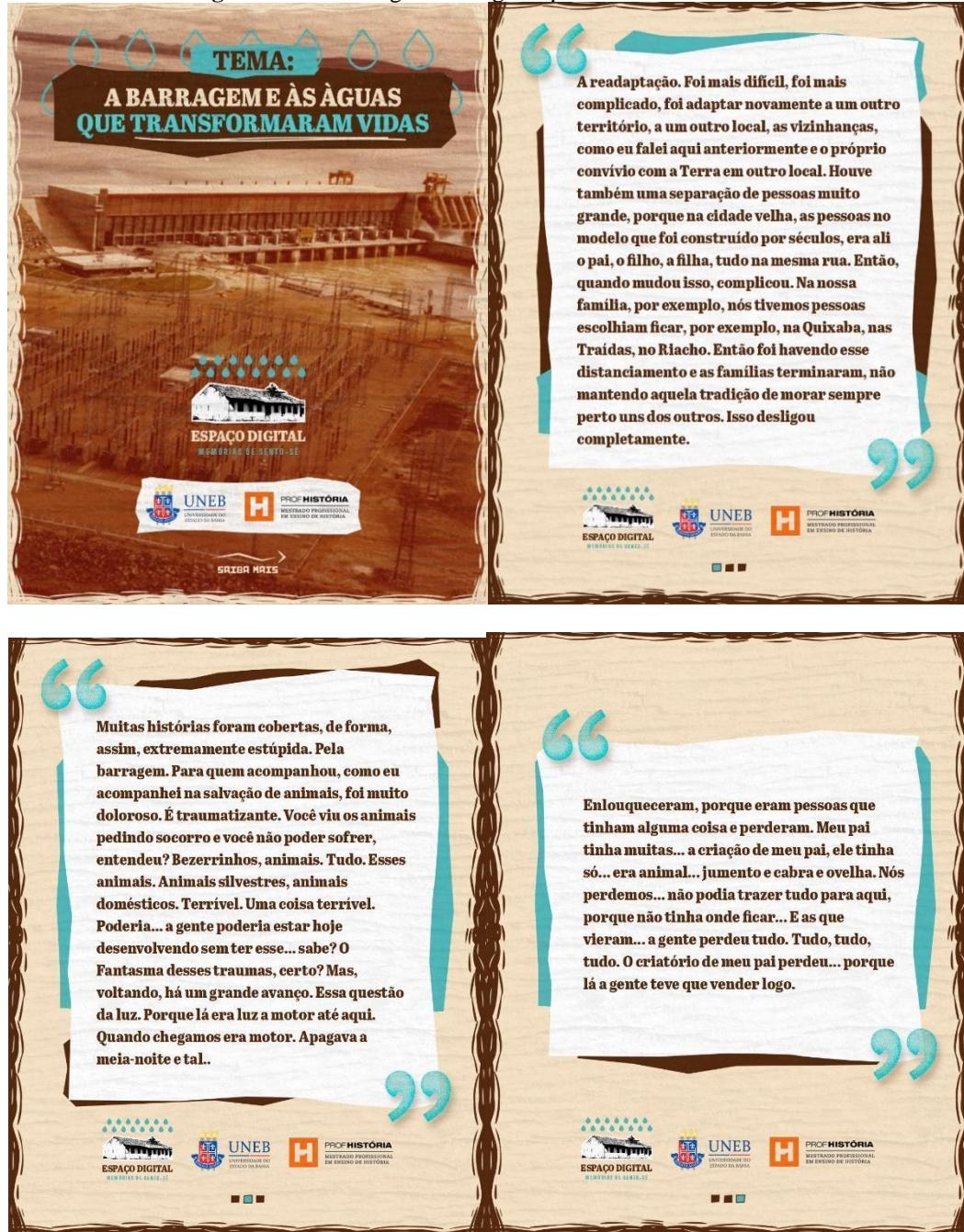




Fonte: Autora, (2025).

Por sua vez, o eixo temático 4, intitulado “A barragem e as águas que transformam vidas”, com uma fotografia da construção da barragem de Sobradinho, acompanhada de trechos das entrevistas em que os colaboradores relatam como esse projeto impactou suas vidas (Figura 38). O objetivo é evidenciar os efeitos deste empreendimento sobre a antiga cidade de Sento-Sé e sua população, apresentando as percepções dos moradores por meio de fragmentos nos quais expressam sentimentos ambíguos: ora reconhecendo os benefícios trazidos pela geração de energia, ora lamentando as perdas materiais e afetivas decorrentes da remoção compulsória. Busca-se, assim, proporcionar ao público uma compreensão das múltiplas dimensões desse processo histórico, incentivando reflexões críticas sobre o “progresso” e suas contradições. Na legenda, haverá um texto breve explicando a construção da barragem de Sobradinho, além de um story convidando o público a participar: Na sua família, o que foi perdido ou transformado com a barragem? Compartilhe sua memória.

Figura 38 - A Barragem e às águas que transformaram vidas



Fonte: Autora, (2025).

Por fim, o Eixo temático 5 trabalhos sobre Sento- Sé: Um espaço de curadoria e valorização do conhecimento já produzido (Figura 39). Com o objetivo de divulgar e facilitar o acesso à pesquisa, reportagens, vídeos documentais que abordam a história da antiga cidade a proposta desse espaço é funcionar como a curadoria digital reunindo e reconhecendo os esforços de diferentes sujeitos pesquisadores educadores estudantes e moradores que ao longo dos anos contribuíram para o fortalecimento da memória coletiva. Os conteúdos foram organizados em postagens de histórias destacados sempre com devido crédito às autoras e autores e acompanhados por breve resumo e links de acesso também foram incluídas sugestões de leitura

e vídeos que abordam o processo de deslocamento das populações ribeirinhas impactos da barragem e a história da cidade antes da inundação.

Figura 39 - Trabalhos sobre Sento-Sé



Fonte: Autora, (2025).

Assim, todos os eixos temáticos articulam-se no sentido de melhor organizar o Espaço de Memória digital no Instagram, compondo um mosaico que valoriza as memórias das pessoas que vivenciaram a antiga Sento-Sé, recriando esses lugares de memórias que foram levados pelas águas e que permanece vivo nas lembranças e abrindo espaço para um debate sobre a construção da barragem e suas consequências.

Portanto, o Espaço de Memória Digital no Instagram, concebido como proposta pedagógica e solução mediadora da aprendizagem (SMA), configura-se como uma ferramenta relevante para o Ensino de História, ao articular memórias, fotografias e a escuta do outro, podendo ser especialmente utilizado nas aulas dessa disciplina. Por meio das entrevistas, fotografias e desenhos, estabeleceu-se um diálogo entre passado e presente, uma vez que as memórias, embora remetam a fatos passados, são construídas no presente pelos sujeitos. Verificou-se que as narrativas orais e as imagens não resgatam apenas o espaço físico da cidade submersa, mas também evocam afetos e sentimentos, fomentando discussões significativas sobre os grandes projetos de construção de barragens. Assim, buscou-se criar, no Espaço de Memória Digital, um ambiente em que a comunidade possa interagir e compartilhar suas memórias, ampliando o acervo e os debates em torno dessa história.

Considerações Finais

Os primeiros meses do percurso acadêmico, especialmente durante as disciplinas, foram um verdadeiro teste de resistência. A vontade de desistir era um pensamento constante, alimentado pela carga de trabalho, pelas longas viagens para assistir às aulas e pelos cochilos inevitáveis em sala, já que não conseguia dormir durante o trajeto. Ainda sem licença, precisava percorrer mais de 700 km entre Sento-Sé e Salvador, ida e volta, a cada compromisso, uma jornada exaustiva que exigiu imensa resiliência, mas que, de algum modo, consegui superar.

Em muitos momentos da pesquisa, meu “baú de memórias” era acionado, trazendo lembranças do convívio com minhas avós e dos tempos de infância. Posso afirmar que, apesar das dificuldades, o trabalho foi gratificante. A leitura de *Memória Coletiva*, de Maurice Halbwachs, mostrou-se densa, cansativa e, confesso, de difícil compreensão. Ainda assim, aos poucos, fui me situando.

Essa dificuldade me fez olhar para meus alunos com mais sensibilidade. Percebi que o que lhes ensino pode ser tão complexo quanto foi para mim como algumas leituras, mesmo já tendo formação. Colocar-me no lugar do aluno é fundamental para nossa prática: faz-nos repensar o tempo todo e buscar formas de dinamizar as aulas, para que consigam entender o que comunicamos, o que muitas vezes, para eles, soa como “grego”. Em vários momentos da pesquisa, senti-me como meus alunos quando não entendem nada: perdida, assustada, sentindo-me incapaz.

A escrita acadêmica, com seu emaranhado de teorias e exigências formais, muitas vezes me deixava num ritmo lento. A dúvida “o que estou fazendo aqui?” era presença constante. A pesquisa é, por si só, uma tarefa árdua, mas o desejo de aprimorar o conhecimento e, sobretudo, a escrita, sempre funcionou como impulso. Ao adentrar esse ambiente acadêmico, percebi claramente o quanto minha escrita precisava evoluir. Persisti, porque sou insistente, e sei que ainda há muito a melhorar. Nesse processo, a paciência da professora Sara Oliveira Farias foi essencial.

O medo e a insegurança tornaram-se companheiros frequentes “será que vou dar conta?” Nos últimos meses, acordei muitas vezes angustiada, pois a produção textual é, por natureza, instável: há dias de fluidez e produtividade, e outros em que o bloqueio traz uma espécie de “ressaca moral”, com peso de culpa e frustração. Essa angústia se intensificou nos últimos meses, agravada por questões pessoais que, por vezes, me afastaram do trabalho acadêmico. Afinal, a vida não se resume à academia; existem demandas e desafios próprios, que por vezes nos levam a pensar em desistir. Curiosamente, a pesquisa, embora gerasse esse turbilhão de

emoções, também me ajudou a atravessar questões pessoais e ensinou uma lição valiosa: o tempo é precioso, e não devemos esperar por momentos tranquilos para tomar decisões, pois essa calmaria pode demorar, ou talvez nunca chegue, enquanto a vida segue, independentemente das circunstâncias.

Outro desafio foi lidar com o Conselho de Ética, cujas exigências para aprovação do projeto muitas vezes me tiraram o sono. Acredito ser necessário rever esses critérios impostos pelas instituições, pois o pesquisador já enfrenta inúmeras demandas e prazos apertados.

Apesar de todos os obstáculos, carrego um valioso aprendizado e um profundo sentimento de gratidão. Esta experiência me fez compreender a necessidade de repensar o ensino de História: o modelo tradicional, restrito ao livro didático, não atende mais às demandas do presente. Ao enxergar a sala de aula como um verdadeiro laboratório de pesquisa, que exige análises e ajustes constantes, percebi o impacto positivo de metodologias alternativas. As aulas em formato de oficina mostraram-se eficazes ao despertar a curiosidade, a atenção e o envolvimento ativo dos alunos, inclusive nas turmas mais desafiadoras. As entrevistas, parte central da pesquisa, foram riquíssimas: proporcionaram o exercício da escuta, ainda que houvesse momentos de dispersão e trouxeram conhecimentos significativos sobre as memórias da antiga cidade, compartilhadas pelos colaboradores. Além disso, nunca mais olharei uma fotografia da mesma forma; agora a observo pelas “lentes do invisível”.

A proposta de Solução Mediadora da Aprendizagem (SMA), o Espaço de Memória Digital no Instagram, resultado desta pesquisa, buscou criar não apenas um repositório de imagens e narrativas sobre a antiga Sento-Sé, mas, sobretudo, um ambiente interativo para que a comunidade possa visitar e compartilhar suas memórias. Embora ainda não tenha sido implementado em sala de aula, espera-se que, com a mediação do professor, se torne uma importante ferramenta pedagógica nas aulas de História ou em disciplinas que abordem a cidade de Sento-Sé, podendo ser explorado de diversas formas. Assim, abre-se espaço para novas pesquisas e práticas pedagógicas no ensino de História, com um enfoque voltado à Educação Patrimonial.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral.** 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

ALBERTI, Verena. O professor de história e o ensino de questões sensíveis e controversas [palestra]. **IV Colóquio Nacional de História Cultural e Sensibilidades**, Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Caicó (RN), 17 a 21 nov. 2014.

AMARAL, A. R. P. A nova Sento-Sé e os impactos socioambientais provocados pela construção da barragem de sobradinho. **Revista Ouricuri**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 88–101, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri/article/view/17046>.

AMARAL, A. R. P. **Análise dos Impactos Socioambientais Provocados Pela Construção Barragem de Sobradinho em Sento-Sé Bahia.** Dissertação de Mestrado Programa em Ecologia Humana (PPGEcoh). UNEB, Juazeiro(BA), 2019.

AMARAL, A. R. P. Sento-Sé: memórias de uma cidade submersa. 1. ed. São Paulo: **Lisbon Internacional Press**, 2020.

AMARAL, A. R. P. **Ecologia e memória de Sento Sé BA** [documentário]. YouTube, 27 ago. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rp4ImFPughU>.

AMARAL, A. R. P. A Velha Sento-Sé e o patrimônio material e imaterial submersos pelas águas da Barragem de Sobradinho. **Revista Memória em Rede**, v. 13, n. 25, p. 31–46, 2021.

AMORIM, R. M. de; SILVA, C. G. da. O uso das imagens no ensino de História: reflexão sobre o uso e a interpretação das imagens dos povos indígenas. **História & Ensino**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 165–187, 2016. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensoino/article/view/26263>.

ANDRADE, F. V. Ensino de história frente às tecnologias digitais: um olhar sobre a prática. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 172–195, 2018. DOI: 10.20949/rhhj.v7i14.363. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/363>.

ANTUNES, A. Fotografia ilustrando o desenvolvimento urbano de Sento-Sé [fotografia]. In: OLIVEIRA, Maria. **Sento-Sé celebra 47 anos de história sendo considerada uma cidade de oportunidades e em pleno desenvolvimento.** Sento-Sé: Prefeitura Municipal de Sento-Sé Bahia, 16 out. 2023. Disponível em: <https://www.sentose.ba.gov.br/sento-se-celebra-47-anos-de-historia-sendo-considerada-uma-cidade-de-oportunidades-e-em-pleno-desenvolvimento/>.

BARROS, E. R. O que ficou sob as águas: ensaio etnográfico de uma população relocada. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

BARROS, J. D. A. **Fontes Históricas: uma introdução aos seus usos historiográficos.** Petrópolis: Vozes, 2019.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

BLOCH, M. **Apologia da história.** Zahar, 2002.

BRASIL. Ato Institucional n.º 1, de 9 de abril de 1964. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 abr. 1964.

BRASIL. Decreto-Lei n.º 869, de 12 de setembro de 1969. Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-869-12-setembro-1969-375468-publicacaooriginal-1-pe.html>.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Panorama: Sento-Sé – BA. Rio de Janeiro: IBGE, [2021]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sento-se/panorama>. Acesso em: 30 jul. 2024.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Relatório de atividades 2017. Brasília: Ipea, 2018.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Portaria n.º 137, de 28 de abril de 2016. Dispõe sobre diretrizes de educação patrimonial no âmbito do IPHAN e das Casas do Patrimônio. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 29 abr. 2016.

CAIMI, F. E. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? *Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 129–150, dez. 2008.

CANTOR, G.(pseud.). Morador de Sento-Sé. Entrevista concedida a: Luana Ribeiro de Carvalho. Sento-Sé, 16 jul. 2025.

CASSAB, L. A.; RUSCHEINSKY, A. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **BIBLOS: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 16, p. 7–24, 2004.

CAVALCANTI, E. O lugar do ensino de História nas licenciaturas em História no Brasil: saberes, reflexões e desafios. **Revista História Hoje**, 11(22), 247–272, 2022.

CHICÓ, L.(pseud.). Morador de Sento-Sé. Entrevista concedida a: Luana Ribeiro de Carvalho. Sento-Sé, 18 jul. 2025.

COELHO, G. L. S.; SILVA, L. S. G. M. da; SENIUK, T.; SILVA, T. M. F. da. Entre o esperado e o real: tecnologias digitais, ensino e manuais didáticos de História. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 11, n. 23, p. 102–127, 2022.

COMPANHIA HIDRELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO – CHESF. Missão, Visão e Valores. Recife: CHESF, [s. d.]. Disponível em: <https://www.chesf.com.br/empresa/Pages/MissaoVisaoValores/MissaoVisaoValores.aspx>.

COSTA, A. L. M. **Uma retirada insólita: deslocamento e sociabilidade na implantação da UHE Sobradinho**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 1990

ESTRELA, E.S. **Três felicidades e um desengano: a experiência dos beradeiros de Sobradinho em Serra do Ramalho – BA**. 2004. Tese (Doutorado em História) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

ESTRELA, E. S. Descompassos e dissonâncias em torno das Agrovilas de Serra do Ramalho-Ba. Anais II Encontro Ciências Sociais e Barragens, Salvador, 2007.

ESTRELA, M(pseud.). Moradora de Sento-Sé. Entrevista concedida a: Luana Ribeiro de Carvalho. Sento-Sé, 17 jul. 2025.

FARIAS, S.O. **Enredos e tramas nas minas de ouro de Jacobina**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. 346.p.

FAVA, Rui. **Educação 3.0: aplicando o PDCA nas instituições de ensino**. São Paulo: Saraiva Uni, 1. ed., 2014. 280 p. ISBN 978-85-0222-128-4.

FEITOSA, V. A. **Fotografia e Memória: A Festa do Divino Espírito Santo em Crixás - Goiás**. 2021. 395 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Estratégica) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2021.

FELIZARDO, A.; SAMAIN, E. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos Fotográficos**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 205–220, 2007. DOI: 10.5433/1984-7939.2007v3n3p205. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1500>.

FERREIRA, C. A. L. Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação. **Revista Mosaico**, v. 8, n. 2, p. 173-182, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 87^a Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

FREITAS, A. S. **Ensino de História e Mundo do Trabalho: desenvolvimento de Memorial digital acerca das relações de trabalho na produção de artefatos de couro em Ipirá-Ba**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2022.

FREYRE, G. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 52. ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

FUNDAÇÃO GARCIA D'ÁVILA. **Castelo Garcia D'Ávila (Casa da Torre)**. Praia do Forte, BA: Fundação Garcia D'Ávila, [s.d.]. Disponível em: <https://fgd.org.br/castelo/>.

G1 BA. **Justiça determina que Chesf indenize famílias ribeirinhas que deixaram casas para construção da barragem de Sobradinho**. G1, 30 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/03/30/justica-determina-que-chesf-indenize-familias-ribeirinhas-que-deixaram-casas-para-construcao-da-barragem-de-sobradinho.ghtml>.

GIL, C. Z. de V. Memória. In: FERREIRA, Márcia Motta; OLIVEIRA, Daniela Mônica de (Org.). **Dicionário de ensino de História**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2019. p.10

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KERN, J. P. M. Remeiros do São Francisco: expansão, comércio e costumes nos caminhos do rio. In: ROSAS, Lúcia; SOUSA, Ana Cristina; BARREIRA, Hugo (Coord.). **Genius Loci: lugares e significados | Places and meanings**. Volume 3. Porto: CITCEM, 2018.

KMIECÍK, D. S. **O desenho como narrativa e a aprendizagem histórica**. 2020. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

LE GOFF J. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990. LEAL V. R. **Sento-Sé: rico e ignoto**. [S.l.]: [s.n.], 1957.

MACEDO, A. L. **História e memória de Plataforma (Salvador-BA)**. 2018. 156 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018. LIMA FERREIRA, C. A.; OLIVEIRA DE SOUSA, J. História,

memória e desenho para a educação na perspectiva da performance cultural. **Anais do Seminário do Programa de Pós- Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/AnaisPPGDCI/article/view/8068>.

MAPA DE CONFLITOS. Comunidades rurais de Sento-Sé (BA) e Tombador: Iron Mineração. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/comunidades-rurais-de-sento-se-ba-e-tombador-iron-mineracao/>.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história – interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 8, 1996.

MAUAD, A.M. Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar. História da Educação, Porto Alegre, v. 19, n. 47, p. 81-108, set./dez. 2015. DOI: 10.1590/2236-3459/47244

MEIHY, J.C.S B.; HOLANDA F. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo Contexto, 2023.

MILANI, V. G. Em direção aos multiletramentos: integrando Voyant Tools e artigos metodológicos em vídeo do JoVE para o ensino de língua inglesa. **LínguaTec**, Bento Gonçalves, v. 9, n. 1, p. 1–19, 2024.

MONTEIRO, A. M. Formação de professores: entre demandas e projetos. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 19–42, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v2i3.63>.

MONTEIRO, Ana Maria. Ensino de História: entre história e memória. História e educação: territórios em convergência. Vitória: UFES/PPGH, p. 59-80, 2007.

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS – MAB. Manual do atingido [online]. [S.1.]: MAB, [2021?]. Disponível em: <https://mab.org.br/publicacao/manual-datingido/>.

NARRADORES DE JAVÉ. Direção: Eliane Caffé. Produção: Bananeira Filmes; Riofilme; VideoFilmes. Rio de Janeiro: Riofilme, 2003. 1 DVD (100 min), widescreen, color.

NEVES, S. D. das. 50 anos da construção da Barragem de Sobradinho e agricultura familiar: uma análise dos seus impactos a partir da gestão social. 2023. Tese (Doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Espaço Plural, Juazeiro-BA, 2023.

NORA, P. Entre Memória e História: A problemática dos Lugares. Projeto História. São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, E. D. F. de; GRUBITS, S. O desenho na Gestalt-terapia: a versatilidade dos traços em interface com a prática clínica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. spe, p. 1036–1050, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000400012&lng=pt&nrm=iso.

OLIVEIRA, Priscila Patrícia Moura. Et al. **Utilização pedagógica da rede social Instagram.** **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano 06, Ed. 02, Vol. 13, pp.

05-17. Fevereiro de 2021. Acesso em abril 2024. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/utilizacao-pedagogica>.

ORIÁ, R. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe. (org.) **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2002.

PAIXÃO, E. C. da. Por que a chamamos Sento Sé?: “Séde de uma herdade cultivada”. Sento Sé, dez. 2023.

PENA, L. A. Construção da Usina Hidrelétrica de Sobradinho. [Fotografia]. Disponível em: <https://memoriadaelectricidade.com.br/acervo/@id/1291>.

PORTILHO DOS SANTOS, A. R. dos S. A memória fundamenta as noções de patrimônio histórico e cultural. In: TEIXEIRA, S.; PORTILHO DOS SANTOS, A. R. dos S.; TORRES,

W. N. (orgs.). **Educação patrimonial: abordagens e atividades educativas com os patrimônios** [e-book]. Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2021.

QUARANTA, G. Agricultura de sequeiro. Lucinda: Land Care in Desertification Affected Areas, 1999.

REZENDE, M. J. de. A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade 1964–1984. Londrina: Ed. UEL, 2001.

ROCHA, H. A. B. Aula de História: evento, ideia e escrita. **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 83-103, 2015.

ROSÁRIO, D. F. do. Fotografia como mediadora no ensino de História: mudanças e permanências na cidade de Camaçari percebidas pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. 2022. 175 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA) – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus I, Salvador, 2022.

ROSTAS, M. H. S. G.; DE ABREU, A. K. O discurso pedagógico na ditadura militar: Educação Moral e Cívica & currículo escolar. Educação: **Revista do Centro de Educação**, v. 41, n. 2, p. 387–398, 2016.

ROVAI, M. G. de O.; SANTHIAGO, R. (orgs.). História oral como experiência: reflexões metodológicas a partir de práticas de pesquisa. Teresina: Cancioneiro, 2021.

SÁ, A. T. A potencialidade da imagem fotográfica como mediadora: questões epistemológicas. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 7, n. 1, p. 62–86, 2020.

SÁ, L. C.; GUARABYRA, G. Sobradinho. In: Sá, Rodrix e Guarabyra. Terra. [S. l.]: EMI-Odeon, 1977. 1 disco de vinil.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. História oral na sala de aula. São Paulo: Autêntica, 2015.

SINHÁ, I.(pseud.). Moradora de Sento-Sé. Entrevista concedida a: Luana Ribeiro de Carvalho. Sento-Sé, 16 jul. 2025

SILVA, E. M. da. Desterritorialização sob as águas de Sobradinho: ganhos e desenganos, 2010. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, 2010

SILVA, J. A A terceira década perdida da economia brasileira: os anos de 2010 a 2019. **Revista de Economía del Caribe**, [S. l.], n. 33, p. 1–29, 2019.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

TUREL, O.; TOMER, O.; SHKIT, E.; et al. Examination of neural systems sub-serving Facebook “addiction”. **Psychological Reports**, v. 115, n. 3, p. 675–695, 2014.

VALENTE, N. D. **Jacundá-PA, a cidade perdida: memórias emergidas 1984-2021**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História-PROFHISTÓRIA Universidade do Sul e Sudoeste do Pará, 2022.

VERENA. **O Manual de História Oral**. 3 ed., rio de janeiro, FGV, 2013.

VICTOR ARAÚJO, R. O uso de redes sociais como prática no ensino de história. **Jamaxi**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/1721>.

VIEIRA, R. L. **Sento-Sé – Rico e Ignoto**. Salvador. Imprensa Oficial da Bahia, 1957.

VIERA, F. A. da C.; MAUREY, A.; ARAÚJO, T. Marcas do que se foi: ufanismo e propaganda na ditadura no Brasil. **Entropia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 172–201, 2023.

ZAVALA, A. Pensar teoricamente a prática do ensino de história. **Revista História Hoje**, v. 4, n. 8, p. 181-203, dez. 2015.

ANEXO 1. Fotografias da antiga Sento-Sé**Foto 01 – Rua principal da antiga Sento-sé**

Fonte: Autor desconhecido. s.d. Disponível em: <<https://sentosebahia.wixsite.com/sentose>>. Acesso em: 10 jun. 2025

**Foto 02 – A cidade**

Fonte: Autor desconhecido. s.d. Disponível . <https://meussertoes.com.br/memorias-de-sento-se/> Acesso em: 10 jun. 2025



Foto 03 – Praça Central



Fonte: Autor desconhecido. Fotografia da Casa Grande, s.d. Disponível em: <<https://sentosebahia.wixsite.com/sentose>>. Acesso em: 10 jun. 2025

Foto 04 – Casas e Quartel



Fonte: Acervo pessoal Marlene Cruz do Nascimento

Foto 05 – Ciserta e Fossaário



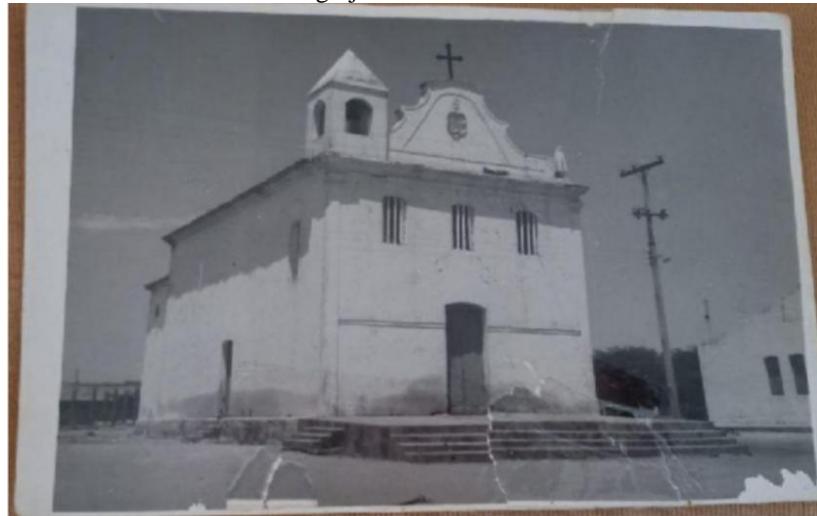
Fonte: Acervo pessoal Marlene Cruz do Nascimento

Foto 06 – Igreja Congregacional



Fonte: Acervo pessoal Marlene Cruz do Nascimento

Foto 07 – Igreja Matriz de São José



Fonte: Acervo pessoal Marlene Cruz do Nascimento

Foto 08 - Hospital Regional de Sento-Sé



Fonte: Acervo pessoal Marlene Cruz do Nascimento

Fotografia 9 – Colégio Dr. Juca Sento-Sé



Fonte: Acervo pessoal Marlene Cruz do Nascimento

Foto 10 - Caixa d' água



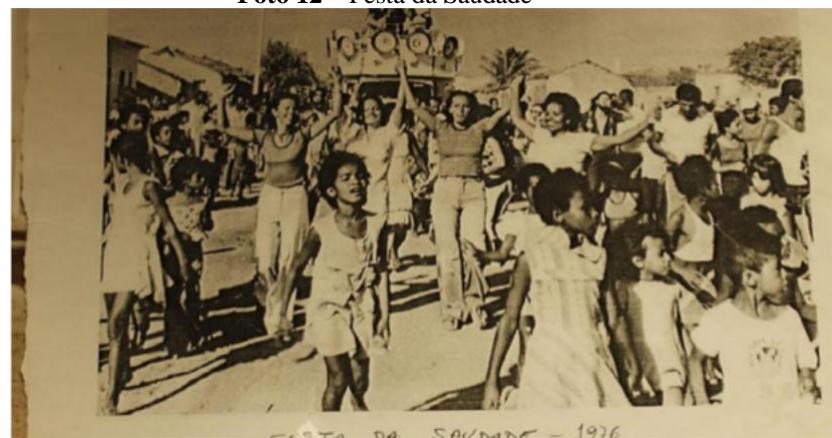
Fonte: Acervo pessoal Marlene Cruz do Nascimento

Foto 11 – Casa Grande



Fonte: Autor desconhecido. Fotografia da Casa Grande, s.d. Disponível em: <<https://sentosebahia.wixsite.com/sentose>>. Acesso em: 10 jun. 2025

Foto 12 – Festa da Saudade



Fonte: Autor desconhecido. s.d. Disponível em: <<https://sentosebahia.wixsite.com/sentose>>. Acesso em: 10 jun. 2025

Foto 13 – Festa da Despedida



Fonte: Acervo pessoal Socorro Reis

Foto 14 – Hangar do Padre Marcos



Fonte: Acervo pessoal Marlene Cruz do Nascimento

Foto 15 – Ruas da Cidade



Fonte: Acervo pessoal Marlene Cruz do Nascimento

Foto 16 – A demolição



Fonte: Acervo pessoal família Sento-Sé, reproduzido em AMARAL,2012. p.19

Foto 17 - Bar Estréla



Fonte: Acervo pessoal família Sento-Sé, reproduzido em AMARAL,2012. p.20